

PREFEITURA MUNICIPAL DE COLATINA - ES
SEMED - SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

**PROPOSTA CURRICULAR: RESSIGNIFICANDO AS PRÁTICAS DA
EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE COLATINA**



COLATINA/ES
2016

Prefeito

Leonardo Deptuski

Secretária de Municipal de Educação

Maria Auxiliadora Torezani de Oliveira

Superintendente de Formação

Cidimar Andreatta

Assessora Técnico-pedagógica de Formação

Ruslane Marcelino de Mello Campos Novais

Professoras Formadoras do FOCO - Formação Continuada em serviço da Educação Infantil e autoras do documento

Janice Soares Caliar

Maria Elisa Trevisani Pinotti

Revisão

Marleide Pimentel Miranda Gava

Lucinei Maria Bergami



A missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar potente, aberto e livre.

Edgar Morin, 2000

TRANÇANDO HISTÓRIAS

Todas as histórias do mundo não ficam guardadas numa cabeça só, por maior que seja. Ficam é em todas as cabeças do mundo. É preciso trocar os fios pra lá e pra cá, traçar o que cada um vai tecendo. Se não, ninguém faz teia nenhuma. E num fio solto ninguém pode morar. Pra se ficar vivendo, precisa de uma teia (MACHADO, 1984, p. 51).

Fio a fio, o município de Colatina vem tecendo a história da Educação Infantil, construída por muitas mãos que se unem em seus fazeres na busca por proporcionar práticas de educação e cuidado que visem à garantia do desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos.

Entendendo a aprendizagem como um processo contínuo, a Lei de Diretrizes e Bases assegura o aperfeiçoamento profissional continuado e período reservado a estudos, planejamento e à avaliação, incluídos na carga horária de formação. Em consonância com a LDB, desde o ano de 2005, o município de Colatina vem assegurando aos profissionais da Educação Infantil a participação em encontros para fomentar discussões sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas.

A princípio, esses encontros eram realizados nas escolas, quinzenalmente, com a participação de professoras, auxiliares e diretoras. Posteriormente, passaram a ser mensais, em espaço específico e com duração de quatro horas presenciais, atendendo cada profissional em seu horário de trabalho.

Diante de uma nova estrutura, com turmas organizadas por professoras que trabalhavam com a mesma faixa etária, foi possível perceber o retrato do trabalho realizado nas escolas com mais especificidade, o que favoreceu uma troca entre as educadoras, que partilhavam experiências, dificuldades, dúvidas, avaliavam a rotina desenvolvida no espaço escolar e construía novas práticas.

Nesse sentido, trocando “os fios pra lá e pra cá”, as experiências entre nós, formadoras e professoras foram traçando novos rumos para as práticas cotidianas. Os encontros proporcionaram oportunidades de analisar os documentos norteadores do trabalho na Educação Infantil e refletir sobre como realizar práticas que realmente envolvessem o cuidar e o educar de forma indissociável, já que ainda tínhamos resquícios de uma visão assistencialista nos fazeres das escolas. Durante os

estudos dialogamos, vivenciamos atividades e dinâmicas, lemos, apresentamos relatos, confeccionamos materiais, concordamos e discordamos com muitas questões.

A partir dos desafios encontrados, cada um comportava em sua cabeça uma história. Essas histórias iam se concretizando no chão da escola, na maneira como experimentava colocar o que havia sido discutido em prática. Algumas vezes parecia ser impossível, outras, contagiante. E assim, amarrando os fios de ideias trançados nos encontros, foram se configurando experiências diversas, que possibilitavam enxergar o potencial das crianças, como: a leitura de histórias diária, a intencionalidade do planejamento, a brincadeira dentro e fora da sala, as interações entre bebês e crianças maiores, a organização de cantinhos, a aproximação com as famílias e muitas outras.

Assim, chegou o momento de “traçar o que cada um vai tecendo. Se não, ninguém faz teia nenhuma”. Considerando as muitas vozes reveladas num processo contínuo de estudo e avaliação das práticas, surgiu, então, a necessidade de elaborar um documento que pudesse subsidiar as instituições de Educação Infantil na construção de suas propostas pedagógicas e orientar os profissionais na realização do trabalho com crianças de 0 a 5 anos, em conformidade com as orientações previstas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI).

Considerando que toda proposta deve ser flexível, o objetivo desse documento não é ser seguido rigorosamente, mas apresentar-se como uma referência norteadora, contribuindo com a elaboração do currículo de cada instituição. Temos, ainda, a convicção de que encontros para estudo e reflexão são fundamentais para prosseguir na construção da história, que acreditamos ser a imagem de uma Educação Infantil de qualidade, que permita o desenvolvimento integral da criança, enxergando-a como um sujeito histórico e de direitos, que nas relações com o outro constrói sua identidade pessoal e coletiva.

Professoras Formadoras do FOCO da Educação Infantil

SUMÁRIO

1 DISCUTINDO O CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	8
2 CONHECENDO UM POUCO DA HISTÓRIA	11
3. PENSANDO AS PRÁTICAS COTIDIANAS A PARTIR DA DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL	13
3.1 RESSIGNIFICANDO O OLHAR EM RELAÇÃO À CONCEPÇÃO DE CRIANÇA PROPOSTA NAS DCNEI	15
3.2 INDISSOCIABILIDADE ENTRE CUIDAR E EDUCAR	18
3.3 INTERAÇÕES E BRINCADEIRA	19
3.4 A IMPORTÂNCIA DOS ESPAÇOS, TEMPOS E MATERIAIS NA ORGANIZAÇÃO DO COTIDIANO	22
3.5 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO COM A COMUNIDADE E A FAMÍLIA	35
3.6 A EDUCAÇÃO INFANTIL NUMA PERSPECTIVA INCLUSIVA.....	38
3.7 A EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUA ESPECIFICIDADE	43
4 A ORGANIZAÇÃO DO CURRÍCULO DE ACORDO COM A BNCC	45
5 CAMPOS DE EXPERIÊNCIA, DIREITOS E OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM.....	52
5.1 CAMPO DE EXPERIÊNCIA: O EU, O OUTRO E O NÓS	52
5.1.1 Direitos de Aprendizagem	53
5.1.2 Objetivos de Aprendizagem	54
5.1.3 Experiências	55
5.2 CAMPO DE EXPERIÊNCIA: CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS	58
5.2.1 Direitos de Aprendizagem	58
5.2.2 Objetivos de Aprendizagem	60
5.2.3 Experiências	61
5.3 CAMPO DE EXPERIÊNCIA: ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO	63
5.3.1 Direitos de Aprendizagem	64
5.3.2 Objetivos de Aprendizagem	65
5.3.3 Experiências	66
5.4 CAMPO DE EXPERIÊNCIA: TRAÇOS, SONS, CORES E IMAGENS	70
5.4.1 Direitos de Aprendizagem	71
5.4.2 Objetivos de Aprendizagem	72

5.4.3 Experiências	73
5.5 CAMPO DE EXPERIÊNCIA: ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES	76
5.5.1 Direitos de Aprendizagem	77
5.5.2 Objetivos de Aprendizagem	78
5.5.3 Experiências	79
6 O PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	85
7 AVALIAÇÃO	92
7.1 INSTRUMENTOS DE ACOMPANHAMENTO E REGISTRO	97
7.2 TRANSIÇÃO – QUESTÃO A SE CONSIDERAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL	100
REFERÊNCIAS	102
ANEXOS	105

1 DISCUTINDO O CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Esta proposta é fruto de um processo de estudo dos documentos que orientam as práticas com crianças de 0 a 5 anos e de reflexão a partir de discussões realizadas em encontros de formação continuada com profissionais que atuam na Educação Infantil, no município de Colatina. Nada mais é do que um plano orientador do trabalho pedagógico das instituições, elaborado a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI),¹ que estabelece o que se pretende para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças desta faixa etária, considerando as orientações preliminares apresentadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em relação a esta etapa de escolarização.

Na busca por definição de princípios e diretrizes que possam orientar práticas pedagógicas que têm como eixos norteadores as interações e a brincadeira, optou-se pela organização do currículo estruturado por campos de experiência, conforme proposto na BNCC. Essa opção resulta do entendimento de que os saberes e conhecimentos se articulam na busca por alcançar determinados objetivos, que se cumprem plenamente por meio do papel mediador da professora².

Para tanto, é fundamental a elaboração de rotinas diárias planejadas com intencionalidade, desde o momento em que a criança chega à instituição até seu retorno para casa. Dessa forma, a professora pode perceber que as atividades pedagógicas são as experiências que ela proporciona às



crianças nas interações que estabelecem com as pessoas e com o ambiente, vivenciando situações “lúdicas, estéticas, de aconchego, de respeito, de autonomia, de cooperação, de investigação, de experimentação, de leitura, de diálogo, de raciocínio” (SALLES, 2012, p. 78-79).

¹ Anexo 1

² Será utilizado o gênero feminino em decorrência do quadro do magistério da Educação Infantil no município de Colatina, atualmente, ser composto apenas por mulheres.

Nesse contexto, pensar e elaborar um currículo de uma instituição de Educação Infantil significa articular as experiências vivenciadas com as crianças a partir de seus saberes e manifestações, associadas àquilo que consideramos importante que elas conheçam do patrimônio da humanidade, resguardando especial atenção às



especificidades de cada faixa etária, ao contexto social em que a comunidade está inserida, às características regionais e às festividades locais, propondo brincadeiras que dialoguem com as tradições culturais a que as crianças pertencem. Sob esta ótica, a escola é compreendida como espaço coletivo que propiciará aprendizagens

diversas que envolvem o brincar, o conviver, o explorar, o contar, o imaginar, o desenhar, o jogar, enfim, diferentes formas de ver e expressar o mundo além das aprendizagens compartilhadas com a família.

Para uma melhor compreensão do currículo como um “conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico” (DCNEI, 2010, p. 12), utilizaremos as ideias de Silvana de Oliveira Augusto (2013, p. 20-21), quando afirma que “a experiência é fruto de uma elaboração, portanto mobiliza diretamente o sujeito, deixa marcas, produz sentidos que podem ser recuperados na vivência de outras situações semelhantes”.



Entender a experiência como algo que nos transforma, constituindo-se em aprendizado constante, significa considerar a criança como sujeito que tem ideias, opiniões, capacidade de decidir, de criar, de inventar e de se manifestar, desde muito pequena, por meio de seus movimentos, expressões, balbúcio e fala. Essa forma de compreender garante o protagonismo da criança, permitindo que a professora planeje a partir do seu ponto de vista, atendendo ao

sentido que ela dá a cada atividade, e não à mera relação de ações do adulto no cotidiano da turma.



Para colocar em prática as orientações das Diretrizes da Educação Infantil quanto ao currículo, é necessário apurar o olhar para a criança, questionando-se a respeito do que sabe, o que gosta, como pensa o mundo, como se manifesta, o que conhece e o que

deseja saber. São perguntas que toda professora deve se fazer sempre, a fim de buscar um planejamento mais adequado para as crianças com as quais convive.

Essa forma de considerar a criança tem a intenção de romper com um trabalho pedagógico centrado exclusivamente nas decisões da professora, orientado por práticas descontextualizadas, organizadas por conteúdos fragmentados, conforme explicita o Parecer 20 quando afirma que “devem ser abolidos os procedimentos que não reconhecem a atividade criadora e [...] que apenas promovam atividades mecânicas, de treinamento, e não significativas para as crianças” (2009, p. 14).

Por fim, é pertinente lembrar que a professora também aprende nas experiências que estabelece com seus pares e seu grupo de crianças, enriquecendo sua história

de vida profissional. Isso permite pensar que o movimento de aprendizagem é contínuo e que a possibilidade de planejar as ideias contidas nesse documento, relacioná-las a conhecimentos teóricos discutidos, ouvir e observar as crianças, refletir com os colegas, avaliar o processo e verificar resultados são ações que permitirão, ao longo do tempo, vivenciar,



realmente, uma experiência que deixa marcas, que transforma: a experiência de ser professora.

2 CONHECENDO UM POUCO DA HISTÓRIA

Historicamente, as instituições de Educação Infantil têm organizado o currículo de diferentes maneiras: por área do conhecimento, por eixos de trabalho, listagem de atividades, por datas comemorativas, projetos e outras. Cada uma dessas formas de organização reflete concepções de criança e de aprendizagem, demonstrando uma indefinição de diretrizes que revelem com maior clareza a identidade desta etapa da Educação Básica.

Na ausência de diretrizes que nortegassem a elaboração do currículo, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), lançado em 1998, foi o parâmetro utilizado pelas instituições de Educação Infantil dos municípios durante alguns anos.

Com o intuito de implementar políticas públicas comprometidas com a qualidade da Educação Infantil, em 2009, com a revisão e atualização das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), foi fixado um documento legal que apresentasse uma definição clara de currículo para crianças de 0 a 5 anos, a Resolução do CNE/CEB nº 05, de 17 de dezembro de 2009, efetivada no Parecer CNE/CEB nº 20/09.

Assim, essas novas Diretrizes representam um marco importante para a história da Educação Infantil brasileira, não só pelo seu caráter mandatório em relação às propostas pedagógicas municipais, voltadas a essa faixa etária, mas também por apresentar uma estrutura legal que define o atendimento das instituições em período diurno (jornada parcial ou integral), carga horária mínima de quatro horas de funcionamento e formação em magistério dos profissionais que atuam com as crianças.

Nessa direção, o município de Colatina percebeu a necessidade de realizar, na formação continuada em serviço, estudos que garantissem o conhecimento e discussão sobre esse documento normativo e resultassem na elaboração de uma proposta curricular que dialogasse com essas concepções. Uma versão que superasse a ideia de conteúdos obrigatórios e listas de atividades predeterminadas,

planejadas pela professora sem o envolvimento das crianças, ou ainda, um planejamento baseado em datas comemorativas sem avaliar o sentido das mesmas e seu valor formativo para essa faixa etária.



3 PENSANDO AS PRÁTICAS COTIDIANAS A PARTIR DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

As Diretrizes apresentam a definição de criança como sujeito histórico e de direitos e definem, em seu artigo 6º, os princípios orientadores de um trabalho pedagógico comprometido com seu desenvolvimento e sua aprendizagem: princípios éticos, políticos e estéticos.

Princípios Éticos: é de responsabilidade das instituições de Educação Infantil assegurar às crianças a manifestação de seus interesses, desejos e curiosidades ao participarem das práticas educativas, valorizar suas produções, individuais e coletivas, incentivar a conquista, por elas, da autonomia para escolha de brincadeiras e de atividades e para a realização de cuidados pessoais, ampliar as possibilidades de aprendizado trazidas por diferentes tradições culturais e estimular o respeito a todas as formas de vida, fortalecendo a autoestima e combatendo preconceitos.

Princípios Políticos: a dinâmica de trabalho docente deve promover a formação participativa e crítica das crianças, criando contextos que possibilitem a expressão de seus sentimentos, ideias e questionamentos na busca do bem-estar coletivo e individual. Oferecer condições para que aprendam a opinar e considerar os sentimentos e a opinião dos outros sobre um acontecimento, um conflito.

Princípios Estéticos: o trabalho pedagógico deve favorecer o ato criador e a construção de respostas singulares pelas crianças, garantidos pela participação em experiências diversificadas. Deve-se organizar situações estimulantes que desafiem o que a criança já sabe, sem ameaçar sua autoestima nem promover competitividade, ampliando sua possibilidade de se expressar, comunicar, criar, organizar pensamentos, ter iniciativa, conviver, brincar e trabalhar em grupo.

Fundamentadas nesses princípios, as professoras precisam planejar as ações que poderão ser desenvolvidas com seu grupo de crianças a fim de garanti-los. Nesse sentido, o artigo 9º das Diretrizes determina que as práticas pedagógicas da Educação Infantil devem ter como eixo central as interações e brincadeira, propondo

experiências que:

- I. promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais, que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;
- II. favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas dos vários gêneros e formas de expressão gestual, verbal, plástica, dramática e musical;
- III. possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos;
- IV. recriem, em contextos significativos para as crianças, relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaçotemporais;
- V. ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas;
- VI. possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar;
- VII. possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e conhecimento da diversidade;
- VIII. incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza;
- IX. promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura;
- X. promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais;
- XI. propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras;
- XII. possibilitem a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos (BRASIL, 2009a).

Além de definir as experiências que devem compor as práticas pedagógicas, as DCNEI orientam sobre a necessidade de haver uma integração entre elas. Para que essas práticas possam promover o desenvolvimento integral, as Diretrizes determinam, ainda, que as propostas pedagógicas das instituições assegurem a participação e escuta das famílias, criem procedimentos para o acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, prevendo formas de garantir a continuidade no processo de aprendizagem, sem antecipar conteúdos que serão trabalhados no Ensino Fundamental.

Sendo assim, para organizar uma proposta em consonância com as orientações das DCNEI, precisa-se ter clareza sobre algumas questões: o que significa considerar a criança como sujeito? Como organizar uma proposta curricular tendo como eixo

norteador as interações e brincadeiras? De que maneira a interação com o ambiente e a organização do tempo podem contribuir com a aprendizagem? A discussão acerca desses aspectos, a ser abordada no decorrer desse documento, é relevante para a compreensão da convivência entre as crianças como uma oportunidade privilegiada para mobilizar experiências de aprendizagem, o que leva a professora a organizar espaços, rotinas flexíveis e promover interações.

3.1 RESSIGNIFICANDO O OLHAR EM RELAÇÃO À CONCEPÇÃO DE CRIANÇA PROPOSTA NAS DCNEI

Com a inserção da Educação Infantil no sistema educacional brasileiro, surge a necessidade de refletir sobre como realizar a formação de crianças pequenas em espaços de educação coletiva. Frente a essas transformações, o Parecer 20 (2009, p. 6) aponta a visão de criança como “centro do planejamento curricular, sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere”.

Nessas condições, considerar a criança como sujeito significa entender que ela aprende e se desenvolve na relação com o outro, em contextos intencionalmente organizados, que respeitem a especificidade de sua faixa etária e que deem oportunidade para ela expressar seus desejos, opiniões e ideias, revelando sua maneira de pensar e compreender o mundo. Para selecionar e organizar intencionalmente as experiências, é necessário fazer escolhas que possam refletir os interesses, curiosidades e valores do grupo, considerando objetivos fundamentados e alguns critérios para seu desenvolvimento (espaço, materiais, tempo, interações).



Estudos científicos mais recentes têm trazido considerações importantes para a compreensão dessa concepção de criança. Comprovam que as experiências

vividas no período entre zero a cinco anos têm impacto significativo para o desenvolvimento humano. Um aspecto analisado é a plasticidade cerebral – possibilidade de realizar conexões entre neurônios a partir de sinapses. Nessa fase as conexões são mais intensas, por isso a criança tem grande possibilidade de aprender. Assim, a partir das experiências vivenciadas no cotidiano, as crianças vão, progressivamente, ampliando suas possibilidades de se deslocar, fazer movimentos mais precisos, se autocuidar, explorar o mundo e agir sobre ele, compreender e resolver problemas.

Nesse sentido, torna-se essencial ter a clareza de que toda ação gera aprendizagens e que a escolha das experiências pode acarretar diferentes consequências, contribuindo ou não para a formação das crianças. Por esse motivo,



para que as experiências sejam realmente significativas, a instituição deve ser cuidadosa ao fazer suas escolhas, refletindo sobre elas: que experiências possibilitar a esse grupo? Elas fazem sentido para as crianças? As experiências oferecidas dialogam com as especificidades do seu desenvolvimento? Estão de acordo com os objetivos da

instituição? Quais saberes e conhecimentos estão sendo contemplados?

Caminhar nessa perspectiva exige da instituição uma Proposta Pedagógica³ que aponte sua finalidade, definindo objetivos referentes ao desenvolvimento e à aprendizagem que coloquem a criança como centro do processo educativo. Do

³ Neste documento, utilizou-se a nomenclatura Proposta Pedagógica porque é o termo empregado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (Resolução do CNE/CEB nº 5/2009). Contudo, a Resolução do Conselho Estadual de Educação nº 3.777/2014, ao definir os instrumentos de gestão escolar para organização das instituições de ensino (Art. 47), a denomina como Proposta político-pedagógica - PPP. Entende-se a proposta pedagógica como a identidade da instituição. Este documento revela a história, os sonhos, as expectativas, as crenças, os valores e concepções dos educadores, crianças e família. A partir disso, apresenta os princípios e diretrizes que devem nortear a ação de cuidar e educar crianças, bem como orientam sobre o planejamento do espaço, tempo e interações e a forma de avaliar o processo. Sua elaboração prevê o envolvimento de todos num movimento constante de construção e reconstrução, estabelecendo relação entre a proposta em andamento e o que determinam os documentos legais.

ponto de vista do conhecimento e da aprendizagem, Maria Carmen Silveira Barbosa, no documento “Práticas cotidianas na Educação Infantil – Bases para a reflexão sobre orientações curriculares”, afirma que:

O objetivo da educação infantil [...] é o de oferecer experiências que permitam às crianças a apropriação e a imersão em uma sociedade, através das práticas sociais de sua cultura, das linguagens que essa cultura produz, e produziu, para construir, expressar e comunicar significados e sentidos. (BARBOSA, 2009, p. 47)

Para cumprir essa finalidade, algumas práticas precisam ser revistas e reestruturadas. Percebe-se, por exemplo, que o trabalho pedagógico com ênfase nas atividades ligadas à alfabetização, em que a criança tem que ficar sentada por muito tempo realizando atividades xerocopiadas, dentro da sala de aula, e que o horário destinado à brincadeira restrito a uma ou duas vezes por semana, distancia-se da ideia de criança como sujeito de direitos. Há que se pensar em propostas que apresentem uma organização na qual a criança possa vivenciar experiências diversas, fazer escolhas, tomar decisões, socializar descobertas.



Entretanto, é necessário discutir essa prática pedagógica com os profissionais que trabalham na instituição, pois também estão inseridos no movimento de aprender. Movimento este que envolve ouvir, observar, aceitar novas possibilidades, experimentar e reavaliar as propostas. Afinal, de acordo com Barbosa (2009, p. 37), “ao educar e cuidar de crianças pequenas, o professor não oferece apenas aquilo que sabe, mas também aquilo que é através das interações”.

Nessa relação, existem aspectos imprescindíveis ao trabalho do profissional que atua na Educação Infantil: ter sensibilidade para compreender as linguagens da criança, para oferecer estímulo à autonomia, para mediar a construção de conhecimentos científicos, artísticos e tecnológicos, mas acima de tudo, ter a

capacidade de se colocar no lugar do outro, estabelecendo vínculos afetivos com bebês e crianças pequenas.

3.2 INDISSOCIABILIDADE ENTRE CUIDAR E EDUCAR

As Diretrizes, em seu artigo 5º, definem a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, oferecida em creches e pré-escolas, constituídas como espaços institucionais não domésticos, que educam e cuidam de crianças. Mas o que significa cuidar e educar crianças de 0 a 5 anos de idade?

Significa compreender esses dois aspectos de forma indissociável, isto é, considerar tanto as necessidades básicas de saúde, higiene, sono, alimentação, proteção, quanto as questões relativas à apropriação de conhecimentos sobre o mundo físico e social. Entende-se que as atividades de cuidado não se diferenciam das atividades pedagógicas, visto que ambas são aspectos de uma mesma experiência vivenciada pela criança.

Dessa maneira, é impossível cuidar de uma criança sem educá-la, ou vice-versa. Ao dar banho, por exemplo, a professora a educa para se relacionar com o próprio corpo e com sua sexualidade, contribuindo para o desenvolvimento de sua



autoestima e da autonomia para realizar ações de autocuidado, além de possibilitar a ampliação de sua linguagem oral. Da mesma forma, quando propõe uma atividade de pintura, a experiência potencializa a criatividade e a capacidade de expressão, ao mesmo tempo em que, ao ser encorajada para fazer à sua maneira, a criança sente-se valorizada, contribuindo para a construção de sua autoimagem. Nessa situação, a professora também cuida para que não levem os materiais à boca, lavem as mãos após seu uso e organizem o ambiente.

O ato de cuidar, dessa forma, vai muito além de processos ligados à proteção e ao atendimento das necessidades físicas das crianças. Cuidar implica em atentar para a

escuta de necessidades, desejos e inquietações, pressupõe encorajar ações no coletivo e apoiar desafios, aceitando a maneira de cada criança entender o mundo. Nessas condições, não podemos conceber que essas ações sejam separadas e possam ser executadas por profissionais diferentes, já que todas as relações e interações entre os sujeitos envolvem o cuidado.

Educar, de modo indissociado do cuidar, segundo o Parecer 20 (2009, p. 10) significa dar condições para as crianças explorarem o ambiente de diferentes maneiras (manipulando materiais da natureza ou objetos, observando, nomeando objetos, pessoas ou situações, fazendo perguntas, etc.) e construírem sentidos pessoais e significados coletivos, à medida em que vão se constituindo como sujeitos e se apropriando de um modo singular das formas culturais de agir, sentir e pensar. Isso requer da professora sensibilidade e delicadeza no trato com a criança, assegurando atenção especial, conforme as necessidades que identifica em cada uma.



Para que a instituição cumpra seu papel de educar e cuidar torna-se necessário compreender que as crianças aprendem na interação com o mundo físico e social, por meio de múltiplas linguagens, principalmente o brincar. Sendo assim, é fundamental que a diversidade seja respeitada, cuidando e educando para que todos os sujeitos sintam-se acolhidos e incluídos no processo de aprendizagem.

3.3 INTERAÇÕES E BRINCADEIRA

As DCNEI, em seu artigo 9º, indicam que “as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira”, sinalizando que não se pode pensar no brincar sem as interações. Sendo assim, Tizuko Kishimoto afirma que a principal atividade do dia a dia da criança é o brincar e justifica:

É importante porque dá o poder à criança para tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, os outros e o mundo, repetir ações prazerosas, partilhar brincadeiras com o outro, expressar sua individualidade e identidade, explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura para compreendê-lo, usar o corpo, os sentidos, os movimentos, as várias linguagens para experimentar situações que lhe chamam a atenção, solucionar problemas e criar. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver” (KISHIMOTO, 2010, p.1).

A brincadeira, então, é a linguagem utilizada pela criança para expressar e comunicar suas experiências, reconhecendo-se como sujeito pertencente a um grupo e a um contexto social. Ao brincar ela se apropria de elementos da realidade, aprende sobre si mesma e sobre os homens e suas relações no mundo, e compreende significados da cultura em que está inserida.

O brincar é, portanto, uma experiência de cultura em que conhecimentos, valores, habilidades, formas de participação social são concebidos na ação coletiva das crianças. As atividades lúdicas – brincadeiras, jogos, produções plásticas, expressões corporais - caracterizam as diversas culturas, suas crenças, valores, saberes e carregam a influência do entorno familiar e social. Sua representação demonstra o jeito de ser da criança, suas emoções, crenças e a realidade em que está inserida.

A professora pode, a partir da observação dessas atividades, fazer um diagnóstico mais apurado do comportamento individual de cada criança e detectar o perfil de sua

turma, conhecer seus interesses, necessidades, conflitos e dificuldades, possibilitando, assim, a promoção de aprendizagens mais específicas e adequadas ao seu grupo de trabalho.

É preciso, também, planejar previamente as brincadeiras, definindo o tempo que cada atividade lúdica vai ocupar, o espaço físico onde se desenvolverão (dentro da sala, no pátio, no parquinho ou outros locais), os brinquedos ou materiais que serão utilizados e a quantidade a ser



providenciada para que todos tenham acesso, levando em conta as singularidades individuais e a inclusão de todas as crianças.

Então, o espaço pedagógico é um local facilitador das interações que a criança faz com outras crianças, com os professores e responsáveis pela instituição, bem como com seus familiares, o que possibilita a construção de conhecimentos nas

diferentes dimensões. Essa interação se dá pela comunicação expressa pela linguagem ou pela motricidade. É no confronto com outros que a criança pode modificar sua forma de pensar e agir, observando falas e atitudes daqueles que estão ao seu redor.



Destaca-se, portanto, que ao interagir com outras crianças, a brincadeira torna-se um instrumento relevante de aprendizagem, pois proporciona aprender sobre o mundo e suas relações. Por isso, para efeito de planejamento, é importante que a professora

selecione experiências diversificadas e os contextos aos quais as crianças serão expostas, promovendo interações entre:

as crianças e as professoras/adultos - essenciais para dar riqueza e complexidade às brincadeiras. Para os bebês, ações lúdicas que envolvam turnos de falar ou gesticular, esconder e achar objetos são muito importantes.

as crianças entre si - a cultura lúdica ou a cultura infantil só acontece quando as crianças brincam entre si, com idades iguais ou diferentes (maiores com bebês, crianças pequenas com as maiores);

as crianças e os brinquedos – a interação se dá por meio das diferentes formas de brincar com os objetos/brinquedos. As características que os objetos apresentam são fundamentais para a criança compreender o mundo (cores, formas, texturas, tamanhos, cheiros, espessuras e outras).

as crianças e o ambiente - a organização do ambiente facilita ou dificulta a ação de brincar. Uma estante na altura do olhar das crianças, por exemplo, facilita o uso independente dos brinquedos. O ambiente reflete as concepções de educar de uma instituição.

As crianças, a família e a instituição – a instituição tem o compromisso de construir relações com as famílias. A pluralidade de encontros favorece a construção de laços, a confiança e a troca.

Em função da necessidade de promover interações variadas no cotidiano escolar, as instituições de Educação Infantil precisam representar espaços de estimulação, incentivando as crianças a explorarem o ambiente com autonomia, pois o seu potencial de ação depende das oportunidades de experiências que poderá vivenciar. Com o objetivo de promover produtivas interações das crianças nas atividades, as professoras devem organizar os espaços, tempos e materiais.

3.4 A IMPORTÂNCIA DOS ESPAÇOS, TEMPOS E MATERIAIS NA ORGANIZAÇÃO DO COTIDIANO

O espaço escolar precisa ser visto como ambiente de aprendizagem e não como um local no qual permanecem crianças durante todo o dia, com o objetivo de ficar sob a supervisão de um adulto, controlando as situações e não oportunizando a autonomia



das crianças. Portanto, o ambiente da Educação Infantil “deve ser preparado de forma a interligar o cognitivo ao relacionamento e à afetividade” (HORN, 2004, p. 71).

Organizar espaços e materiais implica pensar em um ambiente adequado às aprendizagens e ao desenvolvimento das crianças, dotado de materiais que atendam suas necessidades e que estimule descobertas, aguçando sua curiosidade e criatividade nas interações que estabelecem com seus pares, conforme

evidenciado nos Parâmetros Básicos de Infra-estrutura [sic] para Instituições de Educação Infantil:

A valorização dos espaços de recreação e vivência vai incrementar a interação das crianças, a partir do desenvolvimento de jogos, brincadeiras e atividades coletivas, além de propiciar uma leitura do mundo com base no conhecimento do meio ambiente imediato. O próprio reconhecimento da criança de seu corpo (suas proporções, possibilidades e movimento) poderá ser refinado pela relação com o mundo exterior (BRASIL, 2008, p. 26).

Diante dessa premissa, é necessário observar a maneira como são organizados os espaços e pensar em sua intencionalidade educativa. Para isso, torna-se importante compreender a diferença entre ambiente e espaço. Segundo Fornero (1998), o termo “espaço” refere-se a locais nos quais as atividades são realizadas e caracterizam-se pelos objetos, móveis, materiais didáticos, decoração. O termo “ambiente” diz respeito ao conjunto desse espaço físico e às relações que nele se estabelecem; envolve, ainda, os afetos e as relações interpessoais das pessoas inseridas no processo, adultos e crianças.



Desse modo, não se leva em conta somente o meio físico e material, mas também as interações que nele se estabelecem. Para compor um ambiente é preciso construir, com as pessoas que nele habitam, experiências de vida. Isso envolve aspectos físicos, afetivos, culturais e sociais.

Envolve objetos, cores, odores, formas, gostos, palavras, sons e pessoas, pois ambiente transmite sensações, evoca recordações e oferece segurança.

O ambiente, dessa forma, é compreendido como um elemento educador. O espaço físico – salas de aula, pátio, biblioteca, refeitório – é local de atividades pedagógicas que oferecem às crianças a possibilidade de pertencimento, de continuidade, de encontro com parceiros de várias idades, de autonomia, de exploração, assim como a experiência de adquirir novos conhecimentos. Quanto mais esse espaço for desafiador e nele forem desenvolvidas atividades de interação entre crianças, descentralizando-as da figura do adulto, mais se constituirá como parte integrante da ação pedagógica.

Porém, não basta somente organizar o espaço para que seja seguro e ofereça mobiliário adequado à faixa etária atendida. É fundamental pensar o modo como as crianças poderão usufruí-lo. Elas poderão sujar o chão ou a mesinha ao realizarem uma pintura com tinta? Os brinquedos e objetos estão em lugares acessíveis para



manipulação e exploração? Os elementos decorativos comunicam os saberes e descobertas feitos pelas crianças? Os murais estão numa altura em que elas possam organizá-los? Os cartazes expostos nas paredes estão em seu campo de visão? As crianças são intencionalmente motivadas ao convívio entre diferentes faixas etárias, incluindo momentos de troca entre bebês, crianças bem

pequenas e crianças pequenas? Elas são estimuladas a usar os espaços de forma participativa e autônoma? Os materiais oferecidos são em quantidade suficiente? A elas é dada a possibilidade de escolha?

A maneira como organizamos e estruturamos o espaço físico da instituição constitui, por si só, uma mensagem curricular, reflete o modelo educativo e exprime, direta ou indiretamente, o estilo de trabalho realizado naquele lugar, isto é, a forma como entendemos qual deve ser o papel educativo da professora e o que esperamos das crianças com as quais trabalhamos.

Sabemos que as interações exercem um papel determinante na aprendizagem das crianças, por isso elas precisam ser levadas em consideração na organização dos ambientes, bem como no planejamento da professora. Uma forma de organização que considera a criança como protagonista, oferecendo-lhe a possibilidade de se movimentar, fazer escolhas, participar da arrumação dos ambientes, é a criação de “cantinhos”. Em cada sala de aula, ou outros espaços da instituição, organizam-se áreas que convidam as crianças a trabalharem em pequenos grupos, realizando atividades diversificadas, tais como:

cantinho de faz de conta – permite vivenciar o jogo simbólico em experiências cotidianas: lojinha, salão de beleza, casinha, supermercado, escolinha, marcenaria, fazendinha, pista de carrinhos, etc.

cantinho de jogos – de construção, encaixe, quebra-cabeça, trilha, baralho, etc.

cantinho da leitura – ambiente com tapetes e almofadas para que as crianças sintam-se relaxadas e possam usufruir de livros de literatura, jornais, revistas, gibis, livros sobre outras culturas, álbum de fotografias, etc.



cantinho da expressão plástica – modelagem, desenho, recorte e colagem, impressão com carimbos, apreciação de livros e imagens de artes, etc.

cantinho da curiosidade científica – espaço com materiais instigantes sobre assuntos da natureza e da sociedade, para exploração e criação de objetos, observação de plantas, animais, realização de experiências, composto por pedras, sementes, conchas, plantas, ímãs, lupas, livros e jogos sobre a natureza, objetos para flutuar e afundar.

Geralmente, os espaços da instituição são limitados, por isso, é preciso adaptá-los às diferentes necessidades. Algumas dessas áreas de atividades diversificadas, por exemplo, podem ser fixas, outras podem ser organizadas a cada dia, de acordo com a programação didática ou sugestões das crianças. Não é necessário realizar todos esses cantinhos ao mesmo tempo. Eles podem ser guardados em caixas e organizados em sistema de rodízio.

Pensar dessa forma a organização dos espaços implica numa mudança no papel da professora. Esse tipo de atividade não se dá com a participação de todas as crianças fazendo a mesma coisa ao mesmo tempo, a partir de instruções recebidas de um adulto, centralizador de todo o processo. Isso não significa, no entanto, menor

relevância do trabalho docente. Seu papel é o de organizar os contextos e as oportunidades a fim de interagir com as crianças e conhecer seus percursos de aprendizagem e desenvolvimento.

Outro aspecto a ser considerado na organização dos ambientes é a possibilidade de integrar crianças de idades diferentes. Nesse tipo de atividade, as crianças menores são desafiadas, em suas competências linguísticas e motoras, pelo convívio com as maiores. Por outro lado, as maiores podem vivenciar a experiência de cuidar, proteger, ensinar o que sabem, bem como reconhecer seu próprio processo de crescimento. Sendo assim, é importante que haja um ou mais momentos de interação entre crianças de idades diferentes, na rotina da instituição.



O espaço oferece ainda a possibilidade de a criança explorar diferentes texturas, formas, cores, sons, aromas, gostos, elementos significativos em relação à sua experiência sensorial e estética. Vê-se, assim, que o arranjo espacial é parte fundamental na organização de um ambiente em que as crianças sejam estimuladas a explorá-lo e que a vivência nos diferentes locais (dentro e fora da sala de aula) pode provocar confiança, autonomia e aprendizagens significativas. Desse modo, essa questão precisa fazer parte da proposta pedagógica da instituição. Se a proposta considera a criança como um ser curioso, ativo, faz a opção por uma organização espacial que promova diferentes experiências, garantindo continuidade ao que já sabe, além de oportunizar novos conhecimentos, a partir dos interesses apresentados. Por outro lado, se a criança é considerada um sujeito a ser disciplinado, o espaço é organizado para inibir suas ações e silenciá-la.

No caso de instituições de 0 a 3 anos, historicamente o espaço da sala exercia a função de guarda das crianças. Sendo assim, era muito comum a preocupação demasiada com a limpeza e com a proteção dos bebês. Porém, um ambiente organizado somente com essa intenção, reflete a concepção de que os bebês são frágeis e incapazes de aprender na interação com seus pares e com os materiais do

entorno. Normalmente, essas salas são cheias de berços, mesas e cadeirinhas, ocupando o espaço central, impedindo a movimentação ampla das crianças e, conseqüentemente, seu desenvolvimento pleno. É fundamental ter a consciência de que, ao passar por diferentes estágios do desenvolvimento, as crianças terão necessidades diversas em relação ao ambiente em que estão inseridas.

Outro espaço na instituição, que demanda reflexão coletiva sobre sua organização, a fim de ser acolhedor e convidativo é a entrada. Nele podemos dispor algum mobiliário, como cadeiras ou banquinhos para receber as famílias; as paredes podem ser decoradas com fotos e atividades desenvolvidas pelas crianças, durante os projetos, além de conter um mural para recados e informações importantes para os pais. Vale destacar que as paredes, além de contar um pouco das histórias, que se constroem no cotidiano, definem marcas da convivência do grupo e revelam a cultura daquele ambiente. É importante que, ao entrar na instituição pela primeira vez, a pessoa apreenda o que acontece ali e, também, aprenda um pouco sobre seus valores e cultura. Entretanto, excessos não são bem-vindos. Muita informação torna-se cansativa e desinteressante para quem passa, pois o olhar se perde no meio de tantas imagens.

Ao lado da organização do espaço, a seleção de materiais e sua disposição no ambiente também é uma questão a ser pensada, pois favorece, às crianças,



iniciativa e independência ao utilizá-los. Os materiais possuem qualidades físicas que permitem a construção de um conhecimento a partir da experiência e, ao mesmo tempo, sob intervenção do adulto, conduzem as crianças a descobertas fantásticas às quais dificilmente chegariam sozinhas.

Na seleção desses materiais, alguns aspectos precisam ser levados em consideração: limpeza, segurança, disposição, acesso, ordenação e visibilidade. Os brinquedos devem ser resistentes, laváveis, sem causar risco às crianças. É necessário, também, que as crianças tenham acesso aos materiais, pegando-os e guardando-os em seus devidos lugares de forma autônoma. Compreender que os

materiais são de uso coletivo, que pertencem ao grupo, é também um aprendizado que precisa ser fomentado. As crianças precisam ser incentivadas a ter cuidado e a colaborar com a organização desses objetos e materiais.

Entendendo que cada material pode proporcionar oportunidades diferentes para as crianças, é fundamental que a professora:

- ofereça materiais diversificados – brinquedos (convencionais, industrializados e artesanais), materiais não estruturados (papelão, pedaços de pano, carretéis de linha, caixas, toquinhos de madeira, tampinhas, embalagens de pet, potes) e fantasias, que possibilitem às crianças assumirem diferentes papéis;
- separe os materiais em função das aprendizagens que deseja promover e dos interesses das crianças;
- providencie, previamente, a quantidade de material necessária para a realização das atividades;
- leve em conta as necessidades de crianças com deficiência, oferecendo-lhes materiais mais adequados.



Sendo assim, os materiais devem ser organizados de acordo com a intencionalidade educativa expressa pelo planejamento, atendendo às necessidades de cada faixa etária. As sugestões a seguir servem como referência para organização de

ambientes, pensando numa determinada faixa etária. Porém, é preciso levar em consideração a história de vida das crianças e as características de cada grupo.

Bebês até dezoito meses:

Os bebês precisam de um ambiente seguro e tranquilo para sentirem-se confiantes e, gradativamente, perceberem-se como parte do grupo. Em função disso, é necessário oferecer brinquedos que permitam ações de repetição simples e que incentivem a exploração do espaço para ampliar suas habilidades motoras, sempre com a supervisão de um adulto que os encoraje. Para esse fim, as possibilidades

de uso de materiais são variadas: chocalhos, móveis sonoros, sinos, objetos que produzem som, caixas, rolos, cubos de plásticos ou de pano, argolas, carrinhos ou outros objetos para puxar e empurrar, bolas de diferentes tamanhos, livros e imagens coloridas, brinquedos de empilhar, encaixar, objetos de diferentes texturas (mole, áspero, duro, liso) e cores, brinquedos para bater, cesto com objetos feitos de materiais naturais, de metal e de uso cotidiano, fantoches, bonecas, espelho, acessórios de faz de conta como lenços, chapéus e fantasias, colcha, colchonetes, bichinhos de pelúcia, estruturas com blocos de espuma para subir, descer e entrar em túneis.



Crianças de 19 meses a 3 anos e 11 meses:

Nessa fase as possibilidades de interação com os colegas se ampliam, bem como o interesse pela exploração do espaço e o desejo de fazer descobertas. Gradativamente, é importante oferecer às crianças situações que lhes permitam maior comunicação, autonomia e independência. Para isso, os cantinhos são fundamentais. Organizar o ambiente da sala de aula, delimitando alguns espaços para diferentes brincadeiras possibilita escolha e interação entre pequenos grupos. De um lado carrinhos e uma pista, no outro canto, pratinhos, panelinhas, bonecas, carrinho de bebê; em outro extremo, dispostos em uma mesa, materiais para atividade de arte, pincéis, papéis de diferentes tamanhos, carimbos, etc. No momento em que as crianças brincam, é necessário que o adulto esteja atento e participativo, orientando-as quanto ao brinquedo de cada cantinho. Com a frequência dessa atividade, elas vão entendendo como funciona sua dinâmica, sem levar o brinquedo de um canto para outro.





Como sugestões de materiais para esta faixa etária têm-se: túneis, caixas para entrar e esconder-se, brinquedos para empurrar, puxar, empilhar, encaixar, livros de história, animais de plástico, bichos de pelúcia, quebra-cabeça simples, jogos de memória e de percurso, massinha, tintas, argila,

acessórios de faz de conta (sapatos, roupas femininas e masculinas, chapéus, bolsas, bijuterias), bonecas com diferentes cores de pele, carrinhos para empurrar e dirigir. Além desses, pode-se contar também com sucatas diversas: potes, cones, tampas de variados tamanhos, tampinhas de garrafa pet coloridas, tecidos diversos, brinquedos de areia e água, estruturas para subir, descer, balançar, escorregar, esconder, bola, corda, bambolê, pipa, bandinha, etc.

Crianças de quatro anos a cinco anos e 11 meses:

Nessa fase a brincadeira se torna mais complexa. As crianças ampliam seu conhecimento de mundo, imitando diferentes papéis sociais em suas brincadeiras. É importante organizar espaços com materiais que ofereçam experiências e vivências com relações matemáticas e com práticas de leitura e escrita.

Os materiais que podem servir de apoio são: jogos de construção e de percurso, jogo da memória, quebra-cabeça, dominó, boliche, blocos lógicos, baralho, trilha; materiais de arte, pintura, desenho; brinquedos de faz de conta e acessórios para brincar, fantoches, máscaras, fantasias, carrinhos, panelinhas, bonecas de cores de pele diferentes, fazendinha; músicas, bandinha rítmica; bola, corda, bambolê, bilboquê, pipa, cata-vento, perna de pau, bolinha de sabão, amarelinha, varetas, argolas; brinquedos de parque, tanque de areia e materiais diversos para brincar com água e areia (colheres, potes, baldes, forminhas); sucatas variadas (caixas, potes, tecidos, embalagens vazias) e materiais da natureza (folhas,



sementes, cascas de árvores, pedras, terra, galhos, conchas do mar); papéis, papelão, revistas, jornais, gibis, folhetos de propaganda, livros de literatura, letras móveis; material dourado, números, fita métrica, mapas, globo, lupa, balança, copo medida; máquina fotográfica, microfone, CD, aparelho de som.

O tempo, além do espaço, tem papel fundamental na organização do ambiente educacional. O que fazer em cada momento, como distribuir as atividades ao longo da jornada de trabalho são questões determinantes para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Pensar em como estruturar o tempo é uma das tarefas mais delicadas, pois na maioria de nossas instituições as crianças de 0 a 3 anos frequentam em jornada integral. Isso implica em planejar e replanejar constantemente, observando se a organização proposta atende à amplitude dos cuidados físicos necessários ao atendimento, respeitando os ritmos e as diferenças individuais e as especificidades do trabalho pedagógico.



Quando se trata da questão do tempo institucional é importante também considerar o período destinado à frequência das crianças. As DCNEI, em seu artigo 5º, determinam a jornada de permanência das crianças nas instituições: “É considerada Educação Infantil em tempo parcial, a jornada de, no mínimo, quatro horas diárias e, em tempo integral, a jornada com duração igual ou superior a sete horas diárias, compreendendo o tempo total que a criança permanece na instituição”.

Em relação à definição da carga horária mínima anual, o município de Colatina, em conformidade com a Lei nº 12.796, de 04/04/2013, que altera a Lei nº 9.394/96, sancionou a Lei nº 6.190, de 08/06/2015, que em seu artigo 1º, regulamenta a carga horária de no mínimo 800 (oitocentas) horas para a Educação Infantil (0 a 5 anos), distribuídas por um mínimo de 200 (duzentos) dias de trabalho educacional.

Diante dessas determinações legais, as instituições de Educação Infantil devem

organizar o tempo cotidiano e os momentos em que as atividades serão realizadas ao longo da jornada: momento de chegar, de brincar, de alimentar-se, de descansar, de explorar, de ouvir histórias, etc. Sendo assim, a forma como será organizada a gestão dos tempos de cuidados e educação das crianças, de maneira a promover seu desenvolvimento integral, constitui a rotina institucional. As rotinas funcionam como organizadoras estruturais das experiências cotidianas, auxiliando a criança a construir a noção de tempo. É por meio da regularidade da rotina que ela se localiza no tempo, no espaço e nas atividades propostas.



Dessa forma, a rotina institucional deve envolver os variados momentos para atividades (refeições, higiene, uso dos espaços externos, como pátio, brinquedoteca, laboratório de informática) tendo como referência os interesses específicos dos vários grupos de crianças. Quanto à necessidade de manter um equilíbrio entre os diversos momentos do cotidiano, o Parecer nº 20 orienta:

[...] o planejamento curricular deve assegurar condições para a organização do tempo cotidiano das instituições de Educação Infantil de modo a equilibrar continuidade e inovação nas atividades, movimentação e concentração das crianças, momentos de segurança e momentos de desafio na participação das mesmas, e articular seus ritmos individuais, vivências pessoais e experiências coletivas com crianças e adultos (2009, p.12).

Nesse sentido, ao planejar os diferentes tipos de atividades, as professoras precisam pensar nos ritmos individuais, compreendendo que quanto mais novas forem as crianças mais atenção individualizada necessitam. Respeitar as singularidades de cada grupo significa imprimir intencionalidade ao planejamento, sem impor uma rotina mecânica ou escolarizante. O planejamento dos tempos das atividades, considerando as necessidades de exploração, movimento e interação próprias dessa faixa etária, bem como a passagem de uma atividade para outra, pode evitar que as crianças sejam submetidas a longos “momentos de espera” e tornar o ambiente mais flexível para atender os diferentes ritmos.

Embora tenha um caráter estruturante, a rotina precisa ser flexível para contemplar imprevistos que possam surgir no cotidiano. Na busca por equilíbrio, ao organizar seus planejamentos mensais, semanais e/ou diários, as professoras devem prever momentos diferenciados que considerem: atividades de higiene, repouso, alimentação; atividades no espaço interno e externo da instituição; atividades individuais, coletivas, em pequenos grupos e com crianças de idades diferentes; atividades coordenadas pela professora (roda de conversa, hora da história, visitas, passeios) e atividades em que as crianças possam se envolver livremente, embora com a supervisão da professora.

É importante lembrar que os momentos de banho, de troca de fraldas, de sono e de alimentação devem tornar-se situações de aprendizagens para a criança. Por meio dessas atividades a professora constrói uma relação de confiança, afetividade e diálogo.



Para tanto, é preciso que esses momentos não sejam carregados de pressa e agitação, mas que envolvam as crianças em atitudes de colaboração, de fazer junto, para que desenvolvam atitudes de autocuidado e autonomia para realizar essas ações sozinhas, quando for oportuno.

Um ponto a destacar na organização do tempo é o cotidiano das crianças que frequentam a instituição em jornada integral. Quando o trabalho com um mesmo grupo de crianças fica sob a responsabilidade de professoras diferentes, ao longo dos turnos (matutino e vespertino), é necessário que planejem as ações em conjunto, de maneira a garantir continuidade às experiências vividas pelas crianças no ambiente escolar.

Diante da complexidade que envolve o cuidar e o educar crianças, de forma indissociável, é imprescindível que a instituição garanta tempos coletivos para planejamento, avaliação e formação dos profissionais. Compartilhar conhecimentos, avaliar o processo, pensar em como aproximar as famílias do ambiente escolar, são

ações que devem ser dialogadas nos momentos de formação continuada, que fazem parte da rotina institucional.

Outro assunto que requer cuidado e reflexão coletiva na organização dos tempos é o período de adaptação das crianças ao espaço escolar. A entrada na instituição é um momento muito difícil na vida da criança, pois as relações, os limites e as regras são diferentes do espaço doméstico. Portanto, as propostas pedagógicas das instituições devem prever estratégias para a acolhida das crianças e de seus familiares, de modo a criar vínculo de confiança.

Algumas sugestões poderão ajudar a diminuir o clima de tensão que toma conta desses momentos e fazer com que as crianças sintam-se mais seguras:

- planejar atividades mais adequadas para esse período, traçando um roteiro de como se dará a chegada, escolhendo materiais atrativos e espaços aconchegantes;
 - organizar momentos diferenciados que permitam à professora dedicar uma atenção mais individualizada;
 - realizar reunião com os pais, antes de receber as crianças, para que possam conhecer os espaços e a rotina institucional;
 - planejar atividades que contem com a participação da família, ou de uma pessoa que seja referência para a criança, garantindo que possa acompanhá-la nos primeiros dias;
 - combinar um tempo de permanência diferenciado na escola para a criança que encontrar maior dificuldade de adaptação e permitir o acesso da família nesse espaço até que, gradativamente, não seja mais necessário;
 - realizar questionários ou entrevistas com os responsáveis pelas crianças para conhecer os hábitos, valores e preferências;
 - permitir que as crianças levem para a escola objetos de apego, como paninhos, chupeta, brinquedos, o que propiciará segurança emocional na ausência dos pais.
- Mais tarde, esse momento vai passar e as professoras podem criar estratégias para que esses objetos sejam deixados de lado para não atrapalhar os movimentos e a fala da criança.

Na Educação Infantil, então, o tempo privilegiado é o de estar junto, pois é no seu desenrolar que as experiências são compartilhadas. É a partir dessa relação que as

crianças constroem sentido para a vida. Em vista disso, a professora não deve usar o tempo que tem apenas vigiando-as ou realizando atividades de cuidado. Estar junto envolve a atitude de ouvir, dar atenção, conversar, acompanhar com interesse, observar, perguntar, incentivar, participar, garantindo-lhes o tempo de “ser criança”, de viver a infância.

Ao organizar a vida cotidiana por meio do espaço, tempo e materiais, a professora realiza a observação atenta das ações de seu grupo, conhece cada criança e dá oportunidade à imaginação, à descoberta, à apropriação de conhecimento e à autonomia. Dessa forma, aprende junto com elas a perceber a potencialidade de suas ações. Por isso, é importante selecionar propostas de fazeres adequados ao grupo, que atendam seus interesses e curiosidades e, ao mesmo tempo, sejam desafiadoras, não meramente repetitivas; propostas variadas que garantam a continuidade da aprendizagem, sem compartimentar os tempos em áreas do conhecimento: hora para o trabalho com a matemática, hora da música, da linguagem oral e escrita, etc.

3.5 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO COM A COMUNIDADE E A FAMÍLIA

Nos últimos anos a importância da Educação Infantil tem sido foco de muitas pesquisas. Elas reforçam a ideia de que as crianças que frequentam essa etapa obtêm melhores resultados em seu desempenho escolar. Diferentemente do passado, frequentar esse espaço não está mais condicionado à questão social, quando seu propósito era atender filhos de mulheres trabalhadoras que precisavam ser cuidados. A Educação Infantil hoje é um direito constitucional de todas as crianças, independente de classe econômica e tem como



finalidade “o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade” (Lei nº 9.394/96, art. 29).

Essa perspectiva de atendimento dos direitos da criança, em sua integralidade, requer que ela seja compreendida como um sujeito social e histórico, que faz parte de uma organização familiar e está inserida em uma comunidade, constituída por uma determinada cultura, num determinado momento histórico. Para tanto, é preciso que as instituições de ensino assegurem em sua proposta



pedagógica, “a participação, o diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o repeto e a valorização de suas formas de organização” (DCNEI, art. 8º, inciso III). Além de proporcionar “o estabelecimento de uma relação efetiva com a comunidade local e de mecanismos que garantam a gestão democrática e a consideração dos saberes da comunidade” (DCNEI, art. 8º, inciso IV).

Abordar a questão da participação da família e da comunidade na proposta pedagógica requer diálogo e planejamento de ações para promoção de uma relação dinâmica e cotidiana. Para isso, é importante levar em consideração que, quando as crianças chegam à instituição, trazem um pouco de sua história de vida envolta em valores e hábitos. Uma das ações que pode contribuir para o conhecimento das famílias (como se estruturam, suas crenças, religiosidade, condições de vida, trabalho, formas de lazer) e aproximação dos laços entre família e escola, é realizar um trabalho pedagógico que possibilite o resgate das manifestações culturais que influenciam a vida da comunidade e das famílias (festas locais e religiosas, músicas, expressões artísticas, linguagem). Junto à diversidade cultural, as diferentes estruturas familiares também podem ser objetos de estudo para os projetos educacionais. Considerando que existem diversas formas de organização familiar, é fundamental despir-se de preconceitos e estereótipos para compreender e aceitar as novas estruturas.

Informar as famílias sobre as perspectivas de trabalho pedagógico, que podem ocorrer, e convocá-las a participar é fundamental. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para Educação Básica⁴, “a participação dos pais junto com os professores [...] no acompanhamento de projetos didáticos e nas atividades promovidas pela instituição possibilita agregar experiências e saberes” (BRASIL, 2013, p. 92).

Nesse processo, na intenção de articular esses dois contextos de desenvolvimento da criança, família/escola, os pais podem ser envolvidos nas atividades desenvolvidas com as crianças de diferentes maneiras: ser convidados a fazer relatos sobre a história de sua família; realizar uma apresentação artística; planejar visitas as casas das crianças para conhecer os hábitos e costumes de sua família;



participar da organização de uma exposição com objetos da cultura familiar; contar histórias e ensinar às crianças algumas de suas potencialidades (artesanatos, receitas, confecção de brinquedos, cantigas da infância); dar sugestões sobre o trabalho a ser desenvolvido quando informados, com antecedência, pela professora.

Para manter um diálogo aberto, com a participação efetiva, torna-se necessário o entendimento de que as famílias possuem opiniões e expectativas em relação à educação de seus filhos e ao trabalho realizado na instituição. Para isso, criar canais de comunicação para ouvir o que pensam é uma importante ação: colocar uma caixa de sugestões em local acessível, encaminhar um formulário para os pais avaliarem alguns aspectos relativos à organização da instituição, incentivar a participação no Conselho de Escola, dentre outras possibilidades.

Assim, várias ações podem ser planejadas para favorecer a convivência entre os

⁴ Resolução CNE/CEB Nº 4, de 13 de julho de 2010.

pais e a instituição:

- organizar reuniões periódicas em horários sugeridos pelas famílias e avisá-las com antecedência;
- organizar com os familiares atividades de contação de histórias, rodas de música e de dança;
- preparar encontros das famílias na creche e pré-escola;
- organizar oficinas em que participem as crianças e seus familiares;
- manter quadros de avisos em lugares bem visíveis;
- organizar espaços no interior da instituição para que a família se sinta acolhida;
- manter quadros com fotos das famílias e suas crianças;
- promover apresentação cultural de pais na instituição;
- organizar degustação e feira de alimentos com a participação das famílias;
- oferecer oportunidade para que os pais participem de eventos e tomadas de decisões.



Vale ressaltar que uma proposta de reunião de pais só tem sentido quando é compreendida como um momento de troca e de responsabilidades compartilhadas; momento em que a professora apresenta para a família o trabalho que tem realizado com seu grupo de crianças e como avalia o desenvolvimento e aprendizagem delas. Nesse sentido, não deve ser entendido como uma oportunidade para reclamações e comparações entre as crianças.

Como se vê, criando canais de comunicação abertos, é possível ampliar a participação das famílias, propiciando assim a inclusão de todas, além de contribuir para que se tornem mais atuantes e envolvidas na educação de seus filhos.

3.6. A EDUCAÇÃO INFANTIL NUMA PERSPECTIVA INCLUSIVA

Na Educação Infantil, a inclusão é um aspecto que se aplica ao planejamento de todas as atividades, não só pelo ponto de vista clínico, mas também pela inserção

de todas as crianças nas práticas educativas da instituição. Para isso, é necessário que a professora entenda que a aprendizagem da criança se dá quando ela acredita em suas potencialidades e, a partir disso, planeja modos de organização dos tempos, dos espaços e materiais em função de desafiar a singularidade de cada uma.

Dessa forma, todas as atividades são dinamizadas com ajustes necessários a cada criança, a fim de que possam superar seus limites. Sendo assim, é preciso: estabelecer rotinas diárias e regras claras para orientar as crianças no cotidiano; estruturar os espaços físicos permitindo explorações e locomoções;



disponibilizar às crianças, sempre que necessário, material adaptado; garantir, sem correria, o tempo que elas precisam para realizar as atividades; utilizar metodologias que atendam à individualidade de cada uma, garantindo condições para interação com seus parceiros; observar e avaliar o desenvolvimento de cada criança, enxergando seu potencial e acompanhando seus avanços por meio de registros.

Pensar o currículo dessa forma vai muito além da aquisição de conhecimentos. Assegura o direito à autonomia e à proteção, estimula iniciativas individuais, promove confiança e dignidade. Entretanto, um ambiente onde se desenvolvem atividades padronizadas, que tenham o objetivo de atingir expectativas iguais para todas as crianças do grupo ao longo do ano, não possibilita a diversidade de olhares, expressões, abordagens, comportamentos.

Em relação à Educação Especial, de acordo com o Plano Municipal de Educação (COLATINA, 2015), “o município de Colatina parte da premissa de que a Educação é um direito de todos e deve ser orientada no sentido do pleno desenvolvimento e do fortalecimento da personalidade”. Nesse sentido, o respeito aos direitos humanos tem sido uma das formas de incentivar a construção da cidadania, a fim de eliminar a discriminação e a exclusão e garantir o direito à igualdade de oportunidades e à diferença.

É na Educação Infantil que as crianças terão a oportunidade, desde muito pequenas, de conviverem com a diversidade social, construindo laços de companheirismo e amizade. Para que as crianças percebam as diferenças existentes entre elas (físicas, sociais, culturais), como ponto positivo para a construção de sua identidade, é preciso planejar experiências que favoreçam a diversidade e o respeito ao jeito de ser de cada um, sem discriminação e preconceito.



Uma forma de realizar esse trabalho é por meio de projetos que incluam, realmente, as crianças com deficiência. Desenvolver estratégias de cooperação com as demais crianças pode ser, também, uma maneira de inserir todas em uma prática social responsável e sensível às diferenças. Uma

criança cadeirante, por exemplo, pode participar das brincadeiras no parquinho pensando-se em formas para dispor sua movimentação na interação com as outras crianças.

Frente a uma perspectiva inclusiva, entende-se que pensar as peculiaridades de cada criança, dentro das instituições escolares, torna esse espaço acessível a todos, o que proporciona a diversidade e o entendimento de que todas as crianças podem manifestar necessidades diferentes. Entretanto, existem algumas necessidades que interferem no processo de aprendizagem da criança e, por esse motivo, exigem uma atitude educativa específica, como utilização de recursos e apoio especializado.

No que se refere ao apoio especializado, a Secretaria Municipal de Educação de Colatina conta com um setor de educação multiprofissional, denominado CEMP - Centro de Educação Multiprofissional. O CEMP atende alunos matriculados nas instituições de ensino municipais, que têm deficiências de natureza física e intelectual ou apresentam distúrbios comportamentais, comprovados por laudo médico ou em processo de avaliação clínica.

Para possibilitar o atendimento clínico especializado aos alunos que apresentam autismo, síndrome de Asperger e Rett, algumas classificações de surdez, cegueira e baixa visão, o CEMP estabelece parcerias com a APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Colatina, CTA – Centro de Tratamento do Autista, ASURCOL – Associação de Surdos de Colatina e ACDV – Associação Colatinense de Deficientes Visuais.



A equipe multiprofissional do CEMP é composta por pedagoga, fonoaudióloga, psicóloga e assistente social. Essas profissionais são responsáveis por atendimentos fixos realizados por fonoaudióloga e psicóloga; triagens, atendimento e orientações aos familiares; formação de professores e atendente (pessoa que dá o suporte pedagógico necessário a algumas crianças para que acompanhem os trabalhos dinamizados pela professora).

Nas instituições de Educação Infantil, quando há a necessidade de acompanhamento pelo CEMP, é feita uma triagem da criança no espaço escolar e, a partir daí, são realizados encaminhamentos para atendimento clínico, pelos profissionais do setor ou pela rede pública de saúde, com o objetivo de diagnosticar e amenizar a evolução de algumas complicações de forma a favorecer o seu desenvolvimento.

O desafio apresentado às professoras da Educação Infantil é conhecer cada criança com necessidade educacional especial, a fim de apoiá-la em sua especificidade. Ao conhecê-la, fica mais fácil construir uma prática a partir das necessidades apontadas. Para isso, algumas atitudes são importantes:

- acreditar que a criança pode aprender e que sua convivência na instituição será favorável ao seu desenvolvimento;



- planejar cuidadosamente as atividades, estimulando a participação da criança e oferecendo material adaptado à sua necessidade, quando for preciso;
- estabelecer rotinas e regras claras para que as crianças possam se orientar;
- garantir o tempo que ela precisa para realizar a atividade;
- primar para que a criança seja ajudada no aprendizado de cuidar de si e na realização das atividades, quando acompanhada por uma atendente, para que possa adquirir gradativamente autonomia em algumas ações;
- preparar o espaço físico de forma acessível e funcional, possibilitando explorações e locomoções;
- elaborar relatórios de acompanhamento da aprendizagem, com base em sua capacidade e habilidade, apontando seus avanços ao longo do processo;
- manter contato com as famílias para trocar experiências sobre a criança.



Sabemos que para alcançar a inclusão, de fato, e garantir uma possibilidade diferenciada de aprendizagem, é preciso oferecer atendimento a criança, mas também, dar suporte à professora. Por isso, a equipe de formação da Secretaria Municipal de Educação, em parceria com os profissionais do CEMP, da APAE e do CTA, tem procurado dinamizar, na formação continuada para professoras, estudos que contribuam para fortalecer seu conhecimento, além de apresentar possibilidades de planejamento.

É importante ressaltar que as instituições de Educação Infantil devem prever em sua proposta pedagógica estratégias para incluir todas as crianças, definindo formas de acolhê-las com suas diferentes habilidades e possibilidades individuais, a fim de que possam relacionar-se com o outro e com o objeto de conhecimento.

3.7. A EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUA ESPECIFICIDADE

A Educação Infantil por si só envolve diferentes desafios em relação à garantia de qualidade no atendimento de crianças de 0 a 5 anos. Paralelo a isso, a Educação do campo se constitui num movimento de luta em busca de assegurar às crianças camponesas o direito universal à educação. É importante considerar que as crianças do campo, como todas as crianças do nosso país, são sujeitos de direitos.

Cientes desse desafio, esse documento preocupa-se em oferecer uma Educação Infantil do campo que reconheça sua especificidade e garanta diversificadas experiências, a fim de proporcionar o desenvolvimento integral das crianças, buscando a mesma qualidade da educação ofertada na área urbana. Uma Educação Infantil, segundo as “Orientações Curriculares para a Educação do Campo”, que:

[...] valorize suas experiências, seus modos de vida, sua cultura, suas histórias e suas famílias, que respeite os tempos do campo, os modos de convivência, as produções locais. Uma educação infantil que permita que a criança conheça os modos como sua comunidade nomeia o mundo, festeja, canta, dança, conta histórias, produz e prepara seus alimentos. [...] com a cara do campo, mas também com o corpo e a alma do campo, com a organização dos tempos, atividades e espaços organicamente vinculados aos saberes de seus povos (SILVA; PASUCH, 2010, p. 2).

Para que essas experiências se concretizem, são necessárias reflexões que busquem um olhar mais atento às características de vida das crianças: o planejamento das práticas educativas considera as especificidades do campo? As instituições privilegiam a linguagem como expressão e a manifestação da subjetividade da criança que mora na zona rural? Os espaços e tempos são organizados em função do ser criança? Há uma proposta que abra espaço para as narrativas e formas de compreender o mundo características da criança rural?

Buscar respostas a essas questões implica atentar-se para a elaboração de uma proposta curricular que leve em conta a diversidade e as representações da localidade, valorizando suas características próprias e culturas locais. Dada a riqueza dos territórios rurais, a Educação Infantil do campo é privilegiada em condições para exploração dos espaços externos à sala de aula. Nesse sentido, muitas experiências do cotidiano podem ser transformadas em projetos ou sequências didáticas planejadas com a intenção de ampliar os conhecimentos das



crianças: as práticas realizadas pela comunidade em busca de um ambiente sustentável, o cuidado com as plantas e animais, a produção agrícola característica do campo, os modos de vida das famílias, as festas culturais e religiosas, dentre outras.

Os espaços do campo também são ricos em possibilidades de interações: interação entre crianças de idades diferentes, criança e professora, criança e família, criança e ambiente. Essas interações apontam para a necessidade de organização dos espaços, tempos e materiais, planejada numa rotina diversificada que proporcione atividades individuais, em pequenos grupos e coletivas. Diante da variedade de materiais naturais que o campo oferece, muitas são as possibilidades de exploração: fazer esculturas e carimbos com frutas, brincar de esculpir com argila, confeccionar brinquedos e instrumentos musicais com produtos naturais, construir cabanas com galhos de árvores, conhecer nascentes, hortas e plantações, preparar sucos, mexer com água e terra, debulhar milho, amassar folhas secas, sentir texturas variadas, e outras. Peculiaridades como essas, precisam ser garantidas na proposta pedagógica da Educação Infantil camponesa, conforme explicitado nas DCNEI, em seu artigo 8º, parágrafo 3º, quando determina que deve:

- I - reconhecer os modos próprios de vida no campo como fundamentais para a constituição da identidade das crianças moradoras em territórios rurais;
- II - ter vinculação inerente à realidade dessas populações, suas culturas, tradições e identidades, assim como a práticas ambientalmente sustentáveis;
- III - flexibilizar, se necessário, calendário, rotinas e atividades respeitando as diferenças quanto à atividade econômica dessas populações;
- IV - valorizar e evidenciar os saberes e o papel dessas populações na produção de conhecimentos sobre o mundo e sobre o ambiente natural;
- V - prever a oferta de brinquedos e equipamentos que respeitem as características ambientais e socioculturais da comunidade.

Nessa perspectiva, acredita-se que a formação continuada para professores contribui para o fortalecimento da concepção de escola do campo, atendendo as demandas e os diferentes modos de vida do povo do campo, além de garantir nas práticas pedagógicas, a vivência da infância, pois as crianças que vivem nesse espaço brincam, fantasiam, imaginam como qualquer criança de outro lugar do mundo.

4 A ORGANIZAÇÃO DO CURRÍCULO DE ACORDO COM A BNCC

No presente momento, o Ministério de Educação está desenvolvendo a ação de formulação de uma Base Nacional Comum Curricular para a Educação Básica (BNCC), em atendimento a uma exigência colocada para o sistema educacional brasileiro, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996; 2013), Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (Brasil, 2009) e Plano Nacional de Educação (Brasil, 2014). Essa Base deve definir os direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que orientarão a elaboração dos currículos nacionais. Tais direitos explicitam os princípios éticos, políticos e estéticos nos quais se fundamentam as Diretrizes Curriculares Nacionais.

Em cada etapa, incluindo a Educação Infantil, a BNCC⁵ é composta por uma parte comum e uma parte diversificada, que deve contemplar as particularidades dos contextos em que as escolas se encontram (conhecimentos locais, regionais e específicos de cada faixa etária).

Seguindo orientações das DCNEI, esse documento é marcado por uma importante mudança de paradigmas, fundamentado pela grande produção de conhecimentos sobre o desenvolvimento e a educação da criança, desde seu nascimento. Ele evidencia mudanças em relação à valorização da escuta da criança, da observação de sua experiência, o que favorece seu envolvimento no contexto educativo e traz novas formas de pensar o currículo, contrapondo o modelo tradicional de ensino permeado pelo controle do adulto e por conteúdos prefixados.



Quando reafirma a definição de criança como um “sujeito histórico e de direitos que

⁵ No dia 15 de setembro de 2015 foi divulgada, pelo Ministério de Educação, a proposta preliminar da BNCC. Embora ainda não seja um documento oficial, é possível tomá-la como referência uma vez que seu conteúdo apresenta as concepções das DCNEI.

interage, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (DCNEI, Art. 4º), a BNCC remete à ideia de que, desde bebês, as crianças constroem e se apropriam de conhecimentos, reconhecendo seu direito de ter acesso a processos de apropriação e articulação de saberes, que contribuirão para sua formação humana.

O conhecimento desse documento preliminar, por parte dos profissionais das instituições, foi oportunizado por meio de um movimento de leitura e discussão da BNCC a fim de que eles participassem da consulta pública organizada pelo MEC.

A partir dessa análise e de estudos organizados com a participação das professoras, supervisores e diretores da Educação Infantil, em 2016, foi realizado o movimento de elaboração de uma proposta curricular municipal, tendo como base os documentos que norteiam o trabalho pedagógico nessa etapa. Em relação a esse processo, é fundamental o entendimento de que ainda há muito que avançar em relação ao conhecimento e à escolha de práticas que sejam mais adequadas para crianças de 0 a 5 anos. Entende-se que essa construção se efetiva de forma gradativa.

Na segunda versão da BNCC, lançada em maio de 2016, após revisão de algumas questões apontadas pelos participantes da consulta pública, os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para a Educação Infantil foram considerados a partir de uma subdivisão etária:

- bebês – 0 a 18 meses;
- crianças bem pequenas – 19 meses a 3 anos e 11 meses;
- crianças pequenas – 4 anos a 5 anos e 11 meses.

Cada subdivisão contempla os campos de experiência e seus respectivos objetivos, sendo necessário ter o cuidado de não enfatizar um grupo etário em relação ao outro, ou ainda, desvinculá-lo do conjunto de experiências da Educação Infantil e das características próprias da cultura infantil.

Sendo assim, o grande desafio está em construir uma proposta curricular que

garanta experiências integradoras, principalmente para os bebês, reconhecendo-os como sujeitos de direitos à educação, inseridos no processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, valorizando as especificidades dessa etapa e reafirmando orientações expressas nas DCNEI, a BNCC (2016, p.57-58) recomenda alguns aspectos que devem constituir uma organização curricular para a Educação Infantil:

Princípios da Educação Infantil - Os três princípios que devem nortear o projeto pedagógico da instituição de Educação Infantil: éticos, políticos e estéticos (DCNEI, Art. 6º).

Cuidar e Educar – A educação em sua integralidade, entendendo o cuidar como algo indissociável do educar (DCNEI, Art. 8º).

Interações e Brincadeiras – Considerar o brincar e os relacionamentos na vida das crianças como centro do trabalho pedagógico, possibilitando as aprendizagens, o desenvolvimento e a socialização das crianças na Educação Infantil (DCNEI, Art. 9º).

Seleção de práticas, saberes e conhecimentos – É obrigação da escola selecionar práticas sociais, saberes e conhecimentos significativos e relevantes para as crianças. Os conhecimentos a serem compartilhados e reelaborados resultam das experiências da vida cotidiana (DCNEI, Art. 8º e 9º).



Centralidade das crianças – A centralidade da criança pode ser definida pela forma como as singularidades dos bebês e das crianças são acolhidas, criando espaço para constituição das culturas infantis. Os projetos educacionais precisam considerar as diversidades culturais, sociais, etárias, étnico-raciais, econômicas e políticas de suas famílias e comunidades (DCNEI, Art.4º).

Esses aspectos devem embasar as relações pedagógicas, as metodologias e as proposições que estabelecem o modo de conduzir a instituição e os grupos de crianças, bem como a maneira de organizar os ambientes no cotidiano da Educação Infantil. Sendo assim, interferem no currículo.

Pode-se definir o currículo da Educação Infantil, então, como as ações, intenções e interações vividas no dia a dia da escola. Efetiva-se na forma de pensar as práticas, na articulação dos saberes e das experiências das crianças com os conhecimentos sistematizados pela humanidade. Dessa forma, as experiências das crianças são fundamentais para a escolha dos conhecimentos a serem estruturados na escola.

Nesse sentido, ao pensar um currículo a partir da experiência da criança, considera-se que o vivido pode ser pensado, narrado, contado, partilhado com o outro. Essa característica histórica, de ultrapassar o tempo vivido, de ser coletivo, equivale à experiência. Refere-se a uma prática que convida a pensar sobre o sentido da vida individual e coletiva.

Entretanto, é importante ressaltar que experiência não é a mesma coisa que vivência. Na vivência, a ação se esgota no momento de sua realização. Exemplo disso, na prática pedagógica, são os fazeres que não interferem na vida da criança, atividades que não apresentam desafios, como ligar pontos, pintar desenhos prontos, exercícios repetitivos de coordenação motora. São vivências que não proporcionam mudanças de comportamento, não modificam a forma de interpretar o mundo, nem incentivam a expressão criadora.

Considerando, portanto, que a experiência mobiliza o sujeito, espera-se que as práticas pedagógicas possam envolver as crianças em atividades significativas, que evoquem sentidos a serem recuperados na vivência de outras situações, ao utilizar os novos conhecimentos como parte de sua própria experiência.



A compreensão da relação entre experiência e aprendizagem torna-se mais acessível quando o currículo é pensado a partir dos conteúdos da experiência da criança e segue em direção ao conteúdo do programa definido pela escola. Para isso, é necessário abandonar o modelo estruturado por listas de conteúdos prefixados de forma rígida e acabada, a ser seguido ao longo do ano letivo.

Nessa perspectiva, nas interações que estabelecem com as pessoas e o ambiente escolar, as crianças podem usufruir de diversas experiências: lúdicas, estéticas, de autonomia, de respeito, de aconchego, de experimentação, de investigação, de leitura, de cooperação, de diálogo e outras. Assim sendo, para que as instituições de Educação Infantil possam organizar seu currículo articulando saberes e conhecimentos, a BNCC, em consonância com o artigo 9º das DCNEI, indica cinco Campos de Experiências:

- O eu, o outro, o nós;
- Corpo, gestos e movimentos;
- Traços, sons, cores e imagens;
- Escuta, fala, linguagem e pensamento;
- Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Esses Campos de Experiências foram selecionados como forma de organização curricular pelo seu caráter interdisciplinar, conservando relações com as áreas do conhecimento, que organizam as etapas posteriores de escolarização. Porém, é preciso deixar claro, que as diferentes possibilidades de experiências, que as crianças podem vivenciar na escola, não devem acontecer de modo isolado ou fragmentado.

Essa abordagem tem como ponto de partida, para o trabalho pedagógico, a própria experiência da criança, possibilitando inserir ao programa fatos, conhecimentos, atitudes, motivos e interesses que a levam à aprendizagem, sem anular os conhecimentos acumulados da cultura. Sendo assim, ao considerar a criança como ativa, criativa e com saberes, é compreensível a incorporação de objetivos de aprendizagem relacionados às experiências desafiadoras, já que ela tem a

possibilidade de recriar sua cultura no processo de comunicação com seus pares.

Segundo Kishimoto⁶, “um conteúdo temático que emerge da experiência da criança precisa de continuidade para o crescimento do conhecimento”, o que requer planejamento de estratégias que favoreçam a ampliação e reorganização da experiência com a participação das crianças. A escritora afirma que “essa é a tarefa da professora, da educação vista como ato intencional em busca de finalidade”.

Logo, se a experiência propicia aprendizagem, os direitos de aprendizagem definidos pela BNCC consideram as formas pelas quais bebês e crianças aprendem e constroem significados sobre si, o outro e o mundo. Esses direitos⁷ são:

CONVIVER democraticamente com outras crianças e adultos, com eles se relacionar e partilhar distintas situações, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à natureza, à cultura e às diferenças entre as pessoas.

BRINCAR cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros adultos e crianças, ampliando e diversificando as culturas infantis, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.

PARTICIPAR ativamente, junto aos adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola, como da realização das atividades da vida cotidiana: da escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.

EXPLORAR movimentos, gestos, sons, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, no contexto urbano e do campo, espaços e tempos da instituição, interagindo com diferentes grupos e ampliando seus saberes, linguagens e conhecimentos.

EXPRESSAR, como sujeito criativo e sensível, com diferentes linguagens, sensações corporais, necessidades, opiniões, sentimentos e desejos, pedidos de ajuda, narrativas, registros de conhecimentos elaborados a partir de diferentes experiências, envolvendo tanto a produção de linguagens quanto a fruição das artes em todas as suas manifestações.

CONHECER-SE e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações e brincadeiras vivenciadas na instituição de Educação Infantil.

Os direitos derivam dos eixos das interações (conviver e participar), da brincadeira (brincar e explorar) e da construção identitária (conhecer-se e expressar) e indicam uma finalidade educativa que caminha na direção dos interesses das crianças.

⁶ “Currículo e conteúdos específicos da Base Nacional Comum de Educação Infantil” - Parecer crítico elaborado a partir das contribuições realizadas na consulta pública sobre a 1ª versão da BNCC, p. 7.

⁷ Direitos de aprendizagem apresentados na 2ª versão da BNCC, 2016, p. 61-62.

Para garanti-los é necessário propor práticas que favoreçam à apropriação da cultura, de forma significativa, por meio de interações no espaço coletivo e da produção de narrativas, a partir de diferentes linguagens.

Entendendo, pois, que a aprendizagem se dá em meio às experiências vivenciadas nas relações que estabelecemos com o outro e com o meio onde estamos inseridos, acredita-se que as propostas educativas, desenvolvidas na escola, devem ser intencionalmente selecionadas, planejadas e organizadas. Com a finalidade de resguardar o direito das crianças de constituir diferentes aprendizagens e ter acesso aos conhecimentos já sistematizados pela humanidade, essa proposta está organizada por Campos de Experiência, conforme dispõe a BNCC para a Educação Infantil.



5 CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS, DIREITOS E OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

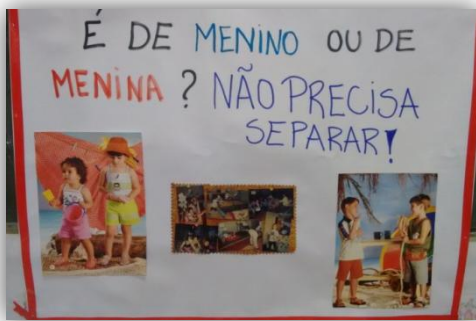
Os referenciais teóricos e os estudos, ao longo dos últimos anos, conforme já contemplado nesse documento, permitiram a compreensão de um currículo a partir de Campos de Experiências, que corresponde às orientações legais das DCNEI/2009, assegurando uma concepção de educação integradora, pautada na articulação de saberes e conhecimentos das crianças, mediados sistematicamente pela professora e pela escola.

Embora nos documentos norteadores e nessa proposta os Campos de Experiência estejam apresentados separadamente, de acordo com as áreas do conhecimento que mais enfatizam, é fundamental atender-se para que as práticas pedagógicas não se fragmentem, mas sim, articulem-se por meio de experiências que resultarão numa aprendizagem significativa, contemplando os eixos norteadores: as interações e a brincadeira. Tal opção objetiva garantir de forma direta e objetiva, aos profissionais ligados à prática pedagógica, um conhecimento daquilo que é direito da criança, na efetivação do currículo no cotidiano das instituições de Educação Infantil.

Os campos de experiência apresentados a seguir possuem direitos e objetivos de aprendizagem retirados da 2ª versão da BNCC e distribuídos conforme a organização por subdivisão etária nela constituída. Essa sistemática de organização permite uma visualização mais clara para a professora. Porém, é importante ressaltar que cabe a ela analisar a faixa etária atendida em sua turma e flexibilizar o uso dos objetivos de aprendizagens, garantindo o trabalho necessário ao desenvolvimento das crianças naquele momento.

5.1 CAMPO DE EXPERIÊNCIA: O EU, O OUTRO, O NÓS

O sujeito se constitui integralmente a partir das interações que estabelece consigo mesmo, com o outro e com o meio em que vive. As relações vividas e sentidas nos diferentes ambientes ao qual pertence garantem, desde o nascimento, a percepção, assimilação e compreensão do que é visto, sentido e vivido, resultando em aprendizagens que proporcionarão o seu desenvolvimento integral.



Desse modo, a criança necessita conviver com o outro e estabelecer relações que permitam construir significados, ideias e opiniões; descobrir particularidades sobre si mesma, inclusive que é pertencente a uma família, a uma comunidade e a uma cultura; despertar o autocuidado, o cuidado com o próximo e a interdependência com o meio, além de ampliar esse universo conhecendo outras culturas, identidades e costumes, adquirindo respeito e valorização pela diversidade humana.

5.1.1 Direitos de aprendizagem

- Conviver com crianças e adultos em pequenos e grandes grupos, reconhecer e respeitar as diferentes identidades e pertencimento étnico-racial, de gênero e de religião.
- Brincar com diferentes parceiros, envolver-se em variadas brincadeiras e jogos de regras, reconhecer o sentido do singular, do coletivo, da autonomia e da solidariedade, constituindo as culturas infantis.
- Participar das situações do cotidiano, tanto daquelas ligadas ao cuidado de si e do ambiente, como das relativas às atividades propostas pelo/a professor/a, e de decisões relativas à escola, aprendendo a respeitar os ritmos, os interesses e os desejos das outras pessoas.
- Explorar ambientes e situações, de diferentes formas, com pessoas e grupos sociais diversos, ampliando a sua noção de mundo e sua sensibilidade em relação aos outros.
- Expressar às outras crianças e/ou adultos suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, oposições, utilizando



diferentes linguagens, de modo autônomo e criativo, e empenhando-se em entender o que os outros expressam.

- Conhecer-se nas interações e construir uma identidade pessoal e cultural, valorizar suas próprias características e as das outras crianças e adultos, constituindo uma confiança em si e uma atitude acolhedora e respeitosa em relação aos outros⁸.

5.1.2 Objetivos de aprendizagem

BEBÊS	CRIANÇAS BEM PEQUENAS	CRIANÇAS PEQUENAS
O EU, O OUTRO, O NÓS		
- Perceber que suas ações têm efeitos nas outras crianças e adultos, constituindo relações de amizade.	- Demonstrar atitudes cuidadosas e solidárias na interação com diversas crianças e adultos.	- Seguir as regras nas brincadeiras e jogos com outras crianças, aprendendo a lidar com o sucesso e a frustração.
- Perceber as possibilidades e os limites de seu corpo nas brincadeiras das quais participa.	- Fazer uso de normas sociais, participando de brincadeiras de faz de conta.	- Fazer uso de estratégias para lidar com o conflito nas interações com diversas crianças e adultos.
- Dialogar com parceiros coetâneos ou adultos, ao explorar materiais, objetos, brinquedos.	- Assumir personagens ligados ao seu cotidiano nas brincadeiras de faz de conta.	- Apreciar os costumes e as manifestações culturais do seu contexto e de outros.
- Comunicar suas necessidades, desejos e emoções, utilizando gestos, balbucios e palavras.	- Praticar suas habilidades comunicativas, ampliando a compreensão das mensagens dos colegas.	- Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos, por meio de contatos diretos ou possibilitados pelas tecnologias da comunicação.

⁸ Os Direitos de Aprendizagem e Objetivos de Aprendizagem apresentados nesse documento para cada Campo de Experiência foram retirados da 2ª versão da BNCC (2016, p. 68-82).

- Reconhecer as sensações do seu corpo em momentos de alimentação, higiene, descanso.	- Comparar características de colegas (tamanho, altura, preferências, local de moradia etc.), identificando semelhanças e diferenças.	- Demonstrar oposição a qualquer tipo de discriminação, sempre que presenciá-la.
---	---	--

5.1.3 Experiências

- Participar de situações em que se perceba como sujeito, pertencente a uma família, a um grupo social.
- Conversar sobre a heterogeneidade das formações familiares.
- Participar e comemorar eventos sociais e culturais significativos, compreendendo sua importância.
- Ter contato e utilizar os serviços sociais da cidade (públicos e privados) e conhecer as funções desempenhadas pelos diversos atores sociais (policiais, médicos, enfermeiros, líderes comunitários, comerciantes, entre outros).
- Circular nos espaços públicos, privados, de uso coletivo ou individual, utilizando dos serviços disponíveis à comunidade.
- Interagir com o modo de viver e trabalhar da comunidade onde está inserida.
- Manipular e explorar instrumentos e objetos de sua cultura: brinquedos, utensílios usados pelos adultos (pentes, escovas, telefones, caixas, panelas, instrumentos musicais, livros, rádio, etc.).
- Conversar e pesquisar sobre culturas diferentes da vivenciada em seu núcleo familiar, município, estado e país.
- Manter contato com a história dos povos/etnias, diferentes culturas contemporâneas e de outros tempos.
- Participar da construção de regras e combinados.
- Demonstrar em diferentes momentos suas características e gostos particulares.



- Ser chamada pelo nome e conhecer a história dele.
- Cuidar de seus pertences e materiais, responsabilizando-se por eles.
- Interagir com os colegas da própria turma, com crianças de turmas maiores ou menores em diferentes situações.
- Compartilhar objetos, brinquedos, sentimentos, alimentos, cuidados dentre outros, com familiares, colegas da instituição e exterior a ela.
- Usar o diálogo para resolver dúvidas e conflitos com outras crianças e adultos.
- Utilizar expressões de cortesia no cotidiano da escola: obrigada, por favor, com licença, desculpe, etc.
- Executar movimentos colaborativos ao vestir-se ou desnudar-se, tais como: tirar e colocar os sapatos, tênis, chinelos, desabotoar e abotoar camisa, abrir e fechar zíper, etc.
- Alimentar-se, ir ao banheiro, vestir-se e calçar-se sozinha.
- Realizar ações simples relacionadas à saúde e higiene, adotando hábitos regulares de cuidados com o próprio corpo.
- Alimentar-se de acordo com as práticas da cultura a qual pertence, utilizando instrumentos e procedimentos adequados (talheres, copos, pratos, comer devagar, sentar-se à mesa e outros).
- Escolher seu próprio alimento ao servir-se.
- Expressar preferências em relação a cheiros e paladares.
- Ser incentivada a usar o banheiro e, gradativamente, ter o controle dos esfíncteres.
- Usar o banheiro apropriando-se de instrumentos e procedimentos adequados (vaso sanitário, papel higiênico, torneira, sabonete, dar descarga, enxugar as mãos).
- Participar da organização de brinquedos e materiais, a fim de colaborar com o uso do espaço coletivo.
- Participar de atividades e trabalhos em grupo.



- Brincar com os colegas, experimentando diversos papéis sociais e criando cenários que permitam ressignificar o mundo social.
- Ser atendida em suas necessidades (fome, dor, fralda molhada, frio, calor, sede, etc.).
- Ser incentivada a expressar por meio de gestos e da fala, seu desconforto diante de determinadas situações (cansaço, irritação, aborrecimento, raiva, etc.).
- Apreciar sua imagem refletida no espelho, fazendo caretas, gestos e sorrindo diante dele.
- Observar semelhanças e diferenças físicas entre as pessoas.
- Descobrir o próprio corpo e o corpo do outro.
- Expressar, por meio de expressões faciais, sentimentos e emoções.
- Participar do planejamento da rotina do dia, na rodinha da sala de aula, dando opinião.
- Ser solicitada pelo adulto a realizar atividades, comandos, favores, dentre outros.
- Participar de momentos diversos em que seja necessária a relação com o outro.
- Ser incentivada a cooperar, respeitar e ser solidária com o outro.
- Ser valorizada em suas ações.
- Conviver e respeitar a diversidade (religiosa, social, racial, sexual, física).
- Ser acolhida com afeto.
- Escolher brinquedos e objetos para brincar, demonstrando suas preferências.
- Participar de situações de exercício da vida democrática escolhendo, votando, opinando.
- Cuidar do corpo, atentando-se para situações de risco.
- Ser incentivada a enfrentar, sozinha, possíveis problemas ou dificuldades na realização de determinadas atividades.
- Participar de jogos e brincadeiras (dirigidas ou livres).
- Construir e utilizar regras de convívio social, de organização em grupo.



- Conhecer e respeitar as regras ao participar de jogos.
- Ser incentivada a continuar no jogo ou brincadeira, mesmo se estiver em desvantagem.
- Lidar com frustrações e conflitos.

5.2 CAMPO DE EXPERIÊNCIA: CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS

O corpo revela-se, desde cedo, como fonte de comunicação. É por meio dele que a criança expressa suas vontades, emoções e conceitos e constitui sua identidade social vivenciando diferentes experiências em relação ao gênero, à etnia ou raça, à classe, à religião, à sexualidade e aos objetos de sua cultura.

À medida que vai descobrindo e tendo conhecimento de seu corpo, a criança se desenvolve não só fisicamente, mas sensorial, lúdica e esteticamente. Por meio das interações e brincadeiras, os sentidos, sensações, postura, mímica, gestos, movimentos impulsivos e coordenados vão se tornando parte da criança, permitindo-lhe compreender o mundo que a cerca e agir sobre ele, transformando-o.

O corpo da criança, na Educação Infantil, deve ser entendido como ponto fundamental para o trabalho pedagógico e considerado em todas as ações do cotidiano escolar. Se a criança fala com o corpo isso indica que ela deve ser constantemente estimulada e desafiada a descobri-lo, entendê-lo e usá-lo. Sendo assim, as instituições de EI, juntamente com as professoras em suas práticas pedagógicas e na organização do espaço escolar, necessitam assegurar o trabalho com o cuidado físico, o desenvolvimento motor, a ampliação de repertório de gestos e mímicas, o uso do corpo em espaços que garantam a emancipação e a liberdade, evitando a submissão e o controle opressor em situações individuais e coletivas.

5.2.1 Direitos de aprendizagem

- Conviver com crianças e adultos e experimentar, de múltiplas formas, a gestualidade que marca sua cultura e está presente nos cuidados pessoais, dança, música, teatro, artes circenses, jogos, escuta de histórias e brincadeiras.

- Brincar, utilizando movimentos para se expressar, explorar espaços, objetos e situações, imitar, jogar, imaginar, interagir e utilizar criativamente o repertório da cultura corporal e do movimento.
- Participar de diversas atividades de cuidados pessoais e do contexto social, de brincadeiras, encenações teatrais ou circenses, danças e músicas; desenvolver práticas corporais e autonomia para cuidar de si, do outro e do ambiente.
- Explorar amplo repertório de movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas; descobrir modos de ocupação e de uso do espaço com o corpo e adquirir a compreensão do seu corpo no espaço, no tempo e no grupo.
- Expressar corporalmente emoções, ideias e opiniões tanto nas relações cotidianas como nas brincadeiras, dramatizações, danças, músicas, contação de histórias, dentre outras manifestações, empenhando-se em compreender o que outros também expressam.
- Conhecer-se nas diversas oportunidades de interações e explorações com seu corpo. Reconhecer e valorizar o seu pertencimento de gênero, étnico-racial e religioso.



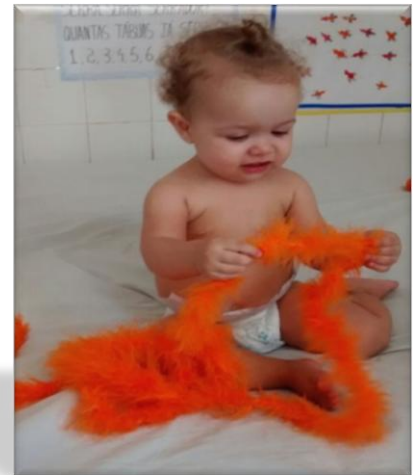
5.2.2 Objetivos de aprendizagem

BEBÊS	CRIANÇAS BEM PEQUENAS	CRIANÇAS PEQUENAS
CORPO, GESTOS E MOVIMENTO		
- Expressar corporalmente emoções, necessidades e desejos, ampliando suas estratégias comunicativas.	- Explorar gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nas diversas brincadeiras corporais e de faz de conta.	- Fazer uso de movimentos cada vez mais precisos, ao interagir com colegas e adultos em brincadeiras e atividades da cultura corporal.
- Ampliar suas possibilidades corporais, respondendo a desafios criados em espaços que possibilitem explorações diferenciadas.	- Praticar suas possibilidades corporais, ao se envolver em brincadeiras tradicionais e de faz de conta.	- Criar movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas com o corpo em brincadeiras artísticas como dança, teatro e música.
- Experimentar as possibilidades de seu corpo nas brincadeiras ou diante das demandas proporcionadas por ambientes acolhedores e desafiantes.	- Explorar formas de deslocamento no espaço, combinando movimentos e orientações diversas.	- Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo na participação em momentos de cuidado, brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, dentre outras possibilidades.
- Participar do cuidado do seu corpo e do seu bem-estar.	- Demonstrar uma valorização das características do seu corpo, nas diversas atividades das quais participa, como em momentos de cuidado de si e do outro, em jogos, histórias e em atividades artísticas.	- Demonstrar progressiva independência no cuidado do seu corpo.

- Imitar gestos, sonoridades e movimentos de outras crianças e adultos.	- Explorar formas de deslocamento no espaço, combinando movimentos e orientando-se com relação a noções como: em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora.	- Criar formas diversificadas para expressar ideias, opiniões, sentimentos, sensações e emoções com seu corpo tanto nas situações do cotidiano como em brincadeiras, dança, teatro, música.
---	---	---

5.2.3 EXPERIÊNCIAS:

- Ser respeitada na sua especificidade física.
- Executar movimentos de soprar e sugar.
- Movimentar os olhos e cabeça na direção do som ouvido.
- Expressar-se por meio de gestos e ritmos corporais.
- Movimentar braços e pernas seguindo comandos.
- Manipular objetos com os dedos.
- Segurar objetos com as mãos.
- Pinçar objetos de tamanhos e formas variadas.
- Segurar objetos e coordenar os movimentos da mão, passando-os de uma para outra.
- Utilizar os movimentos da mão para rasgar, amassar, apertar, pinçar, empurrar e cortar com tesoura.
- Manusear objetos diversos (lápis, pincel, giz de cera, tesoura).
- Realizar movimentos de preensão, encaixe e lançamento.
- Lançar objetos no espaço a uma determinada distância, coordenando a força necessária para realizar o movimento.
- Ser incentivada e estimulada para executar as ações de sentar sozinha, ficar de pé e andar.
- Apanhar objetos colocados a determinada altura.
- Realizar movimentos de locomoção como andar, correr, pular e suas variantes.



- Escorregar, balançar, rodopiar, engatinhar, arrastar-se, pular, saltar, equilibrar-se, perseguir, procurar.
- Movimentar-se pelo espaço arrastando-se, rolando, engatinhando, levantando, subindo, descendo, saltando, passando por baixo, por dentro e etc.
- Brincar no espaço interno e externo, vivenciando situações que envolvam desafios corporais.
- Vivenciar atividades que envolvam equilíbrio como: andar sobre uma linha, pular com um pé só, na ponta dos pés, dentre outros.
- Explorar os espaços da instituição e outros, quando possível.
- Visitar espaços extraescolares.
- Conhecer os diferentes espaços da instituição, a fim de compreender seus significados, funções e uso adequado, como refeitório, sala do diretor, pátio, cozinha.
- Usar a imaginação em brincadeiras livres e dirigidas.
- Explorar materiais oferecidos, utilizando-os de forma criativa.
- Dramatizar histórias representando personagens.
- Participar de brincadeiras de movimentação ampla com bolas, pneus, cordas, bambolês, etc.
- Brincar em grupo, coordenando suas ideias e papéis com os desempenhados pelos colegas.
- Participar de coreografias, dramatizações e apresentações diversas.
- Realizar gestos diversos e ritmo corporal em brincadeiras, danças, jogos.
- Vivenciar jogos de imitação e mímica.
- Participar de brincadeiras cantadas: “A galinha do vizinho”, “Escravos de Jó”, “Seu lobo está”, etc.



- Dançar livremente e a partir de coreografias.
- Criar movimentos diferentes para coreografias de uma mesma música.
- Usar ritmo rápido ou lento ao cantar, pular corda e recitar parlendas ou trava-línguas.
- Realizar atividades que permitam sentir o limite de seu corpo.
- Participar de brincadeiras utilizando recursos como força, velocidade, resistência e flexibilidade nos seus deslocamentos.
- Participar de atividades que necessitem do controle do corpo, diferenciando inércia e movimento a partir de comandos.
- Realizar comandos como: bater palmas, jogar beijo, dar tchau.
- Brincar de faz de conta, assumindo diferentes papéis.
- Vivenciar brincadeiras de imaginação, transformando um objeto em outro.
- Brincar livremente nos espaços da instituição.
- Participar de brincadeiras e jogos com instruções e regras.
- Construir regras e obedecer regras.
- Criar estratégias de jogo.
- Participar de jogos e brincadeiras de mesa, tais como: bingo, memória, dominó, trilha, baralho, ludo, dama, jogo de dados e outros.
- Brincar com jogos de construção: encaixe, quebra-cabeça, toquinhos, sucatas e outros.
- Brincar com jogos de multimídia.



5.3 CAMPO DE EXPERIÊNCIA: ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO

A comunicação é algo essencial à vida humana e o bebê, desde seu nascimento, a utiliza por meio dos gestos e expressões corporais agregados ao choro. Aos poucos o choro e o gemido vão sendo substituídos por balbúcias e, em seguida, pela fala, que se constituem pela apropriação gradativa da língua materna, por meio do contato com o outro e o meio à sua volta. Dessa forma, as palavras se tornam o veículo de comunicação e de pensamento privilegiado pela criança. Esse pensamento será potencializado em relação à criação, expressão e comunicação, a

partir da gestualidade, do movimento realizado nas brincadeiras e jogos corporais, na apropriação da linguagem oral ou em Libras, na expressão gráfica, musical, plástica, dramática, escrita, dentre outras.

O trabalho na Educação Infantil precisa garantir experiências com a linguagem oral que sejam significativas para as crianças, pois é no contato com diferentes narrativas, na participação em situações de comunicação formal ou informal que ela se percebe sujeito pertencente a uma cultura e a um grupo social.



A leitura e a escrita devem permear o universo infantil de forma instigante, levando os pequenos a investigar, explorar, conhecer e ler imagens, livros, poemas, canções, textos diversos, palavras, letras e números. O contato com a cultura escrita é fundamental para o desenvolvimento integral da criança e deve partir daquilo que ela já conhece e das curiosidades que apresenta.

5.3.1 Direitos de Aprendizagem

- Conviver com crianças e adultos, compartilhando situações comunicativas cotidianas, construindo modos de pensar, imaginar, sentir, narrar, dialogar e conhecer.
- Brincar com parlendas, trava-línguas, adivinhas, textos de memória, rodas, brincadeiras cantadas e jogos, ampliando o repertório das manifestações culturais da tradição local e de outras culturas, enriquecendo a linguagem oral, corporal, musical, dramática, escrita, dentre outras.
- Participar de rodas de conversa, de relatos de experiências, de contação e leitura de histórias e poesias, de construção de narrativas, da elaboração e



descrição de papéis no faz de conta, da exploração de materiais impressos, analisando as estratégias comunicativas, as variedades linguísticas e descobrindo as diversas formas de organizar o pensamento.

- Explorar gestos, expressões corporais, sons da língua, rimas, imagens, textos escritos, além dos sentidos das falas cotidianas, das palavras nas poesias, parlendas, canções, e nos enredos de histórias, apropriando-se desses elementos para criar novas falas, enredos, histórias e escritas convencionais ou não.
- Expressar sentimentos, ideias, percepções, desejos, necessidades, pontos de vista, informações, dúvidas e descobertas, utilizando múltiplas linguagens, entendendo e considerando o que é comunicado pelos colegas e adultos.
- Conhecer-se, a partir de uma apropriação autoral da(as) linguagens, interagindo com os outros, reconhecendo suas preferências por pessoas, brincadeiras, lugares, histórias.

5.3.2 Objetivos de aprendizagem

BEBÊS	CRIANÇAS BEM PEQUENAS	CRIANÇAS PEQUENAS
ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO		
- Reconhecer quando chamam seu nome e os nomes das pessoas com quem convive.	- Dialogar sobre diferentes assuntos em rodas de conversa e brincadeiras.	- Registrar experiências pessoais ou atividades realizadas na escola em fotografias, vídeos, desenhos e escrita (convencional ou não).
- Apreciar a escuta de pequenas histórias.	- Criar sons, rimas e gestos em brincadeiras de roda e outras.	- Inventar enredos para brincadeiras, histórias, poemas, canções, roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos e os personagens.

- Imitar as variações de entonação e gestos realizados pelos adultos, ao ler histórias e ao cantar.	- Relatar, de modo expressivo, experiências e fatos acontecidos, histórias de livros, filmes ou peças teatrais.	- Ditar textos orais ao/a professor/a, individualmente ou em grupo.
- Participar de diálogos, usando movimentos expressivos, gestos, balbucios e fala.	- Criar novos elementos para as histórias que ouve.	- Produzir suas próprias escritas, convencionais ou não, em situações com função social significativa.
	- Expressar seus sentimentos e opiniões, usando a linguagem verbal.	- Levantar hipóteses sobre textos escritos sobre as características da escrita: frases, palavras, espaços em branco, sinais de pontuação e outras marcas, compreendendo que a escrita é uma representação da fala.

5.3.3 EXPERIÊNCIAS:

- Balbuciar sons e emitir pequenas palavras.
- Utilizar várias linguagens para se comunicar.
- Ser interpretada pelo outro.
- Ser chamada pelo nome.
- Apreciar filmes.
- Assistir dramatizações e/ou peças teatrais.
- Ouvir, interpretar e dramatizar histórias utilizando vocabulário próprio.
- Realizar tarefas a partir de instruções ouvidas.
- Reconhecer pessoas conhecidas pela voz.
- Ouvir, contar e recontar histórias, parlendas, fábulas, poesias e outros.
- Participar de atos de leitura com diferentes estratégias: pausa protocolada, leitura de partes do texto, a partir de cenas, de imagens.
- Conversar sobre diversos assuntos.
- Participar de situações em que se faz necessária a comunicação oral.
- Expressar sentimentos, desejos e necessidades por meio da fala.

- Explorar livros de materiais diversos (plástico, tecido, cartonado, livro-brinquedo).
- Explorar diversos portadores de texto por meio do manuseio e da observação (folhear revistas, livros, perceber imagens, etc.)
- Escolher livros para ler.
- Brincar de faz de conta, incluindo, de forma significativa, materiais escritos (rótulos das embalagens, dinheiro, conta de água, luz, telefone, folder, encarte de supermercado, etc.).
- Brincar com a leitura e escrita do próprio nome e com os nomes dos colegas.
- Nomear e descrever objetos, pessoas, fotografias, gravuras.
- Ser incentivada e estimulada a utilizar linguagem clara e não infantilizada.
- Relatar fatos simples acontecidos no seu dia a dia.
- Contar casos, filmes e outros.
- Reproduzir falas de personagens diversos.
- Relatar experiências próprias, dos demais colegas e de situações observadas, posicionando-se a respeito delas.
- Participar de rodas de conversa, ampliando sua capacidade comunicativa e sabendo ouvir colegas e professora.
- Recontar oralmente histórias.
- Relatar oralmente suas percepções a partir do que vê em símbolos, placas, tirinhas, histórias não verbais.
- Descrever sequência de cenas de histórias.
- Antecipar o sentido do texto na leitura de livros, quadrinhos e tirinhas a partir da imagem.
- Fazer e responder perguntas.
- Dialogar com os colegas, com as professoras e demais adultos da instituição.
- Participar de rodas de discussões com os colegas de turma.
- Usar o diálogo para resolver conflitos, negociar.
- Participar de situações de respeito às normas reguladoras do funcionamento



dos diferentes gêneros orais (ouvir sem interromper, interromper no momento oportuno, utilizar equilibradamente o tempo disponível para a interlocução).

- Reproduzir textos de memória (trava-línguas, parlendas, canções, poemas, quadrinhas).
- Vivenciar jogos e brincadeiras que exploram e brincam com a sonoridade das palavras.
- Participar de jogos de linguagem (jogo dos contrários, jogo de absurdo, jogo de agrupamento de palavras: “lá vem a barquinha”, “atenção, concentração”).
- Manifestar preferência por determinadas histórias e solicitar o reconto das mesmas.
- Comentar notícias veiculadas pela mídia.
- Adotar o papel de ouvinte atento ou de locutor cooperativo em situações comunicativas que envolvem alguma formalidade.
- Transmitir recados a outros, buscando conservar a mensagem.
- Participar de apresentações (teatro, explanação sobre uma pesquisa ou descoberta, declamação de poemas).
- Expressar conhecimentos, opiniões, impressões, desejos, dentre outros, por meio de desenhos.
- Participar de momentos de apreciação da leitura e da escrita.
- Vivenciar situações reais de utilização da linguagem oral e escrita.



- Explorar elementos nos livros: capa, contracapa, folha de rosto, orelha, índice, número de páginas.
- Conhecer a biografia dos autores das histórias ouvidas e lidas e de seus ilustradores.
- Manusear vários suportes de texto construindo noções como: ler do início para o final, passar as folhas com cuidado, não rasgar, não fazer orelhas.

rasgar, não fazer orelhas.

- Utilizar estratégias de leitura em situações diversas.

- Ajustar o falado ao escrito, a partir dos textos memorizados.
- Conhecer, por meio de situações significativas, como e para que os seres humanos criaram os primeiros sistemas de escrita, compreendendo-os como uma produção histórica e cultural.
- Fazer a distinção entre desenho e escrita por meio de situações significativas.
- Participar de jogos e brincadeiras que envolvam as letras e números.
- Realizar tentativas de escrita, utilizando os aspectos gráficos da escrita (traçado da letra).
- Participar de situações que desenvolvam a compreensão da orientação da escrita de nossa língua (da esquerda para a direita, de cima para baixo).
- Utilizar a ordem alfabética em contextos significativos.
- Ter acesso a diferentes tipos de letras (categorização gráfica) em textos de diferentes gêneros e suportes textuais.
- Realizar diferentes atividades que envolvam seu nome e o nome dos colegas, na forma oral e escrita.
- Participar e realizar observações, pesquisas e reflexões sobre a língua escrita: palavras diferentes compartilham certas letras; palavras diferentes variam quanto ao número, repertório e ordem de letras.
- Observar a segmentação das palavras em textos e compará-las quanto ao tamanho.
- Construir jogos que envolvam a linguagem escrita.
- Ser incentivada a refletir sobre a escrita, percebendo que as vogais estão presentes em todas as sílabas.
- Participar oralmente de produção de textos.
- Inventar histórias.
- Participar de situações de escrita tendo o professor como escriba.
- Participar de situações de escrita de próprio punho, atendendo a diferentes



finalidades, de acordo com as habilidades do momento.

- Participar de jogos e brincadeiras que envolvam rima e exploração sonora das palavras.
- Escrever, à sua maneira, textos que sabe de memória (títulos, parlendas, músicas, poemas).
- Realizar tentativas de leitura.
- Ter contato com gêneros textuais, que circulam em nossa sociedade, percebendo suas diferentes estruturas e diagramações.
- Participar da produção coletiva de textos de diferentes gêneros, atendendo a diferentes finalidades, com a ajuda de um escriba.
- Ter acesso a livros de literatura, escolhê-los e lê-los à sua maneira.
- Participar de jogos e brincadeiras que envolvam a linguagem escrita.
- Descrever, com suas próprias palavras, etapas e/ou orientações de construção/confecção de algo (brinquedo, dobradura, colagem, regras de jogo).
- Conversar ao microfone, gravar falas e usar outras tecnologias.
- Participar de jogos interativos, a partir de softwares educativos.
- Utilizar o computador como recurso tecnológico e suporte textual que possibilita a leitura e a produção escrita.



5.4 CAMPO DE EXPERIÊNCIA: TRAÇOS, SONS, CORES E IMAGENS

Linguagens como artes visuais, dança, música e teatro colaboram para a constituição da identidade do indivíduo, por isso, quanto mais cedo a criança vivenciar experiências com essas linguagens, maior será sua capacidade de expressão.

No cotidiano escolar, é importante que as crianças vivenciem experiências com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, tanto locais quanto universais, a fim de que explorem diferentes materiais, recursos tecnológicos, audiovisuais e multimídia. Desse modo, estarão experimentando e realizando

produções autorais individuais e coletivas, por meio de gestos, sons, traços, cores, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens. Ao vivenciar experiências artísticas, a criança ampliará seu repertório cultural, seu vocabulário, a expressão corporal e a criatividade.

5.4.1 Direitos de Aprendizagem

- Conviver e fruir das manifestações artísticas e culturais da sua comunidade e de outras culturas – artes plásticas, música, dança, teatro, cinema, folguedos e festas populares – ampliando a sua sensibilidade, desenvolvendo senso estético, empatia e respeito às diferentes culturas e identidades.
- Brincar com diferentes sons, ritmos, formas, cores, texturas, objetos, materiais, construindo cenários e indumentárias para brincadeiras de faz de conta, encenações ou para festas tradicionais, enriquecendo seu repertório e desenvolvendo seu senso estético.
- Participar de decisões e ações relativas à organização do ambiente (tanto no cotidiano como na preparação de eventos especiais), à definição de temas e à escolha de materiais a serem usados em atividades lúdicas e teatrais, entrando em contato com manifestações do patrimônio cultural, artístico e tecnológico, apropriando-se de diferentes linguagens.
- Explorar variadas possibilidades de usos e combinações de materiais, substâncias, objetos e recursos tecnológicos para criar e recriar danças, artes visuais, encenações teatrais, músicas, escritas e mapas, apropriando-se de diferentes manifestações artísticas e culturais.
- Expressar com criatividade e responsabilidade, suas emoções, sentimentos, necessidades e ideias, brincando, cantando, dançando, esculpindo, desenhando, encenando, compreendendo e usufruindo o que é comunicado pelos demais colegas e pelos adultos.

- Conhecer-se, no contato criativo com manifestações artísticas e culturais locais e de outras comunidades, identificando e valorizando o seu pertencimento étnico-racial, de gênero e de crença religiosa, desenvolvendo sua sensibilidade, criatividade, gosto pessoal e modo peculiar de expressão por meio do teatro, música, dança, desenho e imagens.

5.4.2 Objetivos de Aprendizagem

BEBÊS	CRIANÇAS BEM PEQUENAS	CRIANÇAS PEQUENAS
TRAÇOS, SONS, FORMAS E IMAGENS		
- Explorar sons produzidos com o próprio corpo e com objetos cotidianos.	- Explorar sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais, para acompanhar diversos tipos de canção.	- Selecionar espaços, objetos, materiais, roupas e adereços para brincadeiras de faz de conta, encenações, criações musicais ou para festas tradicionais.
- Traçar marcas gráficas, usando objetos riscantes e suportes.	- Utilizar diferentes materiais, suportes e procedimentos para grafar, explorando cores, texturas, superfícies, planos, formas e volumes.	- Explorar relações de peso, tamanho, quantidade e volume de algumas formas bidimensionais ou tridimensionais.
- Utilizar materiais com possibilidades transformadoras (argila, massa de modelar, papel, tinta), para criar objetos bidimensionais e tridimensionais.	- Reconhecer as possibilidades de se expressar em diferentes linguagens como a do desenho, do cinema, da música, do movimento, do teatro.	- Analisar apresentações de teatro, música, dança, circo, cinema e outras manifestações artísticas, apresentando sua opinião verbalmente ou de outra forma.
- Utilizar diferentes fontes sonoras e materiais para acompanhar brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias.	- Organizar com os colegas o ambiente para as brincadeiras ou para ocasiões especiais, tais como festas e apresentações.	- Apropriar-se de noções como altura, ritmo e timbre em relação a vozes, sons do cotidiano e músicas.
- Imitar gestos, movimentos, sons, palavras de outras crianças e adultos ou de animais e objetos.	- Recriar danças, cenas de teatro, histórias, músicas.	- Demonstrar interesse respeito e valorização pelas diferentes manifestações culturais brasileiras.

5.4.3 Experiências

- Observar e identificar imagens diversas.
- Interagir com materiais e instrumentos, meios e suportes diversificados, utilizados na linguagem plástica.
- Experimentar diferentes consistências de tintas.
- Explorar texturas.
- Misturar e descobrir cores.
- Desenhar, modelar, pintar, rabiscar, construir, recortar, colar, fotografar, à sua maneira, representando ideias, pensamentos e sensações.
- Expressar satisfação e respeito pelo próprio trabalho e pelo dos colegas, assumindo uma postura crítica.
- Cuidar do próprio corpo e do corpo do colega, no contato com materiais de arte.
- Apreciar obras de arte de diversos artistas, refletindo sobre os elementos que permitem sua concretização (forma, cor, luz, espaço, textura, linha e ponto).
- Conhecer a biografia de alguns artistas plásticos.
- Ter contato com livros, imagens, filmes, vídeos, desenhos animados e fotografias, ampliando o conhecimento sobre a arte e instigando a sensibilidade.
- Realizar desenhos de memória, reativando imagens virtuais que habitam em sua mente.
- Representar o próprio corpo, o corpo dos colegas e adultos da instituição, por meio de desenhos e modelagem.
- Entrevistar artistas plásticos, cantores, bailarinos, professores de arte e outros.
- Escolher cores e materiais de sua preferência nas diferentes situações propostas.
- Modelar objetos utilizando massinha ou argila.
- Criar, recriar e fazer releitura de obras de arte.



- Representar utilizando recursos variados: fantoches, palitoques, teatro de sombras, marionetes, fantasias, etc.
- Representar diferentes situações dramáticas, cômicas, alegres, tristes, de suspense, de terror, etc.
- Decorar a sala e outros ambientes da instituição com suas produções.
- Criar cenários para brincadeiras e apresentações.
- Visitar espaços que abrigam obras de arte visual e plástica, manifestando gosto e admiração pelas produções regionais, nacionais e internacionais às quais tiver acesso.
- Explorar e descobrir sons e melodias: do próprio corpo (boca, mãos, pés, coração, estômago, da tosse e outros), da natureza (pássaros, cachorros e outros animais, chuva, vento, trovão, rio e outros), do ambiente, dos instrumentos musicais e dos objetos.
- Escutar sons do entorno e estar atento ao silêncio.
- Perceber os elementos da linguagem musical: a qualidade do som (altura, intensidade, duração e timbre) e o silêncio, combinando-os para produzir melodias, ritmos, harmonia e andamentos.
- Participar de jogos que envolvam som (movimentos vibratórios) e silêncio (pausa).
- Explorar e discriminar fontes sonoras diversas por meio de brincadeiras.
- Explorar sons diferentes de um mesmo objeto.
- Participar de rodas de música: ouvindo, cantando e acompanhando com movimentos.
- Participar de brincadeiras cantadas: “Escravos de Jó”, “Seu lobo está”.
- Imitar, inventar e reproduzir gestos a partir da música.
- Transformar uma música que já conhece criando uma nova versão – paródia.
- Criar músicas e fazer improvisações musicais.
- Escutar a própria voz e a dos colegas.
- Gravar a própria voz ou músicas interpretadas pelo grupo.



- Interagir com a música por meio de diferentes gêneros musicais – rock, *reggae*, *funk*, samba, axé, bossa nova, tango, *jazz*, pop, *hip-hop*, sertanejo e outros.
- Apreciar repertório variado de músicas - clássicos, cantigas de ninar, *beatbox*.
- Participar da audição de concertos, corais, orquestras, banda, frequentando espaços públicos, que promovam esse espetáculo ou em apresentações na própria escola.
- Explorar e criar sons com objetos e instrumentos musicais, convencionais e não convencionais.
- Escutar e apreciar músicas de diversas culturas, épocas e gêneros (instrumentais, infantis, MPB, cantigas de roda e outros).
- Reconhecer trilhas sonoras de suspense, comédia, perigo.
- Expressar impressões provocadas pela escuta musical e registrá-las por meio de desenhos.
- Participar de atividades de marcação de ritmos usando objetos, o corpo e os instrumentos.
- Produzir e reproduzir ritmos usando o próprio corpo.
- Brincar com os colegas estabelecendo relação de respeito às diferenças de cada um quanto ao jeito de cantar e dançar e à diversidade musical de diferentes culturas.
- Brincar com a música através do faz de conta, usando a fantasia, a inspiração, o imaginário, a afetividade e a espontaneidade.
- Participar de jogos e brincadeiras que envolvam a improvisação musical: imprimindo diferentes entonações sonoras, explorando os sons agudos e



graves (altura), variando os sons fortes e fracos (intensidade), alongando sílabas (duração – curtas ou longas), correndo com as palavras e modificando o timbre habitual de voz.

- Participar da sonorização de histórias usando a voz para interpretar diferentes personagens (Vovozinha, Lobo, Chapeuzinho) e/ou utilizando objetos para ilustrar sonoramente a narrativa (o ranger da porta, o canto do galo, etc.).
- Interagir com as pessoas por meio da música e da dança.
- Participar de situações de canto individual ou em grupos: duetos, trios, banda e coral.
- Conhecer vários tipos de danças: balé, quadrilha, *hip-hop*.
- Apreciar apresentações e espetáculos musicais.
- Fazer coreografias criando movimentos diferentes para dançar ou gestos diferentes para cantar a mesma música.
- Conhecer, manusear e fazer uso de mídias sonoras - rádio, CD, DVD, mp3 e outros.

5.5 CAMPO DE EXPERIÊNCIAS: ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES

As crianças, desde que nascem, buscam compreender o “como”, o “quando” e o “porquê” das coisas, por meio da relação que estabelecem com o ambiente e nas interações com seus coetâneos e adultos. Isso permite que, aos poucos, entrem em contato com os diversos conhecimentos que envolvem características, qualidades, usos e procedência dos elementos da natureza e da cultura com seus fenômenos astronômicos, naturais, físicos e biológicos; do desenvolvimento corporal ao tomar consciência das transformações e manifestações do próprio corpo; dos conhecimentos matemáticos básicos, que permeiam as mais variadas situações do dia a dia.

Tais conhecimentos são apropriados pelas crianças por meio da curiosidade que lhes é peculiar, da indagação, da experimentação e da formulação de noções intuitivas. Ao estabelecerem relações com os conhecimentos que compõem o patrimônio científico, ambiental e tecnológico, além dos saberes tradicionais e locais, as crianças constroem uma relação de respeito e cuidado com a sustentabilidade do

planeta e constituem sua própria identidade.

5.5.1 Direitos de Aprendizagem:

- Conviver com crianças e adultos e com eles criar estratégias de investigar o mundo social e natural, demonstrando atitudes positivas em relação a situações que envolvam diversidade étnico-racial, ambiental, de gênero, de língua, de religião.
- Brincar com materiais e objetos cotidianos, associados a diferentes papéis ou cenas sociais, e com elementos da natureza que apresentam diversidade de formas, texturas, cheiros, cores, tamanhos, pesos, densidades, experimentando possibilidades de transformação.
- Participar de atividades que oportunizem a observação de contextos diversos, atentando para características do ambiente e das histórias locais, utilizando ferramentas de conhecimento e instrumentos de registro e comunicação como bússola, lanterna, lupa, máquina fotográfica, gravador, filmadora, projetor, computador e celular.
- Explorar e identificar as características do mundo natural e social, nomeando-as, reagrupando-as e ordenando-as, segundo critérios diversos.
- Expressar suas observações, hipóteses e explicações sobre objetos, organismos vivos, fenômenos da natureza, características do ambiente, personagens e situações sociais, registrando-as por meio de desenhos, fotografias, gravações em áudio e vídeo, escritas e outras linguagens.
- Conhecer-se e construir sua identidade pessoal e cultural, identificando seus próprios interesses na relação com o mundo físico e social, apropriando-se



dos costumes, das crenças e tradições de seus grupos de pertencimento e do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico.

5.5.2 Objetivos de Aprendizagem

BEBÊS	CRIANÇAS BEM PEQUENAS	CRIANÇAS PEQUENAS
ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES		
- Explorar as características de objetos e materiais – odores, sabores, sonoridades, texturas, formas, pesos, tamanhos e posições no espaço.	- Compartilhar, com outras crianças, situações de cuidado de plantas e animais nos espaços da instituição.	- Identificar e selecionar fontes de informações para responder questões sobre a natureza e a sua preservação.
- Apontar aos colegas e adultos algumas características de pessoas, objetos e situações que tenha chamado sua atenção.	- Relatar transformações observadas em materiais, animais, pessoas ou no ambiente.	- Observar, descrever e registrar mudanças em diferentes materiais, resultantes de ações efetuadas sobre eles.
- Produzir ações e modificações em objetos ou no ambiente ao explorá-lo.	- Identificar relações espaciais, dentro e fora, em cima, embaixo e do lado, e temporais, antes e depois.	- Registrar o que observou ou mediu, fazendo uso mais elaborado da linguagem do desenho, da matemática, da escrita, ainda que de forma não convencional, ou utilizando recursos tecnológicos.
- Distinguir e identificar algumas partes do seu corpo.	- Classificar objetos, considerando um atributo (tamanho ou peso ou cor ou outro atributo).	- Relatar fatos importantes sobre o seu nascimento, seu desenvolvimento, a história dos seus familiares e da sua comunidade.
	- Ordenar objetos, considerando um atributo (tamanho ou peso ou espessura ou outro atributo).	- Fazer observações e descrever elementos e fenômenos naturais como luz solar, vento, chuva, temperatura, mudanças climáticas, relevo e paisagem.

5.5.3 Experiências:

- Manipular, explorar, comparar, organizar, sequenciar e ordenar brinquedos e outros materiais.
- Comparar quantidades usando as expressões “mais que”, “menos que” e “a mesma quantidade que”.
- Resolver situações-problema usando estratégias pessoais, alternativas, noções de tirar, acrescentar, dividir ou outras estratégias matemáticas.
- Resolver problemas cotidianos fazendo uso de cálculos mentais e registros convencionais e não convencionais.
- Ter contato com os números, identificá-los e usá-los nas diferentes práticas sociais em que se encontram.
- Pesquisar diferentes situações em que se usam números, observando como se organizam e para que servem.
- Participar de brincadeiras envolvendo cantigas, rimas, lendas e/ou parlendas, que se utilizam de contagens e números.
- Usar a contagem oral e o número em situações contextualizadas e significativas como: distribuição de materiais, divisão de objetos, arrumação da sala, quadro de registros, coleta de coisas, etc.
- Quantificar, contar, comparar, fazer cálculos, numerar, identificar numeração, fazer estimativas em relação à quantidade de pessoas ou objetos.
- Registrar quantidades, utilizando o traçado convencional ou não convencional, em situações significativas: pontuação de jogos, quantidades coletadas ou conquistadas.
- Comparar e classificar objetos com propriedades diversas: peso (leve/pesado), volume (cheio/vazio), espessura (grosso/fino), textura (liso/áspero/macio), cor e forma.



- Participar de jogos e brincadeiras de construção (encaixe, quebra-cabeça, blocos, etc.).
- Participar de jogos que envolvam número, quantidade, medidas e formas, tais como: amarelinha, dominó, boliche, baralho, trilhas, etc.
- Realizar atividades de culinária como receitas, envolvendo diferentes unidades de medidas: tempo de cozimento, quantidade de ingredientes, litro, quilograma, colher, xícara, entre outros.
- Amassar, transvazar, empilhar, encher, esvaziar, produzir sons, rolar objetos e materiais.
- Reconhecer figuras geométricas, formas e contornos, superfícies, bidimensionalidade, tridimensionalidade, bem como suas relações.
- Observar no meio natural e social as formas geométricas existentes, descobrindo semelhanças e diferenças entre objetos no espaço, combinando formas, estabelecendo relações espaciais e temporais, em situações que envolvam descrições orais, construções e representações.
- Fazer construções com cubos, caixas, tijolinhos, percebendo suas propriedades geométricas.
- Explorar, orientar-se no espaço e indicar a posição de acordo com algumas relações: de vizinhança (perto, longe, próximo), de posição (abaixo, acima, entre, ao lado, à direita, à esquerda), de direção e sentido (para a frente, para trás, para direita, para esquerda, para cima, para baixo, no mesmo sentido e em sentido diferente).
- Situar-se no espaço, indicando pontos de referência.
- Deslocar-se, em brincadeiras orientadas, verbalizando posições e distâncias nos percursos.
- Representar a posição de pessoas e objetos no espaço, por meio de desenhos, croquis, planta baixa, mapas e maquetes.



- Movimentar-se pelos espaços respeitando os limites dos objetos, colegas, mobílias, etc.
- Utilizar mapas ou guias para deslocar-se e elaborar mapas ou trajetos com marcação de pontos referenciais e guiar-se por eles.
- Conhecer e utilizar alguns instrumentos de nossa cultura, que possibilitem usar e pensar sobre números, medidas e grandezas, em contextos significativos, como: balança, termômetro, ampulheta, ábaco, calculadora, relógio e calendário.
- Deslocar-se utilizando velocidades variadas nos brinquedos (escorregadores, gangorras, balanços, velocípede e outros) e nos jogos (corrida de saco, corre cutia, corridas variadas e outros).
- Perceber as diferenças entre quente, frio e outras características opostas, em situações lúdicas, dirigidas ou em projetos de trabalho.
- Comparar o comprimento de dois ou mais objetos para identificá-los como: maior, menor, igual, mais alto, mais baixo, etc.
- Participar de situações cotidianas que envolvam unidades de tempo: dia, semana e mês.
- Participar de situações cotidianas de uso do calendário e preenchimento da pauta do dia.
- Participar da elaboração de programações diárias, usando palavras como: antes, depois, durante e agora.
- Participar de atividades que oportunizem o contato com objetos que compõem o sistema monetário, como cédulas e moedas.
- Manusear cédulas e moedas e utilizá-las em experiências com dinheiro em brincadeiras e situações reais.
- Participar de jogos de faz de conta envolvendo atividades de compra e venda como supermercado, salão de beleza, posto de gasolina, etc.



- Participar e coletar dados em situações de pesquisa.
- Vivenciar situações de leitura de gráficos.
- Participar da construção de gráficos pictóricos, de barras e simples, a fim de registrar informações ou opiniões coletas.
- Explorar, investigar, pesquisar, questionar criticamente, analisar e coletar informações sobre objetos, pessoas, fenômenos e elementos da natureza.
- Participar de trabalhos de campo, pesquisas, visitas técnicas, experimentações e passeios em espaços da comunidade.
- Utilizar diversas fontes de conhecimento: livros, revistas, CD, DVD, internet, entrevista com pessoas da comunidade e com pessoas mais experientes em determinado assunto.
- Investigar e formular hipóteses sobre um determinado tema, realizando entrevistas com pessoas da família e da comunidade.
- Registrar observações e descobertas de pesquisas, realizadas por meio de desenho ou da escrita.
- Construir maquetes.
- Participar de ações de cuidado e conservação de espaços coletivos.
- Observar resultados da ação humana na alteração dos espaços geográficos.
- Conhecer e distinguir alguns elementos da paisagem.
- Diferenciar materiais artificiais dos naturais.
- Vivenciar experiências sobre os fenômenos físicos (flutuação e queda dos corpos, equilíbrio, energia, força, magnetismo, luz e sombra, velocidade, movimento, etc.) e químicos (produção, misturas e transformação), relacionando-os ao cotidiano e verbalizando os conhecimentos adquiridos.
- Manipular e explorar objetos e brinquedos para que possa descobrir suas características e possibilidades (empilhar, rolar, transvasar, encaixar, etc.).
- Manusear e explorar sensorialmente objetos e materiais diversos (morder, olhar, cheirar, apertar, degustar, ouvir, sacudir, rasgar, embolar, enrolar, etc.).



- Observar e prever a reação dos objetos pela ação dos sujeitos: queda dos corpos, flutuação, movimento do ar, direção, distância e magnetismo, por meio de situações significativas.
- Explorar diferentes objetos e suas relações de causa e efeito (bolinha de sabão, colorir água, encher e esvaziar balões).
- Brincar com areia, água, argila, barro, pedrinhas, gravetos e folhas, vivenciando experiências de formar e transformar.
- Produzir tintas utilizando recursos da natureza.
- Misturar tintas para produzir novas cores.
- Interagir com animais e plantas, percebendo diferenças e semelhanças entre os seres vivos e desenvolvendo ações de cuidado, observação, pesquisa e investigação, para conhecer os distintos modos de vida.
- Participar do preparo e cultivo de hortas, jardins e floreiras.
- Coletar e selecionar o lixo produzido, refletindo sobre seu destino para locais corretos.
- Construir brinquedos e enfeites para ornamentação da instituição, reaproveitando resíduos sólidos (sucata).
- Participar de palestras e situações, com outras crianças e adultos, que envolvam o diálogo sobre questões que ameaçam nosso planeta.
- Compreender o mundo ao seu redor, agindo sobre ele de maneira positiva e sustentável.
- Observar, participar e praticar ações de economia dos bens naturais (água, energia), evitando o desperdício.
- Perceber a alimentação como fonte e qualidade de vida.
- Observar a transformação e o surgimento de novas substâncias em atividades de culinária, tais como fazer bolo, gelatina, massinha e docinhos.



- Observar o apodrecimento de frutos e deterioração de alimentos.
- Formular hipóteses, testá-las, socializá-las com colegas e adultos, por meio de diferentes linguagens.
- Discutir sobre o funcionamento de alguns objetos de uso cotidiano: telefone, televisão, espelho, peneira, etc.
- Comunicar ideias, descobertas e propor soluções em diferentes situações e contextos.
- Observar e pesquisar sobre fenômenos naturais como: vento, chuva, relâmpago, trovão, estações do ano, dia e noite, etc.
- Participar de discussões sobre fenômenos naturais sobre os quais tem notícia: vulcões, terremotos, maremotos, enchentes, movimento e disposição das estrelas e de outros astros.
- Ouvir informações sobre o funcionamento do corpo humano, por meio de rodas de conversa, rodas de leitura, palestras e outros.



- Conhecer o próprio corpo por meio da exploração de suas habilidades físicas, motoras e perceptivas.
- Perceber as diferentes sensações táteis, olfativas, gustativas, visuais e auditivas, em diferentes momentos.

6 O PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Planejar é uma ação que acompanha o ser humano desde o início de sua evolução, levando-o a traçar suas ações, desde as mais simples às mais complexas, organizando ideias, tempo, objetivos e metodologias para chegar ao que almeja. Assim, o planejamento é importante para os mais variados segmentos da sociedade, sendo, para o contexto educacional, imprescindível.

No cotidiano escolar, o planejamento é uma atividade administrativa e docente, que tem como propósito organizar, coordenar, refletir e avaliar a ação pedagógica como um todo, articulando a proposta pedagógica da instituição, o planejamento anual, as necessidades particulares de cada turma e a parte diversificada que compõe o contexto da comunidade escolar.



Ao ser entendido como ato, atividade que projeta, organiza e sistematiza a prática pedagógica, o planejamento apresenta uma concepção reflexiva, viva e contínua, permeada por um processo de avaliação e revisão sobre o real e o possível de ser realizado para atingir o processo ensino-aprendizagem de forma plena. Desse modo, alguns princípios básicos são fundamentais para orientarem o ato de planejar o trabalho docente, como a flexibilidade, a participação, a formalização, a coerência, a objetividade e a ousadia. Tais princípios garantem o ponto de partida e de chegada, com possibilidade de reajustes durante o percurso. Nesse sentido, a flexibilidade permite adaptações e alterações de acordo com a necessidade, evitando improvisos. A discussão envolvendo o outro, o grupo e a comunidade, por sua vez, garante a participação, acrescentando ao planejamento um caráter coletivo e mais significativo.

Em relação à formalização, como um dos princípios fundamentais ao ato de planejar, por um tempo, alguns docentes foram resistentes. Todavia, recentemente, esse assunto tem sido muito discutido, pois ao registro daquilo que é planejado define a organização, a consulta, o acompanhamento e a garantia de memória, além de

refletir na coerência, ou seja, na reciprocidade entre os elementos que o constituem.

Entende-se, então, que “planejar é também buscar formas de registrar, de resgatar ideias e de criar novas fontes do fazer, do pensar e do prazer” (REDIN, 2013, p.23). Logo, nesse processo de construção e desconstrução de fazeres, planejar com objetividade e ousadia permite à professora projetar sua intenção pedagógica, a partir da situação real, considerando também as possibilidades de realização de algo a mais.



Diante disso, a professora, além de considerar esses aspectos do planejamento e as orientações atuais da legislação, também necessita refletir sobre as concepções que a acompanham e que foram constituídas ao longo de sua caminhada como educadora, somar conhecimentos e práticas positivas e significativas e buscar suas particularidades na forma de planejar e registrar, não se esquecendo de que o planejamento é um instrumento elaborado por ela mesma, para sua prática pedagógica, em benefício do ensino e da aprendizagem. Portanto, quem dá sentido ao planejamento é a própria professora, que o vive na interação com suas crianças.

Na concepção contemporânea de Educação Infantil, presente nas DCNEI, o planejamento pedagógico das instituições é orientado a partir dos princípios éticos, políticos e estéticos, conforme já mencionado nesse documento. Esses princípios são garantidos por meio de vivências, rotinas e espaços planejados intencionalmente, nas instituições de Educação Infantil, a partir de práticas pedagógicas que assegurem a brincadeira e as interações.

Sendo assim, considera-se relevante o seguinte questionamento: o que não pode faltar no planejamento para crianças de 0 a 5 anos de idade? Ao planejar, a professora, além de considerar os documentos referenciais nacionais e a proposta pedagógica da instituição, precisa ter consciência de que a criança é um sujeito histórico, que traz consigo valores, crenças, saberes e costumes familiares e da comunidade a qual pertence. Por isso, a observação, o registro e o

acompanhamento são ações essenciais desse processo, oportunizando a realização de um trabalho contínuo, criativo e significativo.

As propostas educativas necessitam assegurar um equilíbrio em suas atividades, contemplando as individuais e coletivas, as espontâneas e dirigidas; a variedade e a continuidade de atividades na rotina, além da criatividade e novidade para incentivo e encantamento das crianças. Recomenda-se análise e cuidado em relação às escolhas, selecionando sempre aquelas que permitam experiências concretas e significativas. Experiências que instiguem a capacidade criadora das crianças e que possibilitem a investigação, a aproximação com obras de arte, a exploração de cheiros, formas, cores, movimentos, texturas, enfim, a apropriação de conhecimentos produzidos pela humanidade.



Para que essas propostas sejam efetivamente realizadas elas necessitam ser articuladas com o tempo, o espaço, os materiais e as interações, conforme já disposto nesse documento, o que resultará na seleção de modalidades adequadas à organização do trabalho pedagógico, ao longo da jornada diária, semanal e anual. Para isso, os diferentes níveis do planejamento podem ser considerados em sua efetivação, partindo daquilo que deve ser contemplado a longo, médio e curto prazo, como o planejamento anual, as rotinas mensais, quinzenais ou semanais e o plano de aula diário.

O planejamento anual é um instrumento que a longo prazo, em consonância com a proposta pedagógica da instituição, contemplará os conhecimentos, as experiências e as intencionalidades educativas a serem garantidas para a criança naquele determinado ano. Quando ajustado à rotina escolar, esse planejamento aproximará o que é de direito da criança de forma significativa, por meio de variadas maneiras de organizar o trabalho pedagógico.

Pensando nisso, a formação continuada da Educação Infantil do município de Colatina, no ano de 2016, diante da caminhada de estudos realizados sobre a concepção atual de trabalho pedagógico com crianças de 0 a 5 anos, a partir dos documentos norteadores e os aportes teóricos encaminhados pelo MEC, propôs às diretoras e supervisores(as) das instituições que atendem crianças dessa etapa, orientações para discussão e reflexão com as professoras, a fim de construir um planejamento anual pautado nos campos de experiências, direitos e objetivos de aprendizagens, conforme a versão preliminar da Base, que segue os pressupostos das DCNEI, já apontados anteriormente.

A dinâmica permitiu grande movimento entre as professoras, obtendo um resultado positivo e concreto, uma vez que o planejamento anual era elaborado a partir do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil desde 1998, contemplando os eixos Identidade e autonomia, Linguagem oral e escrita, Natureza e sociedade, Música, Artes visuais, Movimento e Matemática, juntamente com seus objetivos, conteúdos e estratégias.

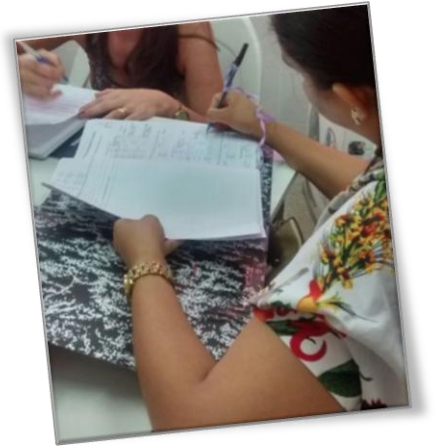
O resultado obtido foi a construção de um planejamento anual com novos elementos, com estruturas variadas e características locais próprias de cada instituição. Porém, a mudança não se restringiu apenas a nomenclaturas, mas sim, a uma nova concepção, considerando as interações e a brincadeira como eixos norteadores do processo e a criança como protagonista.

Esse primeiro passo foi o começo de uma mudança progressiva nas práticas pedagógicas do cotidiano escolar. Ainda há muito que ser construído e a aprovação da Base Nacional Comum Curricular contribuirá para isso. Todavia, a formação continuada dos profissionais dessa etapa é imprescindível para a continuação dessa construção. É o que garantirá o alcance de uma proposta completa e segura, mesmo sabendo que o conhecimento não se finda e que outras mudanças ocorrerão.

Para que a concretização desse planejamento se efetive, faz-se necessária a articulação da rotina escolar com a rotina da sala de aula, por meio das diferentes modalidades organizativas. As atividades permanentes, por exemplo, são

fundamentais para a aquisição de vários conhecimentos, à medida que a criança as vivencia no cotidiano escolar, com determinada regularidade.

Dependendo da situação, a professora deve fazer a opção pelo trabalho com projetos, sequência didática ou sequência de atividades, ou até mesmo, envolvê-las simultaneamente, articulando os saberes das crianças com os conhecimentos a serem sistematizados. A escolha de uma ou outra modalidade depende do contexto da proposta. Porém, os envolvidos no processo pedagógico precisam ser conscientes da importância de garantir um trabalho que não seja fragmentado. Esse trabalho, então, possibilita a realização de um plano diário interdisciplinar e contínuo, e não mais desvinculado de um tema ou assunto, conforme práticas arcaicas e em desuso. O trabalho diário em sala de aula torna-se o resultado constante daquilo que faz sentido para a criança. Importa atentar-se, ainda, para o fato de que no decorrer dos trimestres também surgem atividades eventuais, chamadas de ocasionais ou independentes. Tais atividades objetivam comemorar, apreciar ou participar de uma determinada ocasião ou acontecimento.



Quanto aos registros dos níveis de planejamento e das modalidades, há de se considerar as orientações contidas na proposta pedagógica de cada instituição, de acordo com os diálogos entre a equipe gestora e as particularidades dos profissionais, garantindo sempre legitimidade e compromisso. No entanto, é imprescindível que as rotinas escolares e de sala de aula, o planejamento anual, semanal e diário sejam registrados.

O planejamento da prática pedagógica na Educação Infantil, atualmente, está desprendido de práticas tradicionais de um currículo visto a partir de datas comemorativas, de projetos sem significado para a criança, de atividades aleatórias e descontextualizadas, que aprisionam os corpos e deixam a inércia dominar. Desse modo, as instituições de Educação Infantil, em seus planejamentos anuais, trimestrais/mensais/semanais e diários devem assegurar, na organização de suas

práticas, um trabalho que contemple:

- a promoção regular de experiências que favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças;
- a compreensão da brincadeira como atividade fundamental para o desenvolvimento infantil, a fim de proporcioná-la diariamente às crianças;
- a seleção de aprendizagens a serem promovidas sem restrição àquilo que é tradicionalmente valorizado na cultura escolar;
- a consideração das especificidades e dos interesses individuais e coletivos dos bebês e das crianças de outras faixas etárias, visualizando a criança em cada momento como um ser completo no qual os aspectos motores, afetivos, cognitivos e linguísticos se integram, mesmo que em constante mudança;
- o aprendizado do cuidado pessoal, do fazer amigos e de conhecer suas preferências e características;
- o trabalho com os saberes que as crianças possuem, entendendo o que fazem, como fazem, o que sabem, o que sentem, juntamente com a garantia de que elas se apropriem e construam novos conhecimentos;
- a organização dos espaços, tempos e materiais de forma que promovam, significativamente, a interação das crianças nas atividades;
- o abandono de procedimentos que não reconheçam a atividade criadora e o protagonismo da criança pequena, de atividades mecânicas e não significativas;
- os meios para as crianças expressarem sua imaginação nos gestos, no corpo, na oralidade e/ou na língua de sinais, no faz de conta, no desenho, na dança e em suas primeiras tentativas de escrita;
- a criação de oportunidades para as crianças se apropriarem de elementos significativos de sua cultura, não como verdades definidas, mas como elaborações dinâmicas e temporárias;
- a oferta de condições para que as crianças participem de variadas formas de agrupamentos (grupos de idades iguais ou diferentes), a partir de critérios estritamente pedagógicos;
- a oferta de objetos e materiais diversificados que contemplem as particularidades do desenvolvimento de cada criança, incluindo as crianças com deficiência, com transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades/superdotação e as diversidades sociais, culturais, étnico-raciais e linguísticas das famílias e da

comunidade regional;

- a oportunidade das crianças realizarem deslocamentos e movimentos amplos nos espaços internos e externos da instituição, permitindo que se envolvam em explorações e brincadeiras;
- a promoção de momentos que permitam às crianças brincarem em pátios, quintais, praças, bosques, jardins, praias e viverem experiências de semear, plantar e colher os frutos da terra, favorecendo a construção de uma relação de identidade, reverência e respeito para com a natureza;
- a possibilidade de acesso das crianças a espaços culturais diversificados e práticas culturais de comunidade, tais como: apresentação teatral, musical, plástica e fotográfica, visita à biblioteca, brinquedotecas, museus, monumentos, locais públicos, parques e jardins;
- a oferta de espaços e tempos para o diálogo com as famílias, buscando integrá-las ao projeto curricular pensado para seus filhos;
- o registro das decisões que orientam a organização das atividades de aprendizagem e as observações sobre aspectos relevantes de sua realização.

Tais orientações permitem compreender que as necessidades do trabalho pedagógico nas instituições de Educação Infantil devem considerar, verdadeiramente, a criança em sua essência, compreendendo a infância como uma fase peculiar, de desenvolvimento do sujeito integral, dentro de contextos sociais, culturais e históricos mediados pela professora e de seu olhar sensível ao acompanhar, avaliar e replanejar as práticas.



7 AVALIAÇÃO

A avaliação tem se tornado uma questão fundamental para a Educação Infantil, seja pela ótica da criança, como foco do processo avaliativo, ou pela análise das próprias instituições e das práticas educativas que realizam, em busca de melhoria na oferta e no atendimento às crianças e às suas famílias. Sendo assim, pode-se refletir essa questão sobre dois prismas: a avaliação “da” e “na” Educação Infantil.

A avaliação “da” Educação Infantil tem o objetivo de analisar o quanto as instituições de ensino, com intencionalidade educativa formalizada na proposta pedagógica, têm atingido à sua finalidade, aos seus objetivos e às diretrizes que definem sua identidade. Essa questão vem sendo incentivada pelo MEC, ao divulgar os Parâmetros de Qualidade para a Educação Infantil (2008) e os Indicadores de Qualidade na Educação Infantil (2009), documentos elaborados com o objetivo de auxiliar as equipes que atuam na Educação Infantil, juntamente com as famílias e comunidade, a realizar um diagnóstico sobre a qualidade da instituição de Educação Infantil, considerando alguns aspectos importantes e, também, elaborar planos de ação para correção de falhas e aperfeiçoamento das práticas.

Quanto à avaliação “na” Educação Infantil, se refere àquela realizada no processo educativo, centrada nas crianças enquanto sujeitos da aprendizagem. Seu foco é a ação pedagógica e seu efeito sobre as crianças. Nesse contexto, exige das professoras, diretores e coordenadores pedagógicos refletir sobre para que e como avaliar, definindo quais instrumentos e procedimentos serão utilizados pela instituição e a quem comunicar essas informações. O resultado desses registros também será importante para avaliar quais aspectos do cotidiano da instituição precisam ser melhorados para favorecer o desenvolvimento das crianças.



Vale ressaltar ainda, que em relação à avaliação na Educação Infantil, os documentos normatizadores, como a LDB e as DCNEI, trazem uma perspectiva de avaliação distanciada da mensuração de conhecimentos em exames ou testes somativos. Longe disso, concebem a avaliação como acompanhamento de um processo. Desse modo, a LDB/96, na Seção II, art. 31, aponta algumas regras básicas para organização da Educação Infantil e, em seu inciso I, determina que a avaliação deve acontecer “mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento das crianças, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental”.

Partindo desse princípio, as DCNEI regulamentam de forma mais direta a avaliação, orientando as instituições a criarem procedimentos para acompanhamento, tanto do desenvolvimento infantil, quanto do trabalho pedagógico, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação da criança. Assim, deve ser garantida, de acordo com o artigo 10:

- I - a observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano;
- II - utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns etc.);
- III - a continuidade dos processos de aprendizagens por meio da criação de estratégias adequadas aos diferentes momentos de transição vividos pela criança (transição casa/instituição de Educação Infantil, transições no interior da instituição, transição creche/pré-escola e transição pré-escola/Ensino Fundamental);
- IV - documentação específica que permita às famílias conhecer o trabalho da instituição junto às crianças e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação Infantil;
- V - a não retenção das crianças na Educação Infantil (BRASIL, 2009a).

Diante dessas orientações, alguns subsídios teóricos reforçaram as reflexões sobre a avaliação na Educação Infantil, fomentando discussões sobre as concepções de avaliação nas práticas cotidianas. É visível como, historicamente, na Educação Infantil, a ausência de uma identidade norteadora em sua constituição, contribuiu para o empréstimo das concepções do Ensino Fundamental. Tal ausência permitiu buscar na etapa mais próxima (principalmente nos anos iniciais), materiais, práticas, documentação e orientações, inclusive a forma de avaliar. Desse modo, por muito tempo, avaliou-se o desenvolvimento da criança de 0 a 5 anos de maneira conteudista e fragmentada, descrevendo em tópicos os conhecimentos alcançados, desconsiderando por completo a individualidade do sujeito.

Com a implementação das DCNEI, a Educação Infantil passou a receber uma ampla atenção, tendo seu processo investigado e estudado por especialistas que, em suas contribuições teóricas, contemplam a criança em sua especificidade, em sua essência, ao constituir-se como sujeito pensante, que aprende, reflete e age sobre aquilo que vê, ouve e experimenta. Assim, surgem concepções orientadoras sobre quem é a criança, como ela aprende e se desenvolve, como ela compreende o mundo ao seu redor, o que carrega consigo histórica e socialmente.

Essas concepções orientadoras, que antes, por sua ausência, impediam a realização de certas análises, aos poucos foram incorporando-se nos debates e formações, chegando ao dia a dia das instituições, gerando incômodos e dúvidas. Isso fez com que muitas mudanças surgissem como necessárias no cotidiano educacional que atende crianças dessa etapa, afetando inclusive, e necessariamente, o modo de avaliar.

Percebeu-se que o uso da ficha descritiva, adotada até então na Educação Infantil, era insuficiente para dar conta de todas as peculiaridades que envolviam uma avaliação mediadora, conforme abordado por Hoffmann e outros autores e pelos embasamentos da perspectiva histórico-cultural. Os materiais de fundamentação teórica do acervo do PNBE do professor de 2012, enviados pelo MEC, trouxeram grande contribuição para o entendimento da necessidade de uma avaliação significativa e condizente com a concepção de criança e currículo proposta pelas DCNEI e de uma documentação que realmente garantisse características próprias dessa etapa.

Perante estudos, pesquisas, análises dos documentos normatizadores e reflexões realizadas nas formações para profissionais da Educação Infantil durante o ano de 2015, o município de Colatina, em 2016, propôs e adotou um novo instrumento de avaliação da aprendizagem de crianças de 0 a 5 anos, o “Relatório de acompanhamento da aprendizagem”⁹, que garante o registro final da observação, acompanhamento e mediação do processo ensino-aprendizagem da criança. O registro elaborado pela professora nesse documento é o resultado final de todo um

⁹ Anexo 2.

processo de acompanhamento e mediação, e não apenas um meio para meras anotações descritivas de conteúdos ministrados aos alunos e de seus comportamentos.

Assim, segundo Hoffmann, avaliar na Educação infantil a partir de uma concepção mediadora:

[...] engloba, necessariamente, a intervenção pedagógica. Não basta estar ao lado da criança, observando-a. Planejar atividades e práticas pedagógicas, redefinir posturas, reorganizar o ambiente de aprendizagem e outras ações, com base no que se observa, são procedimentos inerentes ao processo avaliativo na sua concepção de continuidade, de ação-reflexão-ação (2012, p. 15).

A prática recorrente de listar e registrar o que o aluno aprendeu, ou não, a partir dos conteúdos trabalhados naquele trimestre, levou a uma padronização das crianças, selecionando uma lista de conhecimentos adquiridos para todos, como se a aprendizagem ocorresse da mesma forma e ao mesmo tempo. Essa prática desconsidera totalmente o caráter individual do sujeito, formando grupos e rotulando-os de acordo com critérios escolhidos pelo avaliador.

Diante da necessidade de medir o conhecimento, e não tendo como usar um número para quantificar o quanto cada criança sabe, muitas vezes cobradas pela família, algumas instituições utilizaram instrumentos avaliativos na tentativa de mensurar o saber, como fichas descritivas com alternativas de marcar x ou preenchidas com siglas conforme uma legenda.

Com o tempo, essas fichas tornaram-se extensas e cansativas para a professora, e não davam conta de apresentar quem realmente era a criança. Esses instrumentos, involuntariamente, além do caráter classificatório, desenvolveram a ideia de comparação entre uma criança e outra.

Ao contrário disso, o acompanhamento do desenvolvimento infantil deve acontecer ao longo do processo educativo, à medida que a criança vai compreendendo o mundo e atuando sobre ele.



Compreende-se, então, que nenhum sujeito se desenvolve da mesma forma que o outro, por mais próximos que sejam. As interações e as diferentes experiências vividas, contribuem para que cada um se desenvolva de determinada forma. Isso justifica a proposta de uso do relatório de acompanhamento da aprendizagem, pois suas características garantem registros consistentes sobre a criança em sua integralidade. Assim:

A questão principal referente aos estudos atuais sobre o desenvolvimento infantil é o respeito pelas diferentes formas de ser de cada criança, decorrentes de suas experiências próprias de mundo, ritmos de maturação, contextos sociais e culturais diferenciados. Processos avaliativos embasados na comparação, a partir de padrões considerados “normais”, perseguem a uniformidade de comportamento das crianças, negando a heterogeneidade normal dos indivíduos, concebendo-a como negativa e inesperada (HOFFMAN, 2012, p.103).

Reflexões como essa permitiram pensar e elaborar o relatório de acompanhamento da aprendizagem da criança na Educação Infantil, objetivando documentar o processo de construção do conhecimento da criança, registrando a história individual das aprendizagens vivenciadas no contexto escolar, por meio de interações com os diversos saberes e conhecimentos presentes nos campos de experiência, a fim de garantir um olhar reflexivo do professor sobre os avanços e conquistas de cada criança e a socialização de tal processo com as famílias e outros professores.

Vale ressaltar que o registro nesse instrumento deve ser em forma de texto, apresentando o resultado de uma coleta de dados realizada por meio de observações diárias e processuais, acompanhadas de anotações das peculiaridades, avanços, curiosidades, gostos e preferências de cada criança, e não o resultado grupal, homogêneo de um grupo de crianças ou da turma.

Para subsidiar os registros, foi elaborada uma apostila com sugestões provenientes das experiências das DCNEI, obras do PNBE/2012, Manual de orientação pedagógica “Brinquedos e brincadeiras de Creches” (BRASIL, 2012), dentre outros, que resultou num documento denominado “Elementos para subsidiar os registros de acompanhamento do processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação Infantil”¹⁰. O objetivo desse documento é dar suporte aos registros,

¹⁰ Anexo 3.

contribuindo com a ampliação do vocabulário e nomenclaturas próprias ao contexto pedagógico.

Dada a função desse instrumento que é, exclusivamente, portar aspectos da aprendizagem e, diante da necessidade apresentada pelas professoras, de documentar outros aspectos que, inclusive, costumam comprometer o desenvolvimento da criança, também foi implementado pelo município um instrumento denominado Relatório particular¹¹. Tal instrumento tem a função de conter o registro de aspectos relativos à criança, como históricos médicos, cartão de vacinação, hábitos alimentares, possíveis indícios quanto a problemas de saúde, informações dadas pela família e que são de caráter confidencial, atitudes emocionais e comportamentais, dentre outros. Contudo, esse registro é de uso exclusivo do professor e somente a família pode ter acesso, sendo utilizado somente para o aluno que apresentar necessidade e anexado junto ao Relatório de acompanhamento da aprendizagem.

Em 2016, todas as instituições de Educação Infantil receberam esses dois instrumentos para realizarem a avaliação trimestral das crianças, oferecendo às professoras a possibilidade de pensar novos desafios, a partir de suas percepções, e buscar, junto à equipe escolar, ações que venham contribuir com o processo de aprendizagem de cada criança. O arquivo com esses instrumentos está à disposição no Setor de Escrituração Escolar da Secretaria de Educação.

7.1 INSTRUMENTOS DE ACOMPANHAMENTO E REGISTRO

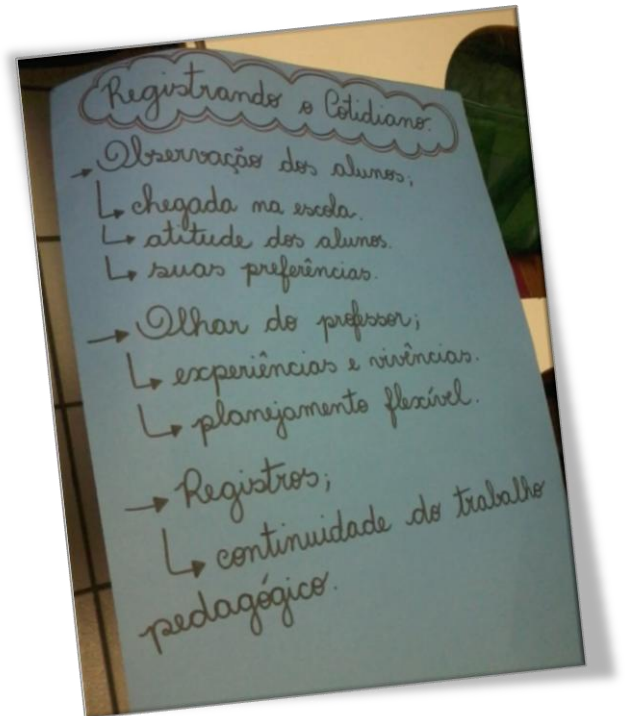
Sendo a avaliação na Educação Infantil um processo de acompanhamento, a professora, além do relatório individual e o relatório particular, tem ao seu dispor outros instrumentos de registro que colaboram no decorrer do processo de ensino-aprendizagem. Em estudos de formação, utilizou-se do artigo de consulta pública



¹¹ Anexo 4.

“Avaliação e transições na Educação Infantil” (MICARELLO, 2010), que aponta alguns instrumentos que podem ser usados para o registro das vivências das crianças nas instituições, como fonte e ponto de partida para uma nova visão sobre instrumentos, como utilizá-los e sua importância no planejamento das intervenções pedagógicas dos professores.

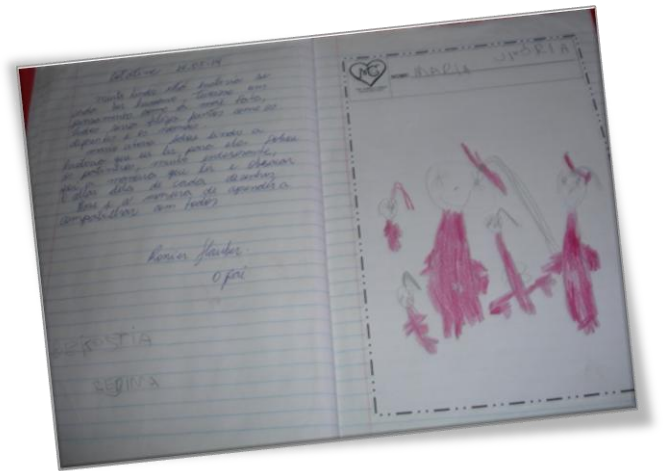
Esses mecanismos constituem uma documentação específica para o acompanhamento do cotidiano das crianças e do trabalho pedagógico do professor, pois entende-se que ambos ocorrem integrados. Dessa forma, a professora pode registrar o cotidiano vivido pelas crianças por meio de relatórios da prática pedagógica, relatando planejamentos realizados; registros individuais elaborados por si mesma ou com a participação das crianças em portfólios; fotografias, vídeos, desenhos e atividades das crianças.



Entendendo-se que esse processo de acompanhamento necessita apresentar-se contínuo e sistemático, os meios escolhidos para tanto devem permitir à professora a convivência das mesmas situações e momentos com suas crianças, o que torna a prática pedagógica algo recíproco e não apenas elaborado para alguém. Assim, Barbosa (2008, p.103-115) nos apresenta um leque de instrumentos de acompanhamento que colaboram na documentação do processo pedagógico, contemplando tanto o desenvolvimento da criança como o trabalho da professora. Dentre vários, destacam-se aqui, alguns deles:

- **diário de campo:** um caderno no qual a professora pode registrar dados da turma, deixando as impressões sobre o que vê e ouve;
- **diário de aula:** instrumento voltado para o registro do planejamento de atividades e relato de acontecimentos que contribui como fonte de pesquisa;

- **livro da vida ou de memória:** instrumento para registro coletivo de acontecimentos, sentimentos e situações significativas do cotidiano escolar;
- **entrevistas:** meio que permite conhecer a criança e sua família, o desenvolvimento em períodos anteriores ao atual, colaborando na mediação das situações vividas com a criança;
- **debates ou conversas:** registro audiovisual de momentos de conversa ou discussões de temas, cujas características e saberes são expressos pela criança, permitindo à professora construir novos caminhos;
- **coleta de amostra de trabalhos:** seleção de materiais significativos que demonstrem o que foi realizado pela criança durante um período de trabalho, justificando sua escolha.



Os instrumentos de registro para acompanhamento do desenvolvimento da aprendizagem da criança de 0 a 5 anos, não se esgotam com os exemplos apresentados aqui, contudo, norteiam e ressignificam a avaliação para essa etapa, e para que exerçam a função de documentar é preciso que estejam organizados e que os envolvidos no processo reconheçam sua finalidade. Conforme afirma Barbosa (2008, p.111), “para esses registros terem sentido, é preciso que estejam organizados. Essa organização pode ser sob forma de portfólios, dossiês ou arquivos biográficos”. Embora essas palavras sejam de origem estrangeira, conforme abordado pela autora, ao serem utilizadas no campo pedagógico, têm o objetivo de compor o acervo da criança no acompanhamento do seu desenvolvimento e aprendizagem.

É importante ressaltar que não há necessidade de os instrumentos serem usados concomitantemente, mas a escolha de um ou outro deve favorecer o acompanhamento da criança de forma significativa, contribuindo tanto para intervenções nas situações pedagógicas de ensino, quanto para orientar o processo de transição da criança entre as próprias turmas da Educação Infantil e desta etapa para o Ensino Fundamental.

7.2 TRANSIÇÃO – UMA QUESTÃO A SE CONSIDERAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As DCNEI garantem, no art. 11, cuidado e atenção quanto à transição das crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, sugerindo que as propostas pedagógicas assegurem estratégias de continuidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, respeitando suas particularidades, sem o intuito de adiantar conteúdos que serão trabalhados em séries posteriores no Ensino Fundamental.

O Parecer 20, em relação ao acompanhamento da continuidade do processo de educação, orienta que as instituições de ensino devem:

[...]

c) planejar o trabalho pedagógico reunindo as equipes da creche e da pré-escola, acompanhado de relatórios descritivos das turmas e das crianças, suas vivências, conquistas e planos, de modo a dar continuidade a seu processo de aprendizagem;

d) prever formas de articulação entre os docentes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental (encontros, visitas, reuniões) e providenciar instrumentos de registro – portfólios de turmas, relatórios de avaliação do trabalho pedagógico, documentação da frequência e das realizações alcançadas pelas crianças – que permitam aos docentes do Ensino Fundamental conhecer os processos de aprendizagem vivenciados na Educação Infantil, em especial na pré-escola e as condições em que eles se deram, independentemente dessa transição ser feita no interior de uma mesma instituição ou entre instituições, para assegurar às crianças a continuidade de seus processos peculiares de desenvolvimento e a concretização de seu direito à educação (2009, p.17).

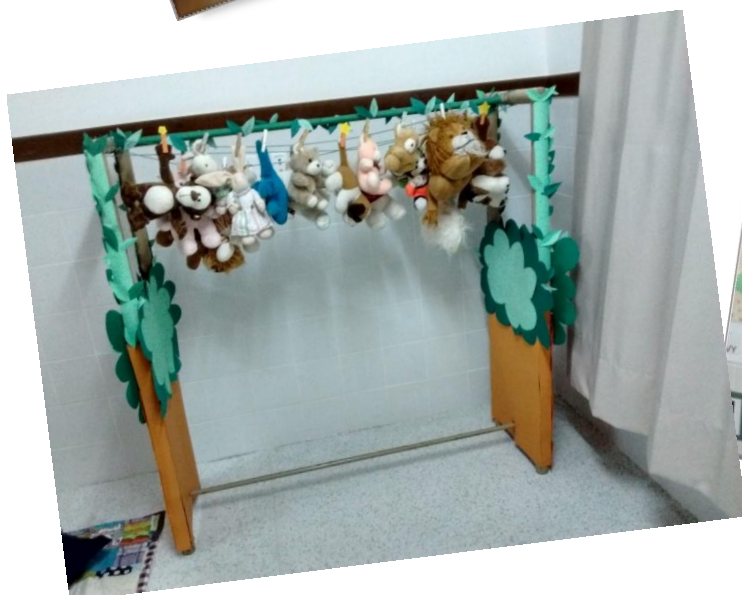
O texto do Parecer é claro em relação à importância da transição, contudo, na prática, essa orientação ainda está caminhando lentamente. Percebe-se que há necessidade de avançar nessa questão, aproximando e ampliando o entendimento dos profissionais envolvidos nesse processo. Por isso, torna-se imprescindível que os envolvidos estabeleçam diálogo e criem estratégias para tal.

É comum que, nas instituições de Educação Infantil, quando a criança começa a apresentar comportamentos demonstrando que algo não vai bem, os profissionais responsáveis investiguem os motivos. Em alguns casos, são realizadas conversas com a família, orientações, solicitação de parecer médico, encaminhamento para o CEMP, dentre outras. Toda essa caminhada precisa ser considerada no processo de transição, contribuindo para avanços em investigações futuras, caso haja

necessidade.

Como já dito, há muito que avançar quanto à transição, mas é importante lembrar que a avaliação nessa etapa, conforme afirma Ferreira (2013, p. 33), “quando contextualizada aos processos educativos planejados e desenvolvidos em uma unidade de educação infantil, pode funcionar como recurso de formação da equipe e de historicização do projeto pedagógico das unidades”.

Assim, ao invés de ser apenas um registro burocrático e sem vida, a avaliação deve colaborar para a reflexão do planejamento e das práticas pedagógicas desenvolvidas, orientando e qualificando o processo de construção do currículo da Educação Infantil que acontece no cotidiano das instituições, constituindo-se num objeto de trabalho do professor e da equipe.



REFERÊNCIAS

- AUGUSTO, Silvana de Oliveira. *A experiência de aprender na Educação Infantil*. Publicado em “Salto para o Futuro”, Novas diretrizes curriculares para a educação infantil, Ano XXIII, boletim 09 de junho de 2013. Disponível em: http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/09183509_NovasDiretrizesEducacaoInfantil.pdf. Acesso em: março 2014.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. *Projetos Pedagógicos na Educação Infantil*. Porto Alegre: Grupo A, 2008.
- BRASIL, MEC. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei 9.394/96. Brasília: Imprensa Oficial, Diário Oficial. Brasília, 1996.
- _____. Lei n.º 12.796, de 04 de abril de 2013 – Altera a Lei n.º 9.394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília, CNE/CEB, 2013.
- _____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009*. Fixa as *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil*. Brasília: CNE/CEB, 2009 a.
- _____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Parecer 20, de 11 de novembro de 2009*. Revisão das *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil*. Brasília: CNE/CEB, 2009 b.
- _____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução CNE/CEB nº4, de 13 de julho de 2010*. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- _____. Congresso Nacional. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9394/96 (LDBEN)*. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Básica Nacional. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.ufcg.edu.br/prt_ufcg/ce2016/Lei%209394.pdf. Acesso em: março 2016.
- _____. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros básicos de Infra-estrutura para instituições de Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEB, 2008.
- _____. Ministério de Educação. *Indicadores da Qualidade na Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEB/COEDI, 2009 c.
- _____. Ministério de Educação. *Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil*. Distrito Federal: MEC/SEB, 2008.
- _____. Ministério de Educação. *Práticas cotidianas na Educação Infantil - Base para Reflexão sobre as Orientações Curriculares*. Projeto de Cooperação Técnica MEC/Universidade Federal do Rio Grande do Sul para Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Brasília, MEC/Secretaria de Educação

Básica/UFRGS. 2009 d. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf. Acesso em:
 novembro 2010.

_____. *Ministério de Educação. Brinquedos e brincadeiras de creches: Manual de orientação pedagógica*. Brasília: MEC/SEB, 2012.

_____. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CONSELHO ESTATUAL DE EDUCAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO. Resolução nº 3.777 de 30 de abril de 2014. Vitória: CEE/SEE, 2014.

FERREIRA, Marisa Vasconcelos. *Avaliação: instrumento do professor para aprimorar o trabalho na educação infantil*. Disponível em:
http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationSeries/09183509_NovasDiretrizesEducacaoInfantil.pdf. Acesso em: março 2014.

FORNERO, Lina Iglesias. A Organização dos Espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, Miguel Antonio (org.). *Qualidade na Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação e Educação Infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança*. Porto Alegre: Mediação, 2012.

HORN, Maria da Graça Souza. Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KISHIMOTO, Tisuko Morchida. *Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil*. Anais do I Seminário Nacional: Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7155-2-3-brinquedos-brincadeiras-tizuko-morchida/file>. Acesso em: maio 2012.

_____. *Currículo e conteúdos específicos da Base Nacional Comum de Educação Infantil*. Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/relatorios-analiticos/pareceres/Tizuko_Morchida_Kishimoto.pdf. Acesso em: julho 2016.

MACHADO, Ana Maria. *De olho nas penas*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.

MICARELLO, Hilda. *Avaliação e transições na Educação Infantil*. Agosto, 2010. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/programa-curriculo-em-movimento-sp-1312968422/consultas-publicas?id=15860>. Acesso em: abril 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE COLATINA. Lei nº 6.270 de 29 de dezembro de 2015. Aprova o Plano Municipal de Educação de Colatina. Colatina, 2015.

_____, Lei nº 6.190 de 08 de junho de 2015. Regulamenta a carga horária para

atendimento a educação infantil, no município de Colatina. Colatina, 2015.

REDIN, Marita Martins. et al. *Planejamento, práticas e projetos pedagógicos na Educação Infantil*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

SALLES, Fátima; FARIA, Vitória. *Currículo na Educação Infantil: diálogo com os demais elementos da Proposta Pedagógica*. 2.ed.São Paulo: Ática, 2012.

SILVA, Ana Paula Soares da; PASUCH, Jaqueline. Orientação Curriculares para a Educação Infantil do Campo. 2010. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6675-orientacoescurriculares&Itemid=30192. Acesso em: maio 2012.

ANEXO 1**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA****RESOLUÇÃO Nº 5, DE 17 DE DEZEMBRO DE 2009 ^(*)**

*Fixa as Diretrizes Curriculares
Nacionais para a Educação Infantil*

O Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, no uso de suas atribuições legais, com fundamento no art. 9º, § 1º, alínea “c” da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, com a redação dada pela Lei nº 9.131, de 25 de novembro de 1995, e tendo em vista o Parecer CNE/CEB nº 20/2009, homologado por Despacho do Senhor Ministro de Estado da Educação, publicado no DOU de 9 de dezembro de 2009, resolve:

Art. 1º A presente Resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil a serem observadas na organização de propostas pedagógicas na Educação Infantil.

Art. 2º As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil articulam-se com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e reúnem princípios, fundamentos e procedimentos definidos pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, para orientar as políticas públicas na área e a elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares.

Art. 3º O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade.

Art. 4º As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Art. 5º A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, é oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social.

§ 1º É dever do Estado garantir a oferta de Educação Infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção.

§ 2º É obrigatória a matrícula na Educação Infantil de crianças que completam 4 ou 5 anos até o dia 31 de março do ano em que ocorrer a matrícula.

§ 3º As crianças que completam 6 anos após o dia 31 de março devem ser matriculadas na Educação Infantil.

§ 4º A frequência na Educação Infantil não é pré-requisito para a matrícula no Ensino Fundamental.

^(*) Resolução CNE/CEB 5/2009. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18.

§ 5º As vagas em creches e pré-escolas devem ser oferecidas próximas às residências das crianças.

§ 6º É considerada Educação Infantil em tempo parcial, a jornada de, no mínimo, quatro horas diárias e, em tempo integral, a jornada com duração igual ou superior a sete horas diárias, compreendendo o tempo total que a criança permanece na instituição.

Art. 6º As propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios:

I – Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.

II – Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.

III – Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.

Art. 7º Na observância destas Diretrizes, a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve garantir que elas cumpram plenamente sua função sociopolítica e pedagógica:

I - oferecendo condições e recursos para que as crianças usufruam seus direitos civis, humanos e sociais;

II - assumindo a responsabilidade de compartilhar e complementar a educação e cuidado das crianças com as famílias;

III - possibilitando tanto a convivência entre crianças e entre adultos e crianças quanto a ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes naturezas;

IV - promovendo a igualdade de oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais no que se refere ao acesso a bens culturais e às possibilidades de vivência da infância;

V - construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação étnica, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa.

Art. 8º A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças.

§ 1º Na efetivação desse objetivo, as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem:

I - a educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo;

II - a indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança;

III - a participação, o diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização de suas formas de organização;

IV - o estabelecimento de uma relação efetiva com a comunidade local e de mecanismos que garantam a gestão democrática e a consideração dos saberes da comunidade;

V - o reconhecimento das especificidades etárias, das singularidades individuais e coletivas das crianças, promovendo interações entre crianças de mesma idade e crianças de diferentes idades;

VI - os deslocamentos e os movimentos amplos das crianças nos espaços internos e externos às salas de referência das turmas e à instituição;

VII - a acessibilidade de espaços, materiais, objetos, brinquedos e instruções para as crianças com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação;

VIII - a apropriação pelas crianças das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, afrodescendentes, asiáticos, europeus e de outros países da América;

IX - o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação;

X - a dignidade da criança como pessoa humana e a proteção contra qualquer forma de violência – física ou simbólica – e negligência no interior da instituição ou praticadas pela família, prevendo os encaminhamentos de violações para instâncias competentes.

§ 2º Garantida a autonomia dos povos indígenas na escolha dos modos de educação de suas crianças de 0 a 5 anos de idade, as propostas pedagógicas para os povos que optarem pela Educação Infantil devem:

I - proporcionar uma relação viva com os conhecimentos, crenças, valores, concepções de mundo e as memórias de seu povo;

II - reafirmar a identidade étnica e a língua materna como elementos de constituição das crianças;

III - dar continuidade à educação tradicional oferecida na família e articular-se às práticas sócio-culturais de educação e cuidado coletivos da comunidade;

IV - adequar calendário, agrupamentos etários e organização de tempos, atividades e ambientes de modo a atender as demandas de cada povo indígena.

§ 3º - As propostas pedagógicas da Educação Infantil das crianças filhas de agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da reforma agrária, quilombolas, caiçaras, povos da floresta, devem:

I - reconhecer os modos próprios de vida no campo como fundamentais para a constituição da identidade das crianças moradoras em territórios rurais;

II - ter vinculação inerente à realidade dessas populações, suas culturas, tradições e identidades, assim como a práticas ambientalmente sustentáveis;

III - flexibilizar, se necessário, calendário, rotinas e atividades respeitando as diferenças quanto à atividade econômica dessas populações;

IV - valorizar e evidenciar os saberes e o papel dessas populações na produção de conhecimentos sobre o mundo e sobre o ambiente natural;

V - prever a oferta de brinquedos e equipamentos que respeitem as características ambientais e socioculturais da comunidade.

Art. 9º As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que:

I - promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;

II - favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;

III - possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos;

IV - recriem, em contextos significativos para as crianças, relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaciais;

V - ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas;

VI - possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar;

VII - possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade;

VIII - incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza;

IX - promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura;

X - promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais;

XI - propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras;

XII - possibilitem a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos.

Parágrafo único - As creches e pré-escolas, na elaboração da proposta curricular, de acordo com suas características, identidade institucional, escolhas coletivas e particularidades pedagógicas, estabelecerão modos de integração dessas experiências.

Art. 10. As instituições de Educação Infantil devem criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação, garantindo:

I - a observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano;

II - utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns etc.);

III - a continuidade dos processos de aprendizagens por meio da criação de estratégias adequadas aos diferentes momentos de transição vividos pela criança (transição casa/instituição de Educação Infantil, transições no interior da instituição, transição creche/pré-escola e transição pré-escola/Ensino Fundamental);

IV - documentação específica que permita às famílias conhecer o trabalho da instituição junto às crianças e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação Infantil;

V - a não retenção das crianças na Educação Infantil.

Art. 11. Na transição para o Ensino Fundamental a proposta pedagógica deve prever formas para garantir a continuidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, respeitando as especificidades etárias, sem antecipação de conteúdos que serão trabalhados no Ensino Fundamental.

Art. 12. Cabe ao Ministério da Educação elaborar orientações para a implementação dessas Diretrizes.

Art. 13. A presente Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogando-se as disposições em contrário, especialmente a Resolução CNE/CEB nº 1/99.

CESAR CALLEGARI

ANEXO 2



ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
PREFEITURA MUNICIPAL DE COLATINA
Secretaria Municipal de Educação
Rua Melvin Jones, 50 – Esplanada – Colatina – ES – 29.702.110 – Tel.: 3177-7064

Relatório de Acompanhamento da Aprendizagem

Educação Infantil¹

Escola: _____ Ano Letivo: _____
 Aluno(a): _____
 Turma: _____ Turno: _____
 Data de Nasc.: ____ / ____ / ____ Naturalidade: _____
 Pai: _____
 Mãe: _____
 Responsável: _____
 Deficiência: () Sim () Não CID: _____
 Laudo médico datado em: ____ / ____ / ____

Relatório do processo de construção do conhecimento da criança: **TRIMESTRE**

Dias Letivos: Período: / / a / / Faltas:

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Assinatura do Professor: _____

Assinatura do Pai ou Responsável: _____

Assinatura do Diretor/Supervisor escolar: _____
 _____ Colatina-ES, _____ de _____ de _____

1

Este relatório tem por objetivo documentar o processo de construção do conhecimento da criança, registrando a história individual das aprendizagens vivenciadas no contexto escolar por meio de interações com os diversos saberes e conhecimentos dos campos de experiência, a fim de garantir um olhar reflexivo do professor sobre os avanços e conquistas de cada criança e a socialização de tal processo com as famílias e outros professores.

O registro deve ser o resultado de uma coleta de dados realizada por meio de observações diárias e processuais, acompanhadas de anotações das peculiaridades, avanços, curiosidades, gostos e preferências das crianças, respeitando o jeito de ser de cada uma.

Para a elaboração desse relatório, o professor poderá basear-se no documento “Elementos de subsídio para acompanhamento do processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação Infantil”, elaborado pela equipe da Educação Infantil da Secretaria de Educação, no ano de 2015, que contempla Campos de Experiências conforme orientam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

Relatório do processo de construção do conhecimento da criança: _____ TRIMESTRE

Aluno(a): _____ Turma: _____

Dias Letivos: _____ Período: ____ / ____ / a ____ / ____ / Faltas: _____

[illegible]

Assinatura do Professor: _____

Assinatura do Pai ou Responsável: _____

Assinatura do Diretor/Supervisor escolar: _____
 _____ Colatina-ES, _____ de _____ de _____.

Relatório do processo de construção do conhecimento da criança: _____ TRIMESTRE

Aluno(a): _____ Turma: _____

Dias Letivos: _____ Período: ____ / ____ / a ____ / ____ / ____ Faltas: _____

This image shows a full page of blank, lined paper. It features approximately 20 evenly spaced horizontal grey lines across its entire width, typical of notebook or legal stationery. The paper is otherwise completely empty, with no text, markings, or illustrations.

Assinatura do Professor: _____

Assinatura do Pai ou Responsável: _____

Assinatura do Diretor/Supervisor escolar: _____

Parecer final:

☐ Promovido

☐ Transferido em / /

☐ Desistente

Colatina-ES, _____ de _____ de _____.

ANEXO 3



ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
PREFEITURA MUNICIPAL DE COLATINA
Secretaria Municipal de Educação
Rua Melvin Jones, 50 – Esplanada – Colatina – ES – 29.702.110 – Tel 3177-7064



ELEMENTOS PARA SUBSIDIAR OS REGISTROS DE ACOMPANHAMENTO DO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CAMPO DE EXPERIÊNCIAS: “O EU, O OUTRO E O NÓS”

- Percebe-se como sujeito, pertencente a uma família, um grupo social.
- Reconhece a heterogeneidade das formações familiares.
- Participa de eventos sociais e culturais significativos compreendendo sua importância.
- Reconhece os serviços sociais da cidade (públicos e privados) e as funções desempenhadas pelos diversos atores sociais (policiais, médicos, enfermeiros, líderes comunitários, comerciantes, entre outros).
- Identifica o modo de viver e trabalhar da comunidade onde está inserida.
- Reconhece culturas diferentes da vivenciada em seu núcleo familiar, município, estado e país.
- Respeita regras e combinados.
- Reconhece em si características e gostos particulares.
- Reconhece-se ao ser chamada pelo nome.
- Identifica as pessoas do seu convívio pelo nome.
- Reconhece seus pertences e os dos colegas.
- Responsabiliza-se por seus pertences.
- Reconhece pertences por meio da identificação do próprio nome neles contidos.
- Interage com os colegas da própria turma, com crianças de turmas maiores ou menores.
- Compartilha objetos, brinquedos, sentimentos, alimentos, cuidados com familiares e colegas da instituição.
- Respeita os colegas e suas diferenças.
- Resolve conflitos por meio do diálogo.
- Utiliza expressões de cortesia no cotidiano da escola: obrigada, por favor, com licença, desculpe, etc.
- Cooperar ao vestir-se, estendendo braços e pernas.
- Realiza tentativas de se vestir.
- Alimenta-se, usa o banheiro, calça e veste-se sozinha.
- Desempenha atividades diárias com autonomia, como: vestir-se, calçar-se, abotoar, dar laço, pentear-se.
- Cuida do corpo, executando ações simples relacionadas à saúde e higiene.
- Alimenta-se de acordo com as práticas de nossa cultura, fazendo uso de instrumentos e procedimentos adequados (usa talheres, copos, pratos, come devagar, senta-se à mesa, serve-se sozinha, e outros).
- Usa o banheiro utilizando instrumentos e procedimentos adequados (vaso sanitário, papel higiênico, torneira, sabonete, dá descarga, enxuga as mãos).
- Tem o controle dos esfínteres.
- Realiza pequenas ações cotidianas com maior independência.
- Guarda brinquedos e materiais colaborando com a organização do espaço coletivo.
- Trabalha em grupo de forma harmoniosa.
- Brinca com os colegas estabelecendo relação amigável.
- Reconhece seu nome e o dos colegas quando solicitado.
- Reage em situações de desconforto (fome, dor, fralda molhada).
- Reconhece sua imagem no espelho e reage manifestando diferentes expressões fisionômicas e movimentos.
- Percebe semelhanças e diferenças físicas entre as pessoas.

- Identifica algumas singularidades próprias e das pessoas com as quais convive em situações de interação.
- Demonstra sentimentos e emoções por meio de expressões faciais.
- Compreende a rotina da escola.
- Participa do planejamento da rotina do dia, na rodinha da sala de aula.
- Concentra-se nas atividades propostas.
- Atende às solicitações feitas pelo adulto.
- Participa, com interesse, de situações que envolvam a relação com o outro.
- Expressa atitude de cooperação, respeito, solidariedade nas relações que estabelece com adultos e outras crianças.
- Demonstra atitude de auto-organização.
- Colabora na organização da sala.
- Escolhe brinquedos e objetos para brincar.
- Realiza escolhas em diferentes situações.
- Exercita a vida democrática escolhendo, votando.
- Identifica situações de risco.
- Brinca demonstrando prazer e criatividade.
- Demonstra interesse e curiosidade antes e durante as atividades.
- Enfrenta sozinha, com atenção e curiosidade, os problemas que são apresentados durante a proposta de determinada atividade.
- Apresenta-se disposta a realizar o que lhe é sugerido.
- Interessa-se e envolve-se por jogos.
- Interessa-se e envolve-se em brincadeiras (dirigidas ou livres).
- Respeita regras ao participar de jogos que as envolvem.
- Aguarda a vez respeitando o colega.
- Continua no jogo ou brincadeira mesmo quando está em desvantagem.
- Apresenta atitude respeitosa em relação ao resultado do jogo.
- Enfrenta situações novas com tranquilidade.
- Enfrenta positivamente situações de perda em jogos e brincadeiras.
- Enfrenta positivamente as situações de erro próprio.
- Aceita e respeita o erro dos outros.

CAMPO DE EXPERIÊNCIAS: “CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS”

- Executa movimentos de soprar e sugar.
- Faz movimentos com os olhos e cabeça na direção do som ouvido.
- Expressa-se por meio de gestos e ritmos corporais.
- Controla os movimentos dos braços e pernas.
- Segura objetos com os dedos.
- Segura objetos com as mãos.
- Pinça objetos de tamanhos e formas variadas.
- Coordena os movimentos da mão, segurando objetos, passando-os de uma mão para outra.
- Utiliza os movimentos da mão em atividades como rasgar, amassar, apertar, pinçar, empurrar e cortar com tesoura.
- Manuseia com habilidade objetos diversos (lápis, pincel, giz de cera, tesoura).
- Utiliza movimentos de preensão, encaixe e lançamento.
- Lança objetos no espaço a uma determinada distância, coordenando a força necessária para realizar o movimento.
- Senta-se sozinha.
- Fica em pé e anda com auxílio.
- Fica em pé e anda sem auxílio.
- Alcança objetos colocados a determinada altura.

- Anda com segurança e estabilidade, desdobrando-se nos atos de correr, pular e suas variantes.
- Desloca-se com destreza progressiva no espaço ao arrastar-se, rolar, engatinhar, levantar, subir, descer, saltar, passar por baixo, por dentro e etc.
- Mantém o equilíbrio em atividades como: andar sobre uma linha, pular com um pé só, na ponta dos pés.
- Sobe escadas com auxílio.
- Sobe escadas com controle dos movimentos.
- Explora espaços com curiosidade.
- Locomove-se com autonomia em espaços extraescolares.
- Orienta-se no espaço escolar e localiza lugares significativos (refeitório, sala do diretor, pátio, cozinha).
- Busca solução para situações diversas por meio de movimentos corporais.
- Apresenta desempenho em atividades que exigem equilíbrio corporal.
- Usa a imaginação em brincadeiras livres e dirigidas.
- Explora materiais oferecidos, utilizando-os de forma criativa.
- Dramatiza histórias representando personagens.
- Demonstra interesse em participar de coreografias, dramatizações e apresentações diversas.
- Participa, demonstrando interesse, de brincadeiras de movimentação ampla com bolas, pneus, cordas, bambolês, etc.
- Brinca no parquinho demonstrando segurança.
- Utiliza gestos diversos e ritmo corporal em brincadeiras, danças, jogos.
- Vivencia jogos de imitação e mímica.
- Dança livremente e a partir de coreografias.
- Participa de danças propostas coletiva ou individualmente.
- Faz coreografias criando movimentos diferentes para dançar ou gestos diferentes para cantar a mesma música.
- Percebe o limite de seu corpo ao realizar determinadas atividades.
- Utiliza recursos como força, velocidade, resistência e flexibilidade nos seus deslocamentos ao participar de brincadeiras.
- Controla o corpo, diferenciando inércia e movimento a partir de comandos.
- Brinca de faz de conta, assumindo diferentes papéis.
- Vivencia brincadeiras de imaginação, transformando um objeto em outro.
- Brinca livremente nos espaços da instituição.
- Compreende instruções dadas pelo professor ou outro adulto para realização de determinada proposta (jogo, brincadeira, dobraduras, ...).
- Compreende comandos como: bater palmas, jogar beijo, dar tchau.

CAMPO DE EXPERIÊNCIAS: “ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO”

- Ouve com atenção.
- Realiza tarefas a partir de instruções ouvidas.
- Balbucia sons e emite pequenas palavras.
- Utiliza várias linguagens para se comunicar.
- Comunica-se usando palavras simples.
- Reconhece pessoas conhecidas pela voz.
- Demonstra interesse e curiosidade por ouvir histórias, apreciar filmes, assistir dramatizações e outros.
- Explora diversos portadores de texto por meio do manuseio e da observação (folheia revistas, livros, percebe imagens etc.)
- Compreende perguntas simples.
- Nomeia e descreve objetos, pessoas, fotografias, gravuras.
- Nomeia objetos apresentados.

- Amplia gradualmente o vocabulário e sua fluência ao falar.
- Amplia o vocabulário adequando-o ao contexto.
- Expressa-se com frases curtas, longas e acabadas.
- Utiliza linguagem clara e não infantilizada.
- Solicita ajuda quando necessário, utilizando a fala ou gestos.
- Participa de situações em que se faz necessária a comunicação oral.
- Relata fatos simples acontecidos no seu dia a dia.
- Conta casos e relatos com início, meio e fim.
- Reconta fatos, histórias, filmes e outros com sequência e coerência de fatos.
- Reproduz falas de personagens diversos.
- Relata e comenta experiências próprias, dos demais colegas e de situações observadas.
- Participa de relatos em rodas de conversa ampliando sua capacidade comunicativa e sabendo ouvir colegas e professora.
- Reconta histórias com o auxílio de imagens.
- Compreende e relata, oralmente, suas percepções a partir do que vê em símbolos, placas, tirinhas, histórias não-verbais.
- Descreve fotos, gravuras, sequência de cenas de histórias.
- Antecipa o sentido do texto na leitura de livros, quadrinhos e tirinhas a partir da imagem.
- Ouve, conta e reconta histórias, parlendas, fábulas, poesias e etc.
- Formula perguntas a respeito do que ouve e vê.
- Dialoga com os colegas, com as professoras e demais adultos da instituição.
- Participa construtivamente de discussões com os colegas de turma.
- Comenta e justifica opiniões.
- Usa o diálogo para resolver conflitos, negociar.
- Respeita as normas reguladoras do funcionamento dos diferentes gêneros orais (ouve sem interromper, interrompe no momento oportuno, utiliza equilibradamente o tempo disponível para a interlocução).
- Ouve histórias lidas ou contadas com atenção.
- Reconta oralmente histórias.
- Reproduz textos de memória (trava-línguas, parlendas, canções, poemas, quadrinhas, etc).
- Brinca com a sonoridade das palavras.
- Vivencia jogos e brincadeiras que exploram a sonoridade das palavras.
- Participa de jogos de linguagem (jogo dos contrários, jogo de absurdo, jogo de agrupamento de palavras: “lá vem a barquinha”, “atenção, concentração”).
- Gosta de reproduzir textos orais já aprendidos (trava-línguas, piadas, adivinhas).
- Manifesta preferência por determinadas histórias e solicita o reconto das mesmas.
- Expressa sentimentos por meio da fala.
- Comenta notícias veiculadas pela mídia.
- Adota o papel de ouvinte atenta ou de locutora cooperativa em situações comunicativas que envolvem alguma formalidade.
- Transmite recados a outros com segurança, conservando a mensagem.
- Demonstra atitude de desinibição em apresentações (teatro, explanação sobre uma pesquisa ou descoberta, declamação de poemas).
- Utiliza o desenho como forma de expressar conhecimentos, opiniões, impressões, desejos e outros.
- Apresenta interesse e curiosidade pela leitura e pela escrita.
- Compreende, gradualmente, as relações entre a linguagem oral e a linguagem escrita em contextos reais de utilização.
- Avança, gradualmente, no processo de construção do sistema alfabético de escrita.
- Reconhece elementos do livro: capa, contracapa, número da página.
- Manuseia corretamente e com cuidado vários suportes de texto (lê do início para o final, passa as folhas com cuidado, não rasga, não faz orelhas).

- Utiliza estratégias de leitura em situações diversas.
- Ajusta o falado ao escrito a partir dos textos memorizados.
- Compreende como e para que os seres humanos criaram os primeiros sistemas de escrita, valorizando a escrita como uma produção histórica e cultural.
- Faz a distinção entre desenho e escrita.
- Diferencia letras e números.
- Reconhece e nomeia as letras do alfabeto.
- Apropria-se, gradualmente, dos aspectos gráficos da escrita (traçado da letra).
- Compreende a orientação da escrita de nossa língua (da esquerda para a direita, de cima para baixo).
- Conhece a ordem alfabética e seus usos em diferentes gêneros.
- Reconhece, gradualmente, a categorização gráfica (diferentes tipos de letras) em textos de diferentes gêneros e suportes textuais.
- Reconhece o colega pelo nome.
- Reconhece o próprio nome na forma escrita.
- Reconhece o nome dos colegas na forma escrita.
- Escreve o próprio nome com o auxílio de ficha.
- Escreve o próprio nome sem o auxílio de ficha.
- Escreve o nome dos colegas.
- Compreende que palavras diferentes compartilham certas letras.
- Percebe que palavras diferentes variam quanto ao número, repertório e ordem de letras.
- Segmenta oralmente as sílabas de palavras e compara as palavras quanto ao tamanho.
- Identifica semelhanças sonoras em sílabas e em rimas.
- Participa de jogos que envolvam rima e exploração sonora associadas à escrita.
- Percebe que as vogais estão presentes em todas as sílabas.
- Segmenta palavras em textos.
- Participa de situações de produção de texto oralmente.
- Participa de situações de escrita tendo o professor como escriba.
- Participa de situações de escrita de próprio punho, de acordo com as habilidades do momento.
- Escreve, à sua maneira, textos oralmente garantidos (títulos, parlendas, músicas, poemas).
- Lê o que escreve.
- Conhece gêneros textuais que circulam em nossa sociedade, percebendo suas diferentes estruturas e diagramações.
- Produz textos de diferentes gêneros, atendendo a diferentes finalidades, com a ajuda de um escriba.
- Produz textos de diferentes gêneros, atendendo a diferentes finalidades, de acordo com os conhecimentos que possui.
- Escolhe livros para ler.
- Brinca de adivinhar o que está escrito em diversos lugares.
- Participa de jogos e brincadeiras que envolvam a linguagem escrita.
- Recorta palavras em jornais e revistas para diferentes finalidades.
- Participa de jogos interativos a partir de softwares educativos.
- Utiliza o computador como recurso para produzir escritas.
- Descreve, com suas próprias palavras, etapas e/ou orientações de construção/confecção de algo (brinquedo, dobradura, colagem, regras de jogo, etc).

CAMPO DE EXPERIÊNCIAS: “TRAÇOS, SONS, CORES E IMAGENS”

- Observa e identifica imagens diversas.
- Interage com materiais e instrumentos, meios e suportes diversificados utilizados na linguagem plástica.
- Experimenta diferentes consistências de tintas.

- Dá significado às suas ideias, pensamentos e sensações por meio do desenho, modelagem, pintura e outros.
- Tem atitude de autoconfiança por sua produção e de respeito pela produção dos colegas.
- Tem cuidado com o próprio corpo e dos colegas no contato com materiais de arte.
- Assume postura crítica diante de suas produções e das de outras pessoas.
- Aprecia obras de arte de diversos artistas, refletindo sobre os elementos que permitem sua concretização (forma, cor, luz, espaço, textura, linha, ponto).
- Conhece a biografia de alguns artistas trabalhados.
- Demonstra sensibilidade artística e capacidade de apreciação estética ao observar livros, imagens, filmes, fotografias, etc.
- Utiliza o movimento do braço na produção de traços horizontais e verticais.
- Desenha reproduzindo riscos e garatujas no papel, sem a intenção de produzir imagens ou de representar algo.
- Desenha reproduzindo riscos e garatujas no papel e nomeia o que desenha, porém, a cada momento, dá um nome diferente ao que produziu.
- Desenha objetos e situações, porém ainda não reflete sobre sua organização no espaço.
- Desenha objetos e situações, organizando de forma lógica os elementos na folha de papel.
- Realiza desenhos de memória, reativando imagens virtuais que habitam em sua mente.
- Representa a figura humana desenhando corpo e membros.
- Representa a figura humana com riqueza de detalhes.
- Representa o próprio corpo e o corpo dos colegas e adultos da instituição por meio de desenhos e modelagem.
- Manifesta gosto e admiração pelas produções da escola e pelas obras regionais, nacionais e internacionais às quais teve acesso.
- Demonstra preferência por determinadas cores e materiais.
- Realiza a representação visual de objetos por meio da modelagem de massinha ou argila.
- Cria, recria e faz releitura de obras de arte.
- Representa utilizando recursos variados: fantoches, palitoques, teatro de sombras, marionetes, fantasias, etc.
- Representa diferentes situações dramáticas, cômicas, alegres, tristes, de suspense, de terror, etc.
- Explora e descobre os sons e melodias: do próprio corpo (boca, mãos, pés, coração, estômago, da tosse e outros), da natureza (pássaros, cachorros e outros animais, chuva, vento, trovão, rio e outros), do ambiente, dos instrumentos musicais e dos objetos.
- Percebe a relação existente entre som (movimentos vibratórios) e o silêncio (pausa).
- Percebe os elementos da linguagem musical: a qualidade do som (altura, intensidade, duração e timbre) e o silêncio, combinando-os para produzir melodias, ritmos, harmonia e andamentos.
- Participa de jogos de som e silêncio.
- Explora e discrimina fontes sonoras diversas por meio de brincadeiras.
- Participa de rodas de música: ouvindo, cantando e acompanhando com movimentos.
- Participa de brincadeiras cantadas.
- Aprecia estilos musicais diferentes: rock, reggae, samba, bossa nova, hip hop, sertanejo e outros.
- Aprecia obras musicais de épocas e culturas diferentes.
- Conhece o repertório de canções da cultura popular.
- Canta e interpreta músicas diversas.
- Tem atitude de respeito às formas de interpretação e produção musical dos colegas.
- Explora e cria sons com objetos e instrumentos musicais, convencionais e não convencionais.
- Registra com desenhos as impressões provocadas pela escuta musical.
- Expressa oralmente as diferentes emoções que a música sugere: alegria, tristeza.
- Imita, inventa, brinca e reproduz gestos a partir da música.
- Marca ritmos usando objetos, o corpo e os instrumentos.

- Produz e reproduz ritmos usando o próprio corpo.
- Tem atitude de respeito às diferenças de cada um no jeito de cantar e dançar.
- Brinca com a música através do faz de conta, usando a fantasia, a inspiração, o imaginário, a afetividade e a espontaneidade.
- Participa de jogos e brincadeiras que envolvam a improvisação musical: imprimindo diferentes entonações sonoras, explorando os sons agudos e graves (altura), variando os sons fortes e fracos (intensidade), alongando sílabas (duração – curtas ou longas), correndo com as palavras e modificando o timbre habitual de voz.
- Participa da sonorização de histórias usando a voz para interpretar diferentes personagens (Vovozinha, Lobo, Chapeuzinho) e/ou utilizando objetos para ilustrar sonoramente a narrativa (o ranger da porta, o canto do galo, etc).
- Canta só ou formando grupos: duetos, trios, banda e coral.
- Conhece vários tipos de danças: balé, quadrilha, hip hop.
- Aprecia apresentações e espetáculos musicais.
- Identifica trilhas sonoras de suspense, comédia, perigo.
- Conhece mídias sonoras – rádio, CD, DVD, mp3 e outros.
- Manifesta preferência por algumas músicas.

CAMPO DE EXPERIÊNCIAS: “ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES”

- Manipula, explora, compara, organiza, sequencia e ordena brinquedos e outros materiais.
- Compara quantidades usando as expressões “mais que”, “menos que” e “a mesma quantidade que”.
- Ordena quantidades, identificando a posição do maior e do menor.
- Levanta hipóteses.
- Resolve situações-problema usando estratégias pessoais, alternativas, noções de tirar, acrescentar, dividir ou outras estratégias matemáticas.
- Resolve problemas cotidianos fazendo uso de cálculos mentais e registros convencionais e não convencionais.
- Faz estimativas em relação à quantidade de pessoas ou objetos.
- Compreende a correspondência termo a termo utilizando material concreto.
- Participa de brincadeiras envolvendo cantigas e parlendas que se utilizam de contagem numérica.
- Utiliza a contagem oral e o número em situações contextualizadas e significativas como: distribuição de materiais, divisão de objetos, arrumação da sala, quadro de registros, coleta de coisas, etc.
- Reconhece os diferentes usos e funções sociais do número em suas práticas cotidianas.
- Identifica quantidades expressas em materiais previamente estabelecidos (dado, cartões, fichas, tabelas etc).
- Representa, com algarismos, algumas quantidades.
- Estabelece correspondência entre a quantidade apresentada e o número correspondente.
- Junta quantidades de dois agrupamentos contando um a um.
- Junta quantidades de palitos, tampinhas ou outros recursos de dois agrupamentos necessitando reiniciar a contagem para dar sequência.
- Junta quantidades de palitos, tampinhas, ou outros recursos de dois agrupamentos memorizando um número e continuando a contagem e sequência a partir desse número.
- Traça numerais quando se faz necessário.
- Registra quantidades de acordo com a situação: pontuação de jogos, quantidades coletadas, conquistadas etc.
- Realiza cálculos mentais.
- Compara e classifica objetos com propriedades diversas: peso (leve/pesado), volume (cheio/vazio), espessura (grosso/fino), textura (liso/áspero/macio), cor, forma.

- Explora objetos e brinquedos descobrindo algumas propriedades (produz som, rola, amassa, balança, etc.).
- Manifesta agilidade em ações como: montar quebra-cabeça, fazer construção com jogos de encaixe.
- Apresenta criatividade ao brincar com jogos de construção.
- Encaixa potes, empilha latas, enfileira toquinhos e demais objetos.
- Explora objetos e materiais diversos, reconhecendo suas propriedades (amassar, transvazar, empilhar, encher, esvaziar, produzir sons, rolar, etc.).
- Identifica e nomeia figuras geométricas.
- Reconhece no meio natural e social as formas geométricas existentes, descobrindo semelhanças e diferenças entre objetos.
- Caracteriza as figuras geométricas de acordo com suas propriedades.
- Explora e orienta-se no espaço pelo estabelecimento de algumas relações: de vizinhança (perto/longe/próximo), de posição (abaixo/acima/entre/ao lado/direita/esquerda), de direção e sentido (para a frente/para trás, para direita/para esquerda, para cima/para baixo, no mesmo sentido/em sentido diferente).
- Indica a posição de pessoas, animais e objetos, utilizando vocabulário pertinente.
- Indica pontos de referência para situar-se no espaço.
- Desloca-se, em brincadeiras orientadas, verbalizando posições e distâncias nos percursos.
- Representa informalmente a posição de pessoas e objetos e dimensiona espaços por meio de desenhos, croquis, planta baixa, mapas e maquetes.
- Movimenta-se pelos espaços respeitando os limites dos objetos, colegas, móveis, etc.
- Conhece a função dos mapas e percebe a localização de alguns pontos.
- Conhece alguns instrumentos de medida de comprimento, peso, volume e tempo utilizados em situações cotidianas (balança, metro, copo medidor, relógio).
- Observa diferenças entre quente, frio e outras características opostas, em situações lúdicas, dirigidas ou em projetos de trabalho.
- Compara comprimento de dois ou mais objetos para identificar: o maior, menor, igual, mais alto, mais baixo, etc.
- Identifica unidades de tempo: dia, semana, mês.
- Percebe variações do tempo ao utilizar o calendário e a pauta do dia.
- Compreende conceitos relativos ao tempo em programações diárias, usando palavras como: antes, depois, durante e agora.
- Situa-se e organiza-se no espaço e no tempo.
- Percebe que cédulas e moedas compõem o sistema monetário.
- Reconhece algumas cédulas e moedas e as utiliza em experiências com dinheiro em brincadeiras ou em situações de seu interesse.
- Participa de coleta de dados em situações de pesquisa.
- Participa da construção de gráficos pictóricos, de barras e simples a fim de registrar informações ou opiniões coletas.
- Compreende o resultado de gráficos simples.
- Cria estratégias para ganhar jogos.
- Prevê e antecipa jogadas.
- Participa de jogos e brincadeiras de construção (encaixe, quebra-cabeça, blocos, etc)
- Interpreta e acompanha orientações apresentadas por meio de esquemas.
- Percebe-se como parte integrante do meio ambiente.
- Estabelece relações com objetos, pessoas, fenômenos e elementos da natureza por meio da exploração, investigação, pesquisa, questionamento crítico, análise, coleta de informações.
- Apresenta postura investigativa ao realizar pesquisas, experimentações e passeios em espaços da comunidade.
- Investiga, formula hipóteses sobre um determinado tema.
- Faz entrevistas com pessoas da família e da comunidade.
- Realiza registros das observações e descobertas.

- Demonstra respeito por si, pelos outros, pelos demais seres vivos e pelo ambiente em que vive.
- Contribui no cuidado e na conservação de espaços coletivos.
- Identifica a ação humana na alteração dos espaços geográficos e distingue alguns elementos da paisagem.
- Tem atitude de zelo e preservação ao meio ambiente.
- Verbaliza conhecimentos sobre os fenômenos físicos (flutuação e queda dos corpos, equilíbrio, energia, força, magnetismo, luz e sombra, velocidade, movimento, etc), químicos (produção, misturas e transformação), relacionando-os às experiências do cotidiano.
- Manuseia e explora sensorialmente objetos e materiais diversos (morde, olha, cheira, aperta, degusta, ouve, sacode, rasga, embola, enrola etc.).
- Encontra objetos ou brinquedos escondidos.
- Explora o ambiente engatinhando pelos espaços da instituição.
- Desloca-se utilizando velocidades variadas nos brinquedos (escorregadores, gangorras, balanços, velocípede e outros) e nos jogos (corrida de saco, corre-cutia, corridas variadas e outros).
- Observa e prevê a reação dos objetos pela ação dos sujeitos: queda dos corpos, flutuação, movimento do ar, direção, distância, magnetismo por meio de situações cotidianas.
- Explora diferentes objetos e suas relações de causa e efeito (faz bolinha de sabão, colore água, enche e esvazia balões).
- Brinca com areia, água, argila, barro, pedrinhas, gravetos, folhas, vivendo experiências de formar e transformar.
- Coleciona objetos, classificando-os de acordo com as propriedades específicas que esses objetos apresentam.
- Diferencia materiais artificiais de naturais.
- Mistura tintas e descobre novas cores produzidas.
- Identifica diferenças e semelhanças entre os seres vivos.
- Interage com animais e plantas, desenvolvendo ações de cuidado.
- Interessa-se por observar, pesquisar e investigar pequenos animais para conhecer seu modo de vida (alimentação, locomoção).
- Compreende o mundo ao seu redor, agindo sobre ele de maneira positiva e sustentável.
- Recolhe o lixo produzido em situações cotidianas e os destina a locais corretos.
- Reaproveita resíduos sólidos (sucata) para fabricação de brinquedos, para ornamentação da instituição etc.
- Discute com outras crianças e/ou adultos sobre os problemas que ameaçam nosso planeta.
- Economiza bens naturais (água, energia), evitando o desperdício.
- Percebe a alimentação como fonte e qualidade de vida.
- Percebe, nos momentos das refeições, a quantidade necessária para alimentar-se sem desperdiçar alimentos.
- Percebe a transformação, o surgimento de novas substâncias em atividades de culinária, tais como fazer bolo, gelatina, massinha, docinhos.
- Formula hipóteses, as testa e socializa com os pares.
- Formula hipóteses e as representa por meio de diferentes linguagens.
- Comunica ideias, descobertas e propõe soluções.
- Observa e pesquisa sobre fenômenos naturais como: vento, chuva, relâmpago, trovão, estações do ano, dia e noite, etc.
- Discute sobre fenômenos naturais sobre os quais tem notícia: vulcões, terremotos, maremotos, enchentes, movimento e disposição das estrelas e de outros astros.
- Identifica diferentes sensações táteis, olfativas, gustativas, visuais e auditivas.
- Identifica o corpo humano e reconhece a função de alguns órgãos.
- Compreende o próprio corpo por meio da exploração de suas habilidades físicas, motoras e perceptivas.
- Sabe utilizar de forma segura os objetos do cotidiano, conhecendo sua utilidade, seus riscos e sua conservação.

ANEXO 4



ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
PREFEITURA MUNICIPAL DE COLATINA
Secretaria Municipal de Educação
Rua Melvin Jones, 50 – Esplanada – Colatina – ES – 29.702.110 – Tel.: 3177-7064

Relatório Particular¹

Educação Infantil

Escola: _____ Ano Letivo: _____

Aluno(a): _____

Turma: _____ Turno: _____

Data de Nasc.: / / Naturalidade:

Pai: _____

Mãe: _____

Responsável: _____

Deficiência: () Sim () Não CID:

Laudo médico datado em: / /

Assinatura do Professor: _____

Assinatura do Pai ou Responsável: _____

Assinatura do Diretor/Supervisor escolar:

Colatina-ES, de de .

¹ O relatório particular é um registro que trata de aspectos relacionados ao desenvolvimento da criança em diferentes dimensões: cognitiva, emocional, física, afetiva, social. É de caráter confidencial e tem o objetivo de informar à família situações que o professor julgar necessárias a partir de suas observações diárias ou, quando solicitadas por outro profissional que acompanha a criança. Esse tipo de relato pode explicitar possíveis indícios de problemas de saúde, hábitos alimentares da criança na instituição, dificuldades na relação com os adultos e/ou colegas, comportamentos agressivos, instabilidade emocional, insegurança etc.

CRÉDITOS

Desenho da Capa

PEM “Carlos Roberto Menegatti”

Aluna: Penelope Vallentyne Dias Guidoni

Turma: 2º Período

Professora: Camilla Gonçalves Santiago

Desenho dos Créditos

PEM “Carlos Roberto Menegatti”

Aluna: Emily Crislany Vieira Dantas

Turma: 2º Período

Professora: Aline Racanelli de Oliveira



FOTOS ¹²

CEIM “Anjo da Guarda”
CEIM “Evanilda Pimenta Rodrigues Barbosa”
CEIM “Irmã Scheila”
CEIM “Luiza de Marilac”
CEIM “Nossa Senhora Aparecida”
CEIM “Nossa Senhora da Penha”
CEIM “Padre José Bertollo”
CEIM “Pernalonga”
CEIM “Pernalonga” – Anexo
CEIM “Profª Zita Botelho de Almeida”
CEIM “Recanto dos Pássaros”
CEIM “Santo Antônio”
CEIM “São Marcos”
CEIM “Tereza Maria da Silva Gomes”
CEIM “Vicente de Paulo”
CEIM “Vista da Serra”
Creche “Sagrada Família”
EMEF “Amélio Forechi”
EMEF “Benildo Bragatto”
EMEF “Cleres Martins Moreira”
EMEF “Dr. Carlos Germano Naumann”
EMEF “Frei Isaías Léggio da Ragusa”
EMEF “Luiz Dalla Bernardina”
EMEF “Maria Ortiz”
EMEF “Oséas Rangel de Amorim”
EMEF “Profª Matilde Guerra Comério”
EMEF “São Marcos”
Lar “Fabiano de Cristo”
PEM “Carlos Roberto Menegatti”
PEM “Luiz Dalla Bernardina”
PEM “Marcelo Correa”

¹² A divulgação das imagens contidas neste documento foram autorizadas pelos responsáveis nos termos legais.